



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO ACADÊMICO

DIOGO GERALDO DA SILVA GUEDES

A prática do slackline: um diagnóstico de sua incidência no Estado
de Goiás

GOIÂNIA

2023



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ [X] Dissertação ☐ [] Tese ☐ [] Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Diogo Geraldo da Silva Guedes

3. Título do trabalho

A prática do Slackline: Um diagnóstico de sua incidência no Estado de Goiás

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ [XX] SIM ☐ [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a)** consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b)** novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Luis De Deus Inacio, Professor do Magistério Superior**, em 13/11/2023, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diogo Geraldo Da Silva Guedes, Discente**, em 13/11/2023, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4184179** e o código CRC **D650C2C7**.

Referência: Processo nº 23070.051464/2023-51

SEI nº 4184179

DIOGO GERALDO DA SILVA GUEDES

A prática do slackline: um diagnóstico de sua incidência no Estado de Goiás

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Educação Física e Dança, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de concentração: Educação Física, esporte e saúde. Linha de pesquisa: Aspectos socioculturais e pedagógicos da Educação Física e esporte.

Orientador: Professor Doutor Humberto Luís de Deus Inácio

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Guedes , Diogo Geraldo da Silva

A prática do slackline [manuscrito] : um diagnóstico de sua
incidência no Estado de Goiás / Diogo Geraldo da Silva Guedes . -
2023.

cxx, 120 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós
Graduação em Educação Física, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos.

Inclui mapas, gráfico, tabelas.

1. slackline. 2. Práticas corporais de Aventura. 3. lazer. I. Inácio,
Humberto Luís de Deus, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 47 da sessão de Defesa de Dissertação de Diogo Geraldo da Silva Guedes, que confere o título de Mestre(a) em **Educação Física**, na área de concentração em **Educação Física, esporte e saúde**.

Aos vinte e nove de setembro de dois mil e vinte e três, a partir da(s) 16:00, na FEFD/UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **"A prática do Slackline: Um diagnóstico de sua incidência no Estado de Goiás"**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Humberto Luís de Deus Inácio (PPGEF/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Gabriel Carvalho Bungenstab (PPGEF/UFG), membro titular interno; Professor Doutor Giuliano Gomes de Assis Pimentel (UEM), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não** fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Humberto Luís de Deus Inácio**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **vinte e oito de setembro de dois mil e vinte e três**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Luis De Deus Inacio, Professor do Magistério Superior**, em 03/10/2023, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Carvalho Bungenstab, Usuário Externo**, em 03/10/2023, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giuliano Gomes de Assis Pimentel, Usuário Externo**, em 13/10/2023, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4084426** e o código CRC **25B1231C**.

RESUMO

O slackline no Estado de Goiás se caracteriza como uma modalidade recente e pouco tematizada nas pesquisas científicas em nível de *strictu senso*, essa pesquisa buscou por meio de uma investigação descritiva jogar luz nessa prática corporal de aventura a fim de identificar e mapear os locais de prática onde são desenvolvidas, além de diagnosticar o perfil sócio, econômico e cultural dos slackliners (como são chamados os praticantes de slackline). No que tange ao processo metodológico partimos de uma pesquisa qualitativa apropriado dos seguintes instrumentos de coleta de dados: observação participante e questionário semiestruturado. Nesse sentido, compreendemos que os slackline ainda se encontra em pleno desenvolvimento, contudo, há grupos com características próprias e organizados no Estado de Goiás, por outro lado uma grande parcela de praticantes ainda estabelecem uma relação com essa modalidade próxima do espontâneo e casual. Podemos destacar que a prática organizada do slackline no Estado de Goiás está resumida a dois grupos (*monstros do lago e double check*), além disso, o *midline* e o *highline* diferentemente de outras regiões e países, no Estado de Goiás são as variações mais praticadas do slackline, apresentando uma singularidade em relação ao estado investigado. Por fim, podemos concluir que o slackline no Estado de Goiás preserva características lúdicas, diferente dos desportos tradicionais, além disso, destacamos também que as relações estabelecidas entre os *slackliners* são alicerçadas pelo “estar juntos”, compartilhando emoções e sentimentos que são construídos a partir da prática do slackline.

Palavras-chave: *slackline; Práticas corporais de Aventura; lazer.*

ABSTRACT

The slackline in the state of Goiás is characterized as a recent and little-themed modality in scientific research at the *strictu sensu* level, this research sought, through a descriptive investigation, to shed light on this body adventure practice in order to identify and map the places of practice where they are developed, in addition to creating the socio, economic and cultural profile of slackliners (as slackliners are called). Regarding the methodological process, we started with qualitative research using the following data collection instruments: participant observation and semi-structured questionnaire. In this sense, we understand that slacklining is still in full development, however, there are groups with their own characteristics and organized in the state of Goiás, on the other hand, a large number of practitioners still establish a relationship with this modality that is close to spontaneous and casual. We can highlight that the organized practice of slackline in the state of Goiás is summarized in two groups (lake monsters and double check), in addition, the *midline* and *highline*, unlike other regions and countries, in the state of Goiás are the most practiced variations of slackline, presenting a singularity in relation to the investigated state. Finally, we can conclude that slacklining in the state of Goiás preserves playful characteristics, different from traditional sports. Furthermore, we also highlight that the relationships established between slackliners are based on “being together”, sharing emotions and feelings that are built from of practicing slackline.

Keywords: *slackline; Adventure bodily practices; Leisure.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 OBJETIVOS.....	6
1.1 Objetivos específicos	6
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
2.1 As práticas corporais de equilíbrio sobre cordas	6
1.1.1 Slackline	10
2.1.2 Variações do <i>Slackline</i>	12
2.1.3 Slackline no Brasil.....	14
2.2 O Lazer em Foco	18
2.2.2 Lazer de Aventura	23
2.2.3 As Práticas Corporais de Aventura	34
3 Percurso metodológico da pesquisa.....	40
3.1 Instrumentos	43
3.2 Sujeitos.....	48
3.3 Procedimentos da pesquisa.....	50
3.4 Análise dos dados	51
4 A PRÁTICA DO SLACKLINE NO ESTADO DE GOIÁS	52
4.1 Caracterização do perfil dos slackliners.....	53
4.2 ORGANIZAÇÃO DOS SLACKLINERS NO TEMPO E ESPAÇO	55
4.2.1 Primeiro contato com o slackline	55
4.2.4 Segurança no slackline	64
4.2.5 Conflitos socioambientais.....	67
4.2.6 Duplo aspecto educativo do slackline	71
SLACKLINE NO ESTADO DE GOIÁS.....	87
5. Mapeamento do slackline em Goiás	87
5.1 Grupos	87
5.1.2 Lógica interna do grupo investigado	91
5.1.3 Busca pela aventura na natureza	94
5.2 Eventos de slackline	98
5.2.1 Motivação para a prática do slackline	100
6 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	106
REFERÊNCIAS	108
ANEXOS.....	115

ANEXO 3	120
---------------	-----

INTRODUÇÃO

O slackline¹ é uma modalidade de aventura que consiste, de forma objetiva, em uma fita de nylon tensionada entre dois pontos fixos cujos objetivos centrais são: equilibrar sobre a fita e atravessá-la. Ashburn (2013) cita que a modalidade é oriunda do vale Yosemite que está localizado entre as montanhas de serra nevada no estado da Califórnia nos Estados Unidos. Segundo Thomann (2012) ela surge nos Estados Unidos em meados do século XX, e a hipótese para sua origem mais difundida em trabalhos científicos e páginas destinadas ao slackline nos diz que essa prática corporal emerge como uma atividade no momento de lazer dos montanhistas que se equilibravam sobre cabos de aço.

As décadas seguintes foram importantes para a evolução da modalidade tendo os escaladores como figuras centrais no desenvolvimento dos equipamentos específicos para essa prática. Conforme aponta Vallery e Neumann (2013) o jovem esporte passou a ser praticado não apenas por escaladores, mas também por outros sujeitos que eram adeptos as práticas corporais no momento de lazer.

No campo metodológico, Thomann (2012) ressalta que a primeira pesquisa propondo um método para o ensino das técnicas do slackline foi elaborada por Kroiss (2007). Esse autor desenvolveu a pesquisa no campo da Educação Física escolar alemã apresentando detalhadamente os conceitos concernentes à modalidade, os procedimentos responsáveis por evidenciar como ocorreram as aulas, as atitudes dos alunos que participaram da pesquisa e suas avaliações sobre as experiências vivenciadas. Dessa forma, o autor apresenta um método de ensino no qual é possível replicá-lo em outras realidades.

Kroiss (2007) percebeu que essa prática apresentava um grande potencial educativo que também é compartilhado pelas demais práticas corporais de aventura. O autor desenvolveu seu trabalho com o slackline para refletir a sua realidade escolar como o locus de possibilidades para o desenvolvimento de novas práticas corporais.

Inicialmente, destacamos que as primeiras pesquisas com o slackline no Brasil se deram refletindo o seu papel pedagógico². Na década passada (2010 a 2019) houve um crescimento vertiginoso nas pesquisas envolvendo a prática do slackline no ambiente escolar (GUEDES e BUNGENSTAB, 2018).

¹ Apesar de ser uma palavra em língua inglesa, não será apresentada com letras em *‘itálico’*, como regem as normas porque já consta do Dicionário Michaelis em português. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/slackline/>. Acesso em 13/09/2023.

² Podemos citar o trabalho de Pereira (2013) que apresentou aos alunos um processo avaliativo a partir da prática do slackline.

Contudo, o slackline foi disseminado no cenário brasileiro a partir de 2010, como aponta Xavier (2012). Nesse cenário podemos perceber que a modalidade passou a ser acessada como alternativa no lazer, é possível ver em jornais e revistas online³ esse movimento. A partir desse recorte os pesquisadores passaram a apresentar estudos (ainda em fase embrionária) que tematizavam o slackline, seja no ambiente escolar ou no lazer.

Entretanto, é possível identificar apenas artigos e algumas monografias que se debruçaram nessa temática a fim de compreender esse novo fenômeno no tempo livre, lançando um olhar para as suas possibilidades no campo da Educação Física. Podemos citar os trabalhos de Xavier (2012); Pereira (2013; 2012); Ribeiro (2014); Sodré (2015); e Barros (2015).

Nesse recorte histórico poucas produções sobre a temática chegavam às revistas e acervos bibliográficos, essa escassez pode ter relação com a sua recente aparição no contexto brasileiro. As pesquisas científicas sobre o slackline em nível de *stricto sensu* carecem de estudos iniciais; compreendemos que a modalidade apresenta possibilidades de intervenção no campo acadêmico, cultural e social.

Inicialmente, vale citar que o Estado de Goiás foi o primeiro local onde se tem registro em trabalho científico acerca da criação de um centro de treinamento de slackline, esse espaço foi criado em 2012 (PEREIRA, 2017). O local ficava localizado na cidade de Aparecida de Goiânia/Goiás, cidade que compõe a região metropolitana da capital do estado – Goiânia/Goiás. Segundo um dos organizados desse centro de treinamento na reportagem de Folhaz (2020), esse espaço contava com “área coberta, equipamentos profissionais, monitores, colchões e acompanhamento para o desenvolvimento dos atletas, além de alongamento, pilates e muito mais”.

Esse fator pode ter contribuído para a disseminação da prática do slackline em todo o Estado, pois, se considerarmos que o seu surgimento se deu nas praias cariocas, registros que remonta o início da década de 2010, a criação desse espaço pensado para o treinamento do slackline em 2012 pode ser um fator importante de inserção dessa prática corporal em solo goiano.

Buscaremos a partir da presente investigação apresentar o atual cenário do slackline no Estado de Goiás, e como se dá a relação dos praticantes com a modalidade, buscando compreender os diferentes contextos em que houver a incidência dessa prática corporal. Nesse sentido, essa pesquisa parte da seguinte problemática: quais são os locais onde há

³ Segundo Folhaz (2021), o slackline ganhou as praias do Rio de Janeiro a partir da década de 2010, se espalhando para os outros estados do país nesse contexto.

praticantes de slackline no Estado de Goiás, e qual a relação dos sujeitos com essa modalidade?

1 OBJETIVOS

A investigação aqui proposta será desenvolvida no âmbito da Pesquisa “Práticas corporais de lazer em municípios de Goiás: Diagnósticos e análises”, cujo objetivo geral é:

Diagnosticar e analisar o contexto das Práticas Corporais realizadas pela população goiana em seu tempo livre Lazer, objetivando proposições de políticas públicas administrativas, legais e educacionais, bem como setoriais, balizando e balizando pelo desenvolvimento de projetos científicos, educacionais e de extensão. (INÁCIO, 2021). (grifos próprios)

Portanto, este estudo se propõe a diagnosticar e analisar a incidência do slackline no Estado de Goiás. É importante compreendermos que essa prática corporal de aventura se insere no cenário goiano a partir do início da década passada, e passa a fazer parte do momento de lazer dos goianos por vezes com maiores ou menores proporções, contudo, resistindo e disseminando-se.

A pesquisa supracitada é coordenada pelo Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio (FEFD/UFG) e foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFG com o número CAEE 40174920.2.0000.5083. Nesse sentido, o projeto que estamos aqui propondo se insere nessa pesquisa já validada, e que está sendo desenvolvida no cenário goiano.

1.1 Objetivos específicos

- I. Realizar mapeamento das regiões do estado onde a modalidade é praticada;
- II. Descrever o perfil dos praticantes (social, cultural e econômico);
- III. Identificar as variações praticadas de slackline em Goiás, como: *highline*; *waterline*; *trickline*, dentre outras;
- IV. Compreender o papel do slackline na vida dos praticantes;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As práticas corporais de equilíbrio sobre cordas

Na tentativa de elucidar o problema posto nessa pesquisa, jogaremos luz sobre o slackline a partir dos conceitos concernentes ao campo do lazer e da constituição do que convencionalmente chamamos de Práticas Corporais de Aventura.

Sendo assim, esse processo foi dividido em 4 momentos, a saber: uma revisão histórica acerca do surgimento do slackline; um debate acerca dos conceitos do lazer que se apresentam como pano de fundo dessa investigação, haja vista que a prática do slackline acontece no tempo disponível das obrigações dos sujeitos; um olhar para o objeto da pesquisa a partir do conceito das práticas corporais de aventura; e, por fim, uma análise dessa investigação incidindo em consideração iniciais sobre o fenômeno estudado.

Apesar do slackline ser uma prática recente que vem ganhando novos adeptos no mundo, concordamos com Celestino (2014, p.18) ao apontar que “Pouco se sabe sobre a origem do slackline devido à falta de referencial teórico a respeito desta modalidade, porém surgiram algumas hipóteses sobre a sua origem”. Sabemos que o elemento central dessa prática corporal é o equilíbrio, nesse sentido, buscamos nas diferentes culturas e sociedades ao longo da história a ação de equilibrar-se e sua relação social, não como forma de vincular-se a origem do slackline, mas para compreendermos um dos elementos centrais dessas práticas.

Segundo Demoriane (1989) citada por ‘*The blondin memorial Trust*’ (2008) na Grécia Antiga por volta de 1453 d.C os gregos distinguiam os caminhantes sobre cordas da seguinte maneira: O *oribat* – dança na corda, *neurobat* – coloca sua corda em grandes alturas, *schoenobat* – voa pela corda, e o *acrobat* – faz acrobacias na corda. Essa distinção perdurou até 260 a.C até que o Censor Messala as uniu em um único termo em latim: *funambulus*, que na tradução é funâmbulo, fazendo referência ao praticante - funâmbulo é aquele que anda na corda bamba, e não mais às práticas em si.

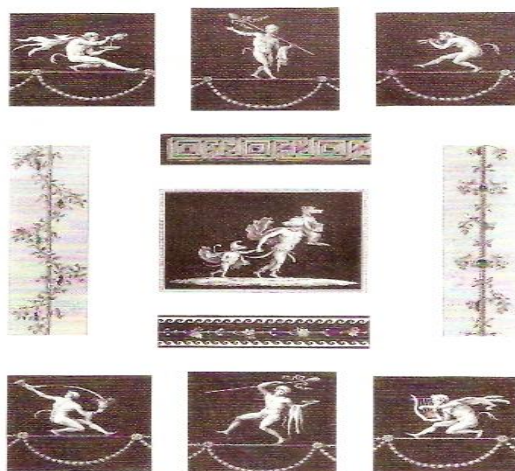
As práticas dos funâmbulos na Grécia antiga eram vistas como algo mágico, estético e distante de uma ação tecnicista e/ou esportiva, essa visão influenciou a percepção popular nesse momento histórico a ponto de desconsiderá-la nas olimpíadas e nos jogos públicos como uma prática gímnica, como aponta Demoriane (1989) citado por *The blondin memorial Trust* (2008), Segundo a autora esses equilibristas foram tratados como artistas tamanho apreço da sociedade Grega, a ponto de criarem uma categoria de jogos que priorizavam a espetacularização dessa prática.

Não obstante, acima das ruas de Roma (3.000 a.C – 476 d.C) os funâmbulos faziam suas apresentações até mesmo no Coliseu, Segundo Ashburn (2013, pg. 13):

[...] Antigas pinturas de gesso, enterradas por 1.700 anos sob a mesma cinza vulcânica que enterrou a antiga cidade de Pompéia, retrata o que parecem pequenos demônios caminhando no que são inconfundivelmente cordas bambas esticado sobre A-frames, uma estrutura slackliners ainda usada hoje. Esta descoberta estende a escrita (ou pintura) registro de caminhada na corda bamba desde 79 d.C.[...]

Contudo, diferentemente do que se via na Grécia onde os funâmbulos tinham a admiração popular e dos políticos que os tratavam como artistas e sua arte contavam como parte da educação dos jovens, em Roma os seus representantes encontravam-se em conflito com a sociedade ao andar na corda bamba, pois suas apresentações aglutinaram outras expressões, como a dança, a sátira sobre as traições morais da política e da sociedade, e a moral que se constituía com o recém-nascimento do cristianismo (DEMORIANE, 1989) citado por *The blondin memorial Trust* (2008).

Figura 1: Seis funâmbulos de Pierre Phillipe Choffard (1804)



Fonte: *The blondin memorial Trust* (2008).

No oriente também há registros de equilibristas sobre cordas que remontam à dinastia Han (206 a.C – 220 d.C), como aponta Pereira (2017) ao citar Qifeng e Xining (2003), o autor afirma que equilibrar sobre cordas remonta as travessias sobre terrenos íngremes separados por rios, sobre estruturas feitas de cordas dentre outras, e essa prática passou por transformação e evoluiu para o âmbito do espetáculo, tornando-se uma forma de entretenimento para a sociedade chinesa.

Na tradição coreana também existe uma prática corporal de equilíbrio sobre corda, segundo Ashburn (2013, pg.13) “[...] o *jultagi* existe, mas pode ter começado a 57 a.C. Agora considerado parte do patrimônio cultural da Coreia, *Jultagi* é uma forma única de caminhar

na corda bamba, em que os artistas combinam performance acrobática com música e atuação.”

Figura 2: Jultagi



Fonte: *National Research institute of Cultural Heritage, 2000.*⁴

Na metade do século XIX com a prática difundida por meio do circo, andar na corda bamba passa a compor o espetáculo circense. Surge então nesse contexto o “maior funâmbulo” - assim relatado por Cavendish (2009), Jean-François Gravelet que ficou conhecido como ‘Blondin’; ele atravessou as Cataratas do Niágara em 1859, em uma corda de cânhamo de 7,5 cm de diâmetro, percorrendo uma distância de 305 metros de uma margem a outra e aproximadamente 82 metros de altura.

Figura 3: “Blondin sobre a corda bamba”



Fonte: *The blondin memorial Trust (2008).*

Blondin chamou a atenção dos jornais da época ao atravessar com objetos e até uma pessoa sobre suas costas, como aponta Cavendish (2009), tornando assim seu espetáculo versátil e com muitos espectadores. Provavelmente o mais famoso equilibrista da era moderna seja Philippe Petit, que construiu sua fama ao equilibrar-se entre as torres gêmeas em Nova York no ano de 1974 (ASHBURN, 2013). A exposição dada a sua saga foi maior

⁴ Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/RL/jultagi-tightrope-walking-00448>. Acesso em 20 de maio de 2022.

ainda graças ao filme baseado nessa ação intitulado “*A travessia*” (estreou em 08 de outubro de 2015).

1.1.1 Slackline

Diferentemente das práticas corporais de equilíbrio apontadas no tópico anterior, o slackline é fruto da sociedade moderna, essa prática sofreu fortes influências da tecnologia o que possibilitou o seu desenvolvimento – equipamentos, fitas e segurança – a níveis incomensuráveis. Portanto, aqui apontamos o slackline como uma prática corporal fruto da modernidade, com alusões em outras sociedades e culturas.

Há uma divergência conceitual e histórica enquanto a origem do slackline, segundo Celestino (2014) existem duas vertentes para explicar o surgimento dessa prática corporal. A primeira aponta que slackline surgiu nos anos de 1980, com dois escaladores (Adam Grosowsky e Jeff Ellington) que decidiram ancorar uma fita a 300 metros de altura na posição horizontal, entretanto não atravessaram.

Uma segunda hipótese, também diz que o surgimento do slackline se dá na década de 1980 no estado da Califórnia onde fica localizado o vale de *Yosemite*. Nesse cenário o slackline é uma prática oriunda da escalada, segundo Ashburn (2013) montanhistas que buscavam melhorar seu equilíbrio andavam sobre as correntes e cordas de escaladas desde a década de 1960 em acampamentos nesse parque.

Plaickner (2018) faz reflexões pertinentes na intenção de desassociar o surgimento e evolução do slackline das demais práticas corporais de equilíbrio. Nesse sentido, o autor compreende que tanto as técnicas empregadas, os equipamentos e objetivos, não são compatíveis a ponto de emular a história das diferentes manifestações de equilíbrio como sendo a origem do slackline. Além disso, é correto citar que o fascínio pelo equilíbrio existe desde o momento em que criaram a corda (PLAICKNER, 2018). Contudo, é inegável dizer que não há influências das diferentes manifestações de equilíbrio ao longo da história na prática moderna do slackline, entretanto, não há evidências substanciais para recorrê-las como a origem do slackline.

Apesar dessa divagação, esses cenários são apontados na incipiente literatura sobre a origem dessa prática corporal, contudo, concordamos com Celestino (2014, p.21) ao dizer que “Dos antigos equilibristas circenses aos atuais escaladores, não devemos nos importar com sua origem e sim onde essa modalidade pode chegar”.

Apesar da sua origem ser incerta, Ashburn (2013) apresenta-nos uma obra com elementos históricos e conceituais que não podemos ignorar quando se trata da constituição dessa modalidade. Segundo o autor a nomenclatura com a qual a prática veio a ser difundida – slackline –, só veio a ser massificada com o advento da evolução dos equipamentos, e do sistema “primitivo” desenvolvido por Jeff Ellington e Adam Grosowsky (ASHBURN, 2013 p. 15).

Esse sistema de ancoragem da fita utiliza-se de mosquetões próprios para escaladas propiciando um mecanismo de tensão muito potente, até os dias atuais é possível identificar praticantes de *highline* utilizando esse método de ancoragem, nas outras variações é mais comum se utilizar do kit de catraca, que representa a evolução do sistema primitivo e possibilita uma ancoragem com maior facilidade na montagem e desmontagem. Assim como a evolução tecnológica dos equipamentos, a mídia também representou um fator determinante na disseminação da modalidade (ASHBURN, 2013).

A partir dos anos de 1990 a prática do slackline passou a ser difundida para além dos Estados Unidos, e a internet impulsionou ainda mais a sua popularidade em todo o mundo. Kroiss (2007) relata que as revistas de esportes em montanhas passaram a fazer matérias sobre a modalidade na Alemanha, as emissoras de televisão também apresentaram reportagens de forma a popularizar a sua prática nesse país. Ashburn (2013) afirma que esse sucesso nas mídias se inicia com as performances de Andy Lewis, que segundo o autor foi o primeiro praticante a gravar um *backflip* (Cambalhota no ar) feito sobre a fita do slackline, e “[...] se tornou viral, aparecendo em um comercial da *Nike* que apresentava manobras criadas pelo mundo” (ASHBURN, 2013 p. 15).

Outro marco temporal no slackline ocorreu no ano de 2006, quando o escalador e slackliner Heinz Zak criou o primeiro evento internacional de slackline no estado do Tirol na Áustria, como aponta Plaickner (2018). Além disso, o *highline* teve um papel importante na disseminação do slackline, somando ao fato que Heinz Zak apresentou o primeiro kit de slackline criado por uma empresa de equipamentos para montanhistas, o que ajudou na sua disseminação pelo mundo (PLAICKNER, 2018).

Destarte, ao passo que a internet também se popularizou nas camadas jovens, o slackline passou a ser divulgado como manifestação corporal desses grupos em redes sociais. Ashburn (2013) diz que com advento desse meio de comunicação os praticantes passaram a compartilhar conhecimentos e manobras em forma de vídeos e debates em fóruns na internet. Nesse bojo, “[...] jovens e adultos no Japão, América do Sul, Estados Unidos e o Canadá

começaram a contribuir com suas manobras tanto pessoalmente como online [...]” (ASHBURN, 2013, p. 16), sendo esse conjunto de fatores importante para sua globalização.

Com esse desenvolvimento percebe-se por meio das produções acerca do slackline que a especialização por meio dos diferentes equipamentos e materiais que visavam diferenciar a forma de uso, foi importante para o surgimento de slackliners especializados em fitas altas, longas, mais elásticas dentre outras, que se tornaram comuns nas lojas de produtos esportivos (PLAICKNER, 2018).

2.1.2 Variações do *Slackline*

Nesse sentido, apresentaremos algumas variações⁵ do slackline que são mais praticadas e suas características básicas. É possível identificar um grupo de “slackliners” como Ashburn (2013) denomina os praticantes, e não ser capaz de afirmar qual o estilo, a variação ou a nomenclatura agregada a essa prática. Com a evolução dos equipamentos próprios para a prática do slackline, os praticantes passaram a criar formas de se equilibrar, criar movimentos, agregar manobras de outros esportes culminando na criação de diversas variações dessa prática.

O *trickline* (*Trick* = manobra; *Line* = linha) é a modalidade onde o objetivo é executar manobras sobre a fita, para isso a ancoragem do equipamento deve estar em pontos fixos não muito distantes sob uma altura de aproximadamente 60 centímetros do solo. Nessa modalidade as manobras básicas são compostas por saltos, giros e mortais, de forma que o slackliner retorne em equilíbrio sobre a fita (PEREIRA, ARMBRUST, 2017).

Soma-se a essas características o fato dessa variação ser uma das mais praticadas do slackline, além de ser a principal nos campeonatos mais importantes do mundo que visa o alto rendimento. Ashburn (2013) ressalta que devido a essa popularidade, praticantes de outros esportes como a ginástica passaram a praticar o *trickline* agregando novas manobras e estilos, aumentando o leque de possibilidades. Devido essa aproximação com os elementos gímnicos, essa variação apropriou-se de diferentes movimentos da ginástica, o que fez do *trickline* uma prática competitiva de fácil avaliação por meio de critérios objetivos. Para Plaickner (2018), competir no *trickline* é muito mais importante do que nas demais variações, levando em consideração que há uma dificuldade em de criar parâmetros objetivos nas demais práticas.

⁵ Utilizaremos o termo “variações” para designar as novas possibilidades de práticas oriundas do slackline clássico, por entender que o slackline é a nomenclatura que designa a modalidade, e todas as novas práticas que surgiram com o avanço dos equipamentos, são variações dessa modalidade.

No **longline** (*Long* = Longa; *Line* = Linha) o que predomina são as longas distâncias percorridas em equilíbrio sobre a fita. Nessa modalidade, as ancoragens podem ser feitas a partir dos 30m (metros), em altura que pode variar entre 1,5m do solo para distâncias menores como a apresentada anteriormente, até 4m do solo para distâncias maiores (PEREIRA, ARMBRUST, 2017). Os recordes de maiores distâncias percorridas foram quebrados com o desenvolvimento de equipamentos mais seguros, e que promovem mais possibilidades de ancoragem em locais extremos.

Um claro exemplo dessa evolução é relatado por Ashburn (2013), o qual destaca que em 2005 o recorde foi estipulado em 100 m por um alpinista, e anos depois, em 2013, o recorde subiu para 494 m, uma discrepância considerável e creditada pelo autor a evolução tecnológica dos materiais.

O *longline*, a exemplo das demais variações que ocorrem em espaços públicos como parques, bosques e praças, ocupam espaços consideráveis levando em consideração a extensão da fita. Para Buckingham e Spottl (2016) houve bastante conflitos entre gestores, proprietários de espaços arborizados e slackliners que usavam os locais para ancorar seus *longlines*. Como forma de amenizar esses conflitos, os slackliners passaram a engajar nos debates acerca dos impactos dessa prática a fim de criarem resoluções para esse problema. Para Buckingham e Spottl (2016, p.2) “Experiências dos últimos anos mostraram que o *longline* pode ser uma atividade muito segura e ambientalmente amigável, se as melhores recomendações forem seguidas.”

Já o **highline** (*High* = Alto, *Line* = Linha) apresenta por vezes as condições mais extremas dentre as variações do slackline. De forma conceitual esta variação é praticada em alturas superiores a 20m, e com uso de equipamentos específicos como a cadeirinha para prender o praticante a fita, e uma solteira (fita ou corda presa à cadeirinha e a fita) com um anel de aço próprio para deslizar na fita, para garantir a segurança do praticante (PEREIRA, ARMBRUST, 2017). Essa modalidade pode ser praticada em diferentes locais, e dessa forma as demandas por equipamentos também são variadas, a depender da localização. Picos de montanhas, prédios, penhascos são algumas possibilidades.

Para Witz e Buckingham (2014) a prática do *highline* apresenta características próprias em comparação com as demais variações. Primeiramente, destaca-se que o conjunto de equipamentos comuns de slackline, não são apropriados para a prática do *highline*, além do mais, a inserção nessa variação deve ocorrer invariavelmente monitorada por praticantes mais experientes. Além disso, essa variação também exige dos praticantes conhecimentos

básicos de primeiro socorros e técnicas de resgates, sendo a única que necessita desses conhecimentos prévios.

Por fim, o **waterline** (*Water* = Água, *Line* = Linha) é a variação onde se pratica sobre a água, a qual se torna uma prática divertida e diferentemente das demais, onde a queda é um dos seus objetivos.

Soma-se a essa classificação outras variações possíveis do slackline, que surgem como resposta às necessidades dos praticantes, que por vezes apresentam limites de diferentes ordens que os impedem de praticar as variações apresentadas acima, e acabam criando outras variações dentro da sua realidade. Podemos citar o *midline* – Praticado em alturas entre 5m e 20m, assim como o *yogaline* – onde predominam os movimentos da yoga sobre a fita, e o *baseline* – Onde o praticante salta da fita ancorada em grandes alturas com uma mochila de paraquedas. Nota-se que as variações surgem como respostas aos limites apresentados pelas principais variações citadas anteriormente (ASHBURN, 2013).

Vale destacarmos o *midline*, que vêm ganhando muito espaço no cenário do slackline mundial. Buckingham e Gesing (2015), compreendem que essa variação ao contrário do imaginário apresenta riscos consideravelmente maiores do que a prática do *highline*, que apresenta alturas superiores. Para os autores, devido as baixas alturas praticadas essa variação tem apresentado riscos envolvendo a segurança dos participantes, já que esse sistema é o mesmo utilizado na prática do *highline*, e diferentemente da última, no *midline* o sistema de segurança deve ser empregado de forma mais estática a depender da proximidade com o solo. Apesar desse elemento, no *midline* vêm crescendo nos centros urbanos devido a sua flexibilidade de alturas e pontos de ancoragens, podendo ocorrer em bosques e parques que tenham grandes árvores, prédios e estruturas públicas.

Se levarmos em conta o cenário brasileiro que nos apresenta diferentes biomas formando paisagens incríveis e propícias para o desenvolvimento das práticas corporais de aventura, o slackline encontrou terra fértil para a sua disseminação nas diferentes regiões. É importante compreendermos como se deu o processo de introdução dessa prática no nosso país, a fim de conhecer quem são os sujeitos que estão apropriando dessa prática no seu tempo disponível.

2.1.3 Slackline no Brasil

O slackline foi introduzido no Brasil na primeira década dos anos 2000 por escaladores estrangeiros que disseminaram a prática inicialmente no Rio de Janeiro como

aponta Xavier (2012). Não obstante, a mesma autora diz que em 2006 um praticante da modalidade realizou a primeira travessia de *highline* sobre a Pedra da Gávea, fato este que a autora acredita ter sido o pontapé inicial da modalidade no país.

Sodré (2015) também ressalta o início do slackline no país, contudo, aponta para sua disseminação em massa a partir de 2010 em função do surgimento de iniciativas sociais, eventos competitivos e encontros dos praticantes para a prática da modalidade. Somam-se a isso as reportagens e matérias nos blogs e jornais digitais relatando a ‘moda’ entre os jovens que surgia em 2010 nas praias do Rio de Janeiro⁶.

As redes sociais também exerceram um papel importante nesse processo, segundo Sodré (2015) com a massificação da prática no país os praticantes passaram a divulgar seus vídeos, marcar encontros, se organizarem e criar comunidades que ajudaram na expansão da modalidade. Houve então demanda das mídias especializadas, a fim de compreenderem esse novo fenômeno cultural devido à procura de informações relacionadas ao slackline.

É importante relatar alguns eventos que ocorreram nesse processo histórico, Xavier (2012) faz uma relação do surgimento de uma empresa segmentada para desenvolver equipamentos de slackline⁷ que viabilizou a prática competitiva nas diferentes variações do slackline. A Gibbon foi a empresa que subsidiou a criação do primeiro campeonato mundial de *trickline*. Xavier (2012, p. 16), diz que:

[...] a Gibbon, desde 2009, promove a *world cup slackline*, competição que reúne os melhores atletas do mundo. No entanto, suas primeiras edições não havia regulamentação específica, até que em 2011, foi criada a *World Slacklines Federation* – WSFED, que tem como principal objetivo, regulamentar as regras de competições mundiais, segundo consta em sua página virtual.

A organização institucional do slackline potencializou a sua prática em diferentes estados do Brasil, em 2014, havia cinco federações atuando para a modalidade, são elas: federação gaúcha – FGSlackline; federação paranaense – FPSlackline; federação paulista – FPS; a federação mineira – FMS; e a federação do carioca – FSRJ (SODRÉ, 2015).

Na cidade de Aparecida de Goiânia foi criado um grupo de treinamento de slackline, denominado de “CT-GO” no ano de 2012, o qual chamou a atenção para a modalidade no centro-oeste brasileiro, como aponta matéria no blog ‘Folhaz’ (2020). Contudo, Sodré (2015) diz que as federações têm encontrado dificuldades para se estruturarem.

⁶ “slackline: conheça o esporte praticado em cima da corda bamba”. Disponível em <: [Rede Globo > É do Pará - Conheça o slackline, esporte que mistura elástico e corda bamba](#)>. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

⁷ Disponível em <: <https://www.gibbon-slacklines.com/en/>>. Acessado em 23 de fevereiro de 2022.

Esse fato corrobora com uma pesquisa nas plataformas digitais das referidas federações supracitadas, pela qual pudemos constatar que os *sites* disponíveis para acesso das federações não estão em funcionamento, e as últimas publicações na rede social *facebook* de todas as federações citadas, remontam a 2018. Sodré (2015) acredita que as dificuldades estão ligadas com o fato de ser recente sua inserção no cenário brasileiro.

No cenário goiano o slackline teve uma grande expressão no início da década passada, mais precisamente a partir de 2012 como já citado anteriormente (FOLHAZ, 2020), nesse período era possível ver slackliners povoando os parques e praças principalmente na capital do estado (Goiânia/Goiás), além de edifícios e monumentos públicos. Foi possível identificar em páginas de redes sociais⁸ e blogs interações entre participantes envolvidos com essa prática, e por meio desses canais de comunicação eles marcavam os encontros para andar na fita em eventos nos parques e cidades turísticas no Estado de Goiás.

Provavelmente o caso de maior sucesso onde é possível identificar um projeto de incentivo para o desenvolvimento do slackline, seja a criação de um “*Slackpark*” no parque Ibirapuera na cidade de São Paulo. Segundo Sodré (2015, p. 19) esse parque:

[...] possui desde maio de 2012 um *slackpark*, ou seja, uma área destinada exclusivamente para a prática do slackline. Assim como este, há também casos isolados de algumas cidades que com a parceria entre algumas pessoas ligadas ao esporte e a prefeitura conseguiram espaços exclusivos na cidade para a prática do slackline. Como exemplo temos a cidade de Descalvado no interior do estado de São Paulo, que construiu um *slackpoint* em uma área da cidade, beneficiando e facilitando o acesso dos praticantes ao esporte, além de proporcionar uma nova área de lazer para a população.

O Estado de Goiás possui um grande potencial para a disseminação dessa prática corporal, levando em conta apenas a capital do estado (Goiânia), é possível observar que dentre todas as capitais brasileiras Goiânia é aquela que apresenta o maior índice de área verde por habitante (94 m²), e no mundo fica atrás apenas da cidade de *Edmonton* no Canadá, com índice de 100 m² (GOIÂNIA, 2022). Além disso, a cidade também conta com a maior quantidade de parques e bosques entre todas as capitais brasileiras, sendo 42 o número total (GOIÂNIA, 2022), ou seja, locais propícios para o desenvolvimento do slackline no âmbito do lazer.

⁸ Na plataforma *facebook*, encontramos o grupo *slackmafia*, cuja descrição na plataforma é “Grupo de amigos que vivem a slacklife”. Link: <https://www.facebook.com/search/top?q=slackmafia>. Além desse grupo, também encontramos a página @GOslack, cuja descrição diz “GO! Lifestyle, Equilíbrio – Esportes – Estilo de vida.” Link: <https://www.facebook.com/GoSlack/>.

Nesse cenário torna-se necessário discutir o slackline enquanto uma prática corporal de lazer, contudo, ao olharmos para a incipiente produção acerca dessa temática no Brasil, destaca-se um conflito recorrente entre os praticantes de slackline e gestores responsáveis por regular os espaços públicos de lazer. Ashburn (2013) relatou em seu livro os problemas gerados pela prática do slackline em parques nos estados unidos, o que ocasionou diversas coerções das instituições que regulam esses espaços até mesmo o uso da força policial.

No Brasil também há casos de proibições do uso das árvores em parques que tenha a finalidade de ancoragem do slackline. Em um deles, Alves e colaboradores (2019) apresenta um caso de conflito socioambiental na cidade de Volta Redonda/RJ onde a gestão municipal proibiu praticantes de slackline de utilizarem as árvores em duas praças de um bairro nessa cidade. Nesse caso, a coerção foi exercida pelos guardas municipais da cidade presentes nessas praças sob o argumento de que as fitas poderiam degradar as árvores, vale ressaltar que a variação praticada pelos sujeitos nesse caso era o *trickline*.

Essa argumentação joga luz no ambiente natural, tratado com uma fragilidade e que diante desse cenário passa a se constituir apenas como uma oportunidade de lazer contemplativo, limitando as possibilidades de apropriação desses espaços como partícipe da relação homem e natureza. Contudo, Alves e colaboradores (2019) por meio de entrevistas com esses sujeitos identificaram que, mesmo diante das proibições eles frequentemente transgrediam-nas gerando desconfortos cotidianamente.

Podemos identificar nesse contexto analisado por Alves e colaboradores (2019) uma busca dos gestores para a preservação das praças. Esse olhar para a natureza manifestada nas praças pode limitar as possibilidades de manifestação das produções culturais. Levando em consideração que estamos lidando com uma prática corporal, Rodrigues e Gonçalves Junior (2009, p. 992) compreendem que:

O aspecto mais preocupante de uma abordagem preservacionista é a questão de que despreza o potencial maior de um possível caminho pela motricidade humana para um trabalho de educação ambiental: a relevância do movimento na formação da identidade do indivíduo, e as possíveis relações dessa educação corporal para uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória.

É importante compreendermos se há de fato ações coercivas que impedem a prática do slackline em espaços que remetem a natureza pautado num discurso preservacionista. Essas preocupações são justificadas diante de uma sociedade cada vez mais degradante e consumista, contudo, é importante pontuar que o slackline surge justamente na relação entre o homem e a natureza, pautado num conjunto de movimentos repletos de sentidos e

significados influenciados pelo contato com o meio natural. Destarte, é válido conjecturar que essa relação pode ocorrer como possibilidade de superação dos preconceitos diante das práticas corporais de aventura.

Torna-se necessário investigar como o slackline vêm sendo apropriado no Estado de Goiás, a fim de refletir o espaço que essa prática tem alcançado nos espaços de lazer, em especial nas praças e parques das cidades onde há incidência dessa prática corporal. Logo, é importante compreendermos as interfaces entre a prática do slackline como uma possibilidade de lazer, e os elementos conceituais que caracterizam o lazer enquanto um campo de estudos e de apropriação na sociedade seja pelos sujeitos, ou instituições sociais.

2.2 O Lazer em Foco

O slackline se insere no bojo das práticas corporais de aventura, que por sua vez, constitui-se uma das dimensões contemporâneas do lazer, essa relação será aprofundada neste capítulo. Por se tratar de um campo de estudos polissêmico, é importante situar as práticas corporais de aventura dentro desse debate, pois essas práticas também estão inseridas no contexto escolar e de rendimento. Sendo assim, se faz necessário abordar os estudos do lazer como pano de fundo desse trabalho, de forma que possamos jogar luz em alguns dos principais conceitos construídos historicamente nesse campo.

O lazer se apresenta como uma importante dimensão da vida humana que está para além da vivência das atividades lúdicas e divertidas, cuja finalidade pode ser a alienação das pessoas (MELO e ALVES JUNIOR, 2003) ou uma prática que possibilite o sujeito usufruir criticamente do patrimônio cultural, e que o proporcione desenvolvimento pessoal (MARCELLINO, 1995).

Convergindo com essa ideia, Mascarenhas (2003, p. 97) vai dizer que o lazer é “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassando por relações de hegemonia”.

Todavia, o lazer a partir da revolução industrial serviu para diferentes finalidades, seja como momento de tomada de consciência pelos trabalhadores de suas condições de trabalho nos primórdios das fábricas no final do século XVIII e XIX, seja como a contemplação do esporte moderno, estratégia de controle das classes dominantes para “reorientar” as atividades extras laborais dos trabalhadores, ou ainda para combater as atividades populares dessa classe, como apontam Melo e Alves Junior (2003).

Joffre Dumazedier foi um estudioso desse campo e muito influente no seu desenvolvimento no Brasil. Em um exercício de propor uma sistematização das mudanças que ocorreram na forma de organização social do trabalho, com enfoque no continente europeu, Dumazedier (1979) compreendeu que o lazer se constitui a partir de “interesses culturais” (p.111), sendo esses: físicos, práticos, estéticos, intelectuais e sociais. Esses interesses culturais propostos pelo autor estão estritamente ligados com a noção de lazer presente na Europa a partir dos anos de 1950, representando as concepções culturais desse recorte social e histórico, que com o passar dos anos ganharam novas roupagens.

Além desses interesses culturais, outros pesquisadores atentos às mudanças que a sociedade brasileira passava no final do século XX propuseram novos interesses a fim de explicarem as mudanças sociais que estavam ocorrendo no âmbito do lazer. Um desses novos interesses culturais foi o Turismo, proposto por Luiz Octávio de Camargo (1998), além do interesse Virtual proposto por Schwartz (2003).

Podemos considerar que o lazer tem raízes profundas nas questões econômicas como o trabalho, além de relações intrínsecas com vivências que tem por finalidade a diversão, ludicidade, prazer e o descanso. Esses aspectos exercem forte influência na realidade concreta constituindo o campo como “um fenômeno social bastante múltiplo e polissêmico” conforme escrito por Melo e Alves Junior (2003, p.10), e que se articula multidisciplinarmente nas diferentes áreas de atuação, seja no campo acadêmico no qual os estudos do lazer são desenvolvidos em diversas áreas disciplinares, seja no campo profissional e suas várias possibilidades de trabalho.

Para Mascarenhas e Marcassa (2014) “[...] o lazer está para o mundo do trabalho assim como o trabalho está para as aspirações e necessidades humanas, cuja possibilidade de realização passam, inclusive pelo próprio lazer”. O lazer está bastante atrelado às condições econômicas e na modernidade estabeleceu-se como mercadoria de forma organizada, no Brasil essa condição surge a partir dos anos de 1960 com o advento de uma economia e sociedade de massas (DIAS, 2018). Segundo o autor, o acesso em massa de bens culturais como a televisão, rádio, livros e outros, marcou o início da indústria de lazer e entretenimento, a qual foi possível com políticas públicas que incentivaram o consumo, principalmente das classes mais abastadas economicamente.

Nesse processo de expansão da indústria de lazer e entretenimento, Melo e Alves Junior (2003) apontam que os primeiros produtos dessa indústria foram os grandes espetáculos teatrais e a invenção do cinema, somam-se a isso as possibilidades de locomoção tanto aérea como terrestre e a indústria do turismo como fortes mecanismos da indústria do

lazer. Essa organização para o consumo de bens culturais promove diversão, contudo, Melo e Alves Junior (2003, p.13) dizem que “Por de trás dela encontra-se a potencialização dos velhos mecanismos de obtenção de lucros diretos e indiretos já implementados pelas classes dominantes na origem do capitalismo”.

Mascarenhas (2005a) entende que a partir do declínio do ‘Estado de Bem-Estar’ as políticas que asseguravam os direitos sociais – Como o lazer – considerados como antimercadorias passaram por uma modificação, esse processo que inicia por volta dos anos de 1970 com o advento de uma nova organização nos meios de acumulação do capital, desconstruiu essa concepção de antimercadoria ao passo que priorizou as condições de consumo em detrimento das políticas de direitos sociais.

Nesse bojo, a concepção do lazer como antimercadoria perde força, visto que no capitalismo todo produto tem um valor de venda agregado, sendo assim Mascarenhas (2005a, p. 105) diz que:

[...] o lazer torna-se acessível apenas para uma minoria, apresentando-se como um tipo muito específico de propriedade. Somente de posse deste “direito”, adquirido numa relação de compra e venda, efetuada no mercado nem sempre de modo direto, que o cidadão-consumidor, como proprietário, pode valer-se do direito ao consumo, usufruindo, desfrutando, fruindo ou gozando de um determinado complexo de experiências lúdicas proporcionadas por aquilo que doravante convencionamos chamar de mercolazer, forma contemporânea e tendencial de manifestação do lazer como mercadoria.

O “mercolazer” como foi chamado esse fenômeno por Mascarenhas (2005a), atenderá os que provêm de recursos priorizando aqueles instalados no topo da pirâmide econômica, denominados pelo autor como os com-lazer. Representados pela parcela da população que tem acesso ao primeiro mundo do lazer, essa pirâmide do lazer ainda conta com o segundo mundo do lazer frequentado pela classe média que buscam um lazer-genérico em comparação do grupo anteriormente explicitado. Por último, na base da pirâmide, há o terceiro mundo do lazer que o autor denomina como os quase sem e os sem-lazer, parcela que corresponde à maioria da população, a qual acessa o lazer por meio das incipientes iniciativas públicas de “lazer-aberto, e por meio do lazer-solidário ou lazer-filantrópico” (MASCARENHAS, 2005a p. 108).

Esses diferentes ‘lazer’ disseminam uma ideia de recompensa ao sujeito, e atrelados aos produtos dessa indústria é possível identificar *slogans* que pregam um desligamento total das obrigações sociais, e o esquecimento por um tempo determinado da vida cotidiana. Essa estratégia mercadológica, segundo Melo e Alves Junior (2003, p. 13), é um mecanismo

utilizado pela indústria do lazer e do entretenimento que vendem a “difusão de um sentido de lazer associado à alienação”.

Nesse sentido depreende-se que essa visão do lazer atende aos valores funcionalistas⁹, que por sua vez tem por objetivo a conservação da ordem social como meio de controle do tempo dos sujeitos. Marcellino (2012, p. 52-53), promove uma reflexão do lazer, como:

[...] válvula de escape, ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais. Não representa o sentido do lazer na sua plenitude, mas sim [...] a ocorrência na nossa sociedade de modo geral, do antilazer, ou seja, sua própria negação: simples atividades a serem consumidas alimentando a situação alienada.

Outro aspecto importante nos estudos do lazer é a relação tempo e atitude, pois nos auxilia na compreensão da ação individual do sujeito com as atividades desenvolvidas no seu tempo disponível. Segundo Marcellino (2012, p. 8) “O lazer ligado ao aspecto tempo considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no ‘tempo livre’, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas.” Por conseguinte, o tempo está diretamente ligado com a forma com que nos organizamos socialmente, e por essa ótica tempo algum será livre de normas sociais.

Essa relação pode ser refletida a partir da pesquisa de Sodré e colaboradores (2017), que fizeram um diagnóstico do perfil dos praticantes de slackline em todo o país por meio das redes sociais, e identificaram que dentre 150 participantes 36,7% praticam a modalidade entre uma e duas vezes por semana, caracterizando a grande maioria dos pesquisados. Assim como 38,7% disseram que estão inseridos nessa modalidade a menos de 1 ano. Essa pesquisa de caráter quantitativo nos ajudam a entender o universo quantificável dos aspectos que constituem o perfil dos respondentes, contudo, faltam elementos qualitativos que nos possibilite compreender o porquê a maioria pratica uma a duas vezes por semana e não todos os dias.

Sendo assim compreender a dimensão tempo exige um exercício analítico da realidade social, o tempo do lazer está relacionado com o tempo das obrigações, em especial as profissionais. Segundo Melo e Alves Junior (2003) é necessário levar em consideração o período de deslocamento para o trabalho, as atividades excedentes que são concluídas no ambiente domiciliar, os cursos de aperfeiçoamento necessários para manter-se sempre

⁹ Os valores funcionalistas do lazer propostos por Marcellino (2012, p.52) passam pelas abordagens: *romântica*, que advoga a favor do tradicionalismo social, *moralista*, que compreende o momento do lazer como possibilidade de efetivação de valores “negativos” e colocaria sobre ameaça a tranquilidade, a ordem social e as atividades equilibradas. Há ainda a abordagem *compensatória* na qual o lazer aparece como compensação às frustrações das outras esferas da vida humana como, por exemplo, o trabalho, e a *utilitarista* que remete ao lazer como instrumento de recuperação do trabalhador aos desgastes promovidos pelo trabalho.

competitivo para assegurar sua posição no trabalho. Esses elementos podem interferir diretamente na escolha do tempo em que o sujeito decide praticar slackline ou não no seu momento de lazer.

Não obstante, o lazer como atitude “[...] será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade.” (MARCELLINO, 2012 p. 8), contudo, não se pode pensar o lazer como atitude dissociada do aspecto tempo, caso contrário essa relação do sujeito e a experiência vivida promovida pela atividade no lazer seria o objetivo final dessa relação. Logo, para Marcellino (2012) caso considere apenas o aspecto da atitude qualquer atividade poderia ser considerada lazer, o trabalho não seria diferente desde que promovesse as especificidades da relação sujeito e experiência, e contemplasse as escolhas individuais, ou seja, assim uma atividade promotora de prazer e satisfação.

Nesse cenário outro elemento verificado na pesquisa de Sodré e colaboradores (2017) nos ajudam a refletir acerca da atitude enquanto categoria de análise no lazer, os autores questionaram 150 slackliners acerca da finalidade do slackline para eles, e a grande maioria (79,3%) assinalou na opção ‘diversão’ em detrimento de outras como: treinamento e saúde. Essa escolha tem relação com a experiência dos sujeitos respondentes com a prática do slackline.

Mas, na sociedade atual há uma valorização da racionalidade onde vende-se a ideia de que “devemos ser produtivos a todo o tempo”, logo, o tempo do trabalho antes estipulado por uma estrutura pré-definida, avança para outros momentos da vida e passa a tomar o tempo do não trabalho, ao ponto de racionalizar a vida. Para melhor ilustrar esse cenário, veja a citação de Gomes (2004, p. 121) que diz:

É importante enfatizar que, na vida cotidiana, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas e religiosas. Afinal, não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras, estanques e desconectadas uma das outras [...].

Além disso, as práticas corporais estão inseridas na sociedade como produtos, exercendo forte influência nas escolhas dos sujeitos quando vão comprar indumentárias, adereços e equipamentos para o momento da prática, atrelando o desempenho físico ao produto propagandeado. Segundo Melo e Alves Junior (2003) é preciso que haja conscientização das pessoas em compreender os reais sentidos e significados que estão por

detrás da exposição das práticas corporais pelos meios de comunicação e mídia, destacando os reais valores das práticas a fim de elevar o pensamento crítico, reflexões e mudanças na relação do sujeito com o momento do lazer.

2.2.2 Lazer de Aventura

As práticas corporais de aventura passaram a constituir uma alternativa de lazer por vezes em ambientes naturais, por vezes no meio urbano. Esse movimento que ganhou força principalmente na virada do século XX para o XXI, apresenta contornos próprios que se distinguem das práticas esportivas hegemonicamente consolidadas como principais práticas corporais desenvolvidas no momento do lazer.

Além disso, o turismo crescente nesse período foi um propulsor dessas práticas criando um nicho a ser explorado no âmbito do lazer – que estamos denominando de lazer de aventura. Nesse tópico pretendemos explorar esse percurso para compreendermos como essas práticas corporais disseminaram-se na sociedade, e quais aspectos estão atrelados à sua ocorrência a fim de traçarmos um paralelo com a modalidade do slackline.

O turismo de aventura contribuiu para a popularização das práticas corporais principalmente na virada do século, no cenário brasileiro Silva (2015) diz que um dos movimentos precursores dessa área comercial foi à realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e desenvolvimento – Rio eco em 14 de junho de 1992, onde os conceitos e as práticas sustentáveis para o turismo de aventura foram bastante estimulados nesse evento. Segundo Silva (2015, p, 13) “No Brasil existiam mais de 2000 empresas dedicadas ao setor em 2010, mas esse número deve ser ainda maior hoje.”

Esse segmento mercadológico foi bastante influente na disseminação das práticas corporais de aventura ligadas à natureza no país, visto que o acesso aos recursos físicos e materiais que promovem a segurança necessita de um alto investimento financeiro. Nutrindo-se do desejo dos sujeitos em se colocarem em situações que simulam algum nível de incerteza, mesmo que saibam que estão repletos de aparatos que garantem a segurança durante a vivência nas práticas corporais.

Para Le Breton (2009) a segurança promovida pela organização social imbuída de normas e regras que ditam e regulamentam a vida em sociedade, excitam os sujeitos há uma atração pelo incerto que permeia o ambiente natural, a vida selvagem e a simulação em situações de sobrevivência (Que não está em jogo), que promovem essas sensações.

Os sujeitos quando estão junto à natureza valorizam todas as sensações que passam pelo corpo – como a resistência, a força e o suor – sensações que os ajudam a desligarem-se das suas vidas nos centros urbanos, construindo experiências que marcam as aventuras em que estão inseridos. Le Breton (2009, p. 93) nesse sentido, diz que:

Paradoxalmente, no mundo contemporâneo, a sobrevivência é preparada durante muito tempo, possui seus especialistas suas agências. Toda uma indústria se instala. Nada mais improvisa. Ela chega a ser promovida a uma das “belas artes”. O que sobra da “sobrevivência” consiste no despojamento, nos rigores autoinfligidos, na intensidade da prova física. Brinca-se de sobreviver, mas sem angústia, sem tensões, e por poucos dias, com todo o apoio dos “especialistas”.

Convergindo com essa reflexão, Marinho (2003) compreende que o turismo de aventura promove a natureza adaptando-a às necessidades dos turistas, dessa forma há uma domesticação do ambiente natural nessa relação. Sobre isso a autora aponta que:

[...] a experiência do contato com a natureza em viagens organizadas parecem ser, portanto, altamente mediada e controlada; embora seja predominante o oposto no discurso promocional do turismo baseado nos elementos naturais. Vende-se a possibilidade da liberdade de caminhar pelas matas, entrar em cachoeiras e/ou apenas contemplar; contudo, essa suposta liberdade é altamente vigiada e regulada (p. 21).

Marinho (2003) diz que essas fronteiras de controle que regulam a ação do turista diante das práticas corporais de aventura podem ser rompidas diante de uma ação acidental, como por exemplo: se perder em trilhas, ou de forma deliberada quando ocorre contato com animais selvagens. Nesse sentido, o desprendimento das regras estabelecidas coloca o sujeito diante de uma situação não calculada, ocorrendo, portanto, uma experiência direta com a natureza sem ser calculada.

Sobre as práticas corporais de aventura, Le Breton (2009) compreende que em dado momento os próprios praticantes buscam se colocar em situações extremas de riscos, pois, a utilização dos espaços físicos com certo nível de aglutinação de outros praticantes pode não apresentar novos desafios além daqueles já conhecidos. Nesse sentido, buscam-se rotas alternativas onde nem sempre é possível mensurar o nível de confiabilidade.

O risco nas PCA é um elemento analítico que pode apresentar diferentes significações. Le Breton (2009) ao investigar o risco nas atividades de *glisse* (deslizamento) tais como *snowboard*, *skywall* e monoesqui, percebeu que os praticantes mais experientes, portanto, mais técnicos, buscavam aumentar o risco na prática a partir de movimentos imprudentes. Le Breton (2009, p. 90) pontuou que “O fora de pista é o espaço predileto para

essas práticas, muitas vezes com desconhecimento dos lugares e das condições meteorológicas e, portanto, dos possíveis riscos para si mesmo e para os outros.”.

Essa relação de proporção (quanto mais risco, mais imprudente) não condiz conceitualmente aquele presente na prática do *highline*, pelo contrário, na prática do slackline como um todo à medida em que há mais riscos para o sujeito, é exigido dele mais preparação e prudência. Ashburn (2013) pontua que o conhecimento e a coragem são elementos indispensáveis para a prática do *highline*, o autor disserta acerca da necessidade de conhecer os equipamentos e suas funções, a montagem dos mesmos e apresentar minimamente técnica sobre a fita para garantir uma experiência segura.

Vale a pena dissertar acerca da relação existente entre o risco e a prática do slackline. Compreendemos que o risco no slackline está relacionado as variações que exigem um nível de conhecimento mais consistente. O slackline para iniciantes, é uma prática bastante segura devido a sua proximidade com o solo, o risco que recai sobre ela é simbólico e imaginário (MARINHO, 2008) condicionado pelo seu deslocamento horizontal, sobre uma fita de nylon suspensa a poucos centímetros do chão. Para Pimentel (2013) há uma representação do risco nessas manifestações lúdicas, não necessitando de um vasto conhecimento técnico para experimentá-las, dado o seu caráter descompromissado.

Contudo, o risco para um sujeito é singular, parte da sua relação com o mundo e com as experiências acumuladas ao longo da sua vida. Para Marinho (2018, p. 200) os obstáculos “não necessariamente são os mais arriscados e difíceis, mas que, de alguma forma, agregam o novo, o desconhecido”. Nesse sentido, podemos concluir que rotular essa prática como arriscada (risco de lesão grave ou de vida) é um exagero.

Todavia, sabemos que há uma gama de variações no interior dessa modalidade em que há o risco real. O *highline*, por exemplo, apresenta um risco real que, lhe é controlado por meio dos aparatos tecnológicos e técnicos dos praticantes. Inácio (2021, p. 6) diz que:

Outro elemento que constitui tacitamente estas práticas é o ‘risco controlado’. Isto quer dizer que quem está desenvolvendo algumas das PCAs cumpriu, ou deveria ter cumprido, o que podia ser feito em termos de **planejamento**, de **organização**, de **orientação** de **equipamentos** e **materiais**; e que, com isso a possibilidade de acontecer algum acidente danoso é reduzido quase a zero. Nas PCAs, a ideia é que haja de fato tal risco, para produzir as emoções que são sempre referenciadas a elas, costumeiramente (e equivocadamente) chamadas de ‘adrenalina’. Grifos próprios.

Percebemos que para o autor, o controle do risco está condicionado aos recursos físicos, técnicos além da experiência. Logo, na prática do *highline* o risco é um dos elementos centrais, produtor das emoções e sentimentos nos sujeitos. A experiência pode ser adquirida

com o tempo, sendo ele (o tempo) uma variável importante na prática do slackline, haja vista que o tempo pode gerar experiência, e por intermédio dele o praticante desenvolve técnicas que desencadeia novas emoções e sentimentos. Esse processo é contínuo à medida que o sujeito se submete a novos desafios.

No âmbito dos interesses físicos do lazer destacam-se na contemporaneidade as práticas corporais realizadas junto à natureza, cujo fenômeno da aventura está no cerne dessas práticas. Essas por sua vez apresentam uma relação indissociável com a era tecnológica, pois, com o desenvolvimento de aparatos tecnológicos foi possível descobrir novas possibilidades de se movimentar junto ao ambiente natural. Sobre isso, Marinho (2003, p.9) diz que:

Por um lado, nessa perspectiva, os adeptos das atividades de aventura parecem descobrir, a cada dia, por meio de novas tecnologias, diferentes formas de viver suas aventuras. Tais tecnologias, nesses casos, podem, igualmente, ser entendidas como facilitadoras da prática de atividades de lazer ao ar livre, em geral. Assim, compreendendo seu momento e sua história, os corpos poderão continuar sendo mediados pela tecnologia durante suas práticas sem, contudo, deixarem rastros de uma racionalidade calculada, mas ao contrário: deixando marcas de uma experiência sensível.

Porém as tecnologias podem estimular as pessoas a se conectarem mais pelos meios virtuais, diminuindo o apreço pelo contato na realidade concreta como vem ocorrendo na contemporaneidade, essa cultura pode gerar uma supervalorização das experiências digitais em detrimento das experiências físicas. Segundo Marinho (2003) nesse contexto as relações competitivas sobrepõem as relações de partilha, de colaboração ou solidariedade, prevalecendo relações furtivas e passageiras sustentadas na vida virtual.

Para Betrán (2003) essas práticas surgem como uma reação à valorização da competição como elemento central das práticas esportivas, onde houve um abandono do elemento recreativo em detrimento do elemento competitivo. Contudo, Betrán (2003, p.171) salienta que essas práticas não estão isentas da estrutura esportiva, para o autor “os usuários mais preparados ou os mais ávidos por emoções e experiências intensas e uma parte dos profissionais do setor procuram sensações fortes, de caráter competitivo [...]”.

A busca pelas práticas corporais de aventura no momento do lazer aumentou vertiginosamente no início dos anos 2000, influenciados pelo desejo de acessar o prazer, diversão, emoção e aventura provenientes da natureza sem distinções de sexo, idade e divisão por nível técnico considerado por Betrán (2003) elementos centrais dessas práticas. Além desses elementos elas se caracterizam como uma alternativa as práticas esportivas imbuída de uma racionalidade enrijecida pautada na competição.

A aventura, enquanto fenômeno dessas práticas corporais também se faz presente no meio urbano, como evidenciado por Uvinha (1997) ao investigar um grupo de praticantes de skate no estado de São Paulo inferiu que essas práticas podem constituir uma forte influência nos jovens na busca pela sua identidade, visto que os espaços onde são desenvolvidas constituem-se espaços propensos para vivenciá-las em grupo, oportunizando o surgimento de vínculos afetivos e o gosto pela aventura. Criando relações não apenas entre os sujeitos e as práticas corporais, mas também entre os próprios sujeitos.

Segundo Uvinha (1997) podemos considerar esse grupo de skatistas investigados por ele, componentes de uma tribo, essa classificação se dá levando em conta que os skatistas compartilham hábitos semelhantes, os quais foram identificados pelo pesquisador, como: linguagem, vestimentas, gosto musical e outras manifestações no interior do grupo.

Maffesoli (1998) diz que é possível notar manifestações tribais na sociedade, como “As diversas aparências *punk*, *kiki*, *paninari*, que exprimem muito bem a uniformidade e a conformidade dos grupos, e são como outras tantas pontuações do espetáculo permanente que as megalópoles contemporâneas oferecerem.” (p.16). Nesse cenário, a sociedade contemporânea apresenta uma gama de expressões culturais como forma de demarcar o seu tempo e espaço.

Por mais que haja discordâncias na visão de sociedade demarcada a partir de uma suposta pós-modernidade, o que não é o foco da presente pesquisa entrar nesse debate, não podemos negar que as contribuições desse sociólogo para compreender as novas dinâmicas grupais existentes nas práticas corporais e em específicos naquelas de aventura, são potentes e passíveis de articulação nesse trabalho. Nesse sentido, para Maffesoli (1998) há uma sociabilidade capaz de formar grupos, unir sujeitos que compartilham sentimentos e emoções numa coletividade que sobrepõem o individualismo, que é a marca dessa sociedade.

A partir desse conceito, compreendemos que as práticas corporais de aventura podem apresentar outras relações singulares a cada uma delas para além das questões econômicas, por mais que essas se mostram relevantes e centrais. Concordamos com Marinho (2006, p. 8) quando diz que “Igualmente, é preciso destacar que não se devem ficar restritos à concepção de consumo dominante, pois muitos grupos, em suas vivências junto à natureza, não se limitam a atos meramente consumistas e passivos, denotando comportamentos e valores”. Neste mesmo sentido, Bruhns (2009, p.10) diz que há uma valorização dos parâmetros racionais sobre os não racionais “(sonhos, desejos, emoções)”, o que suprime os aspectos identitários do ser humano. Maffesoli (1996) diz ser necessário lançar um olhar para a

sociedade a partir das interações coletivas, nas relações afetuosas permeadas por emoções e sensações que é constituinte do corpo social.

Há de se pontuar que na concepção de Maffesoli (1998) as novas expressões culturais podem superar o individualismo enquanto prática social. Essas novas formas de socialidade superam a lógica dicotômica, fragmentada e particularizada de um conjunto, e passa a valorizá-lo pelo seu aspecto coletivo por mais que os elementos centrais possam parecer pormenorizados diante dos grandes paradigmas sociais, o que não deve ser um impeditivo de analisá-los nas suas particularidades, sem a pretensão de replicá-los em outras realidades.

Destaca-se nesse contexto a visão de Maffesoli (1998, p. 114) ao destacar a socialidade como marca da contemporaneidade:

Agora, cada vez mais, nos damos conta de que mais vale considerar a sincronia ou a sinergia das forças que agem na vida social. Isso posto, redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer, e pela moda, a uma comunidade, que pode ter as mesmas qualidades daquelas da idade média, mas que nem por isso deixa de ser comunidade. E esta é que precisa ser destacada.

Logo, as novas formas de sociabilidade que surgem na contemporaneidade se conectam a partir de parâmetros não racionais, o que se fundamentam no que o autor supracitado (p.115) acredita ser fundamental, que é o “estar juntos”.

Bruhns (2007, p. 22) aponta para alguns elementos acerca das experiências construídas entre os sujeitos que compõem grupos das diferentes PCA no âmbito do lazer:

O fato de experimentar emoções em grupo constitui, de forma não desprezível, a vida social desses frequentadores da natureza, a maioria de origem urbana e costumes cosmopolitas, criando costumes expressos na linguagem e formas de se vestir e se comportar, enfim, adotando signos de reconhecimento, buscando parceiros e aliados, numa elaboração de códigos que unem e se separam conjuntamente.

Essas relações que se iniciam no compartilhamento de uma PCA apresentam potencialidades que superam o tempo disponível do lazer, podendo constituir novas formas de socialidade para além do momento da fruição.

Nesses grupos, se valoriza tudo que se é constituinte da identidade coletiva, Bruhns (2000, p.96) a partir das contribuições das obras desse autor, complementando a ideia do estar juntos, diz que “O cuidado consigo mesmo passa a ser uma experiência privilegiando o prazer, onde o gozo de si só é considerado numa configuração coletiva, como uma intensificação das relações sociais. Trata-se de uma ética”. A ética nesse contexto se refere

aos comportamentos, valores, gestos, sentimentos e emoções compartilhados num conjunto social que pode ser identificado como um conjunto elementos característicos desse grupo. Contudo, esses elementos não são descritos, eles estão no campo do sensível e das emoções passando pelo corpo.

Compreendemos que essa ética pode ser observada nos interiores dessas organizações coletivas, nem sempre evidentes numa observação direta, contudo está presente na socialização quando confrontadas pela realidade e situações que exigem dos sujeitos atitudes inerentes a sua prática social. Bruhns (2007, p.12) considera que esses elementos são constituintes de uma “ética da estética”, pautada em Maffesoli (1996). Nesse sentido, ela pode ser traduzida pelo:

[...] desejo de experimentar emoções em comum, sentimentos que se esgotam, num presente intenso, repousando no jogo dos sentidos, orientados por parâmetros não-rationais, incorporando o sonho, o lúdico, o imaginário e o prazer dos sentidos, compondo uma sociedade envolvendo não apenas sistemas mecânicos de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, compostos de afeto e emoções.

Nos concerne compreender se dentre os slackliners investigados nessa pesquisa, há evidências de formações coletivas com elementos que possamos considerá-los grupos na perspectiva de Maffesoli (1998), e caso ocorra, quais aspectos referentes a essa expressão corporal se aproximam-se de uma “ética da estética”. Nesse caso, é importante de antemão trazer para essa discussão outro aspecto que antecede o mapeamento de uma possível ética da estética, nos cabe compreender a fim de atingir o objetivo de mapear o slackline no Estado de Goiás as formas de organizações desses possíveis conjuntos no que se refere a existência de uma lógica interna.

Investigar a lógica interna de determinados grupos sociais pode contribuir na compreensão das dinâmicas existentes no seu interior, além de anunciar os aspectos relacionados a sua organização diante do objetivo e ação buscada pelos sujeitos que os compõem. Nesse aspecto, buscamos na investigação de Pimentel (2009) sobre praticantes de voo livre evidenciando a lógica interna presente nesses grupos.

Destaca-se a partir desse conceito a dificuldade que é chegar a uma lógica interna de uma prática esportiva, é necessário estar aberto para todas as pistas que ajude a construir a concepção dessa lógica, por menores e fugazes que sejam. O que exige do pesquisador uma postura atenciosa. Como resultado, Pimentel (2009, p.88) diz que “Esse conhecimento

garantiria conhecimentos em comum, atualizados e confrontados mediante aprendizado recíproco nas interações. Portanto, o acesso à representação social dos integrantes de um grupo é uma forma ímpar de compreender suas práticas.”

Primeiramente, investigar uma possível lógica interna dos grupos de slackline denota estes existirem no Estado de Goiás de forma estruturadas, sabemos que essa modalidade que emergiu a partir dos anos de 1980 nos estados unidos, ainda passa por um processo de expansão e consolidação nos diferentes países. Nesse sentido, refletir uma lógica interna do slackline é desafiador devido a pouca amostragem no campo acadêmico. Destacamos algumas pesquisas que, indiretamente apresentaram características necessárias para a compreensão desse conceito no slackline.

Carvalho (2014) desenvolveu uma pesquisa cujo objetivo foi investigar um grupo de skatistas e um grupo de slackliners na orla de Vitória – Espírito Santo, e segundo autor, ambas as práticas corporais exerciam influências sobre os praticantes no que tange a formação de valores compartilhados no interior dos grupos. Ressaltamos que a investigação de Carvalho (2014) ocorreu na região sudeste do país, e segundo Xavier (2012) a prática do slackline teve sua ocorrência primeiramente nas praias da região sudeste, o que pode justificar uma maior disseminação nessa região em comparação com outras regiões do país como o centro-oeste.

Além disso, outro elemento também chamam a atenção, Carvalho (2014) investigou um grupo praticante de *trickline* que é a variação do slackline onde o praticante faz manobras acrobáticas sobre a fita, sendo ela a mais comum em competições. O autor argumenta que um dos objetivos do grupo com o slackline era a fruição e a diversão, mas não descartam uma possível profissionalização. As características dos grupos de slackline podem ser diferentes a depender dos objetivos, e das variações praticadas.

Nesse mesmo sentido, destacamos também a pesquisa de Marinho e Bruhns (2001) que buscaram compreender como o fenômeno da escala em paredes artificiais, que no meio citadino é vulgarmente conhecida como escalada *indoor*. Nesse artigo as autoras apresentam elementos que apontam para relações de sociabilidade no interior dos grupos que praticam essa prática, além de outros aspectos que as cidades enquanto lócus de controle de riscos permitem que sejam desenvolvidos, diferente do que ocorre no meio natural levando em consideração a sua imprevisibilidade.

A escalada *indoor* apresenta semelhanças com a variação do *highline*, ambas apresentam possibilidades de prática no meio natural (local apropriado para o desenvolvimento na sua completude), e o desenvolvimento dessa prática no ambiente

citadino. A cidade na contemporaneidade exerce uma função de controle dos riscos a todo momento, seja pelas instituições que normatizam a vida em sociedade, ou pelos códigos de conduta e valores que se esperam dos sujeitos (LE BRETON, 2009). Compreendemos que algumas diferenças podem influenciar na apropriação e relações estabelecidas em ambas as práticas corporais citadas, principalmente em relação ao espaço da prática. As escaladas normalmente *indoor* normalmente é ofertada em ambientes fechados, como academias voltadas para essa modalidade, já o *highline* é desenvolvido normalmente em bosques, praças e nos topos de estruturas prediais ou monumentos urbanos, o que incita algum nível de liberdade e menos controle em relação a sua estrutura e organicidade.

No tocante às definições dessas práticas corporais, Le Breton (2009, p.107) diz que elas “[...] não produzem nenhum valor econômico, nenhum lucro profissional, mas, não obstante, o indivíduo nelas investe e se regozija ao praticá-las. Elas são paixões pelo inútil. [...] A atividade tem seu fim em si mesma [...]”. Com metáforas bem provocativas o autor infere que as práticas corporais de aventura apresentam conteúdos capazes de tocar internamente e externamente o sujeito que a busca, exceto aqueles que buscam no lazer “um bom ângulo para as câmeras” uma vivência efêmera que pouco trará sentido.

Somam-se a esses elementos que circunscrevem a busca pelas práticas corporais de aventura, um aspecto levantado por Marinho (2003), compreendendo que tais práticas podem maximizar todos os sentidos dos praticantes propiciando uma experiência marcante na sua relação com o meio ambiente. Logo, percebem-se as possibilidades em construir novas relações entre os praticantes envolvidos no momento do lazer com demais esferas da vida cotidiana, refletindo-a e tecendo críticas que permeiam esses contextos.

Nesse bojo, Marinho (2003) expõe o potencial existente nesse conjunto de práticas junto à natureza no que tange a preservação ambiental, em outro texto, Marinho (2004) compreende que é necessário olharmos para a natureza além do substantivo feminino, mas como espaço cultural em que se desenvolvem valores capazes de estimular a sensibilidade nos sujeitos. Ela advoga acerca da importância da conscientização coletiva e individual, e que os momentos em que se usufrua desses espaços, como os momentos da prática, sejam capazes de proporcionar a formação dos sujeitos envolvidos.

Essas preocupações evidenciadas anteriormente, se justificam quando há uma racionalidade da prática esportiva cujo elemento competitivo está no cerne dessa ação. Conforme Marinho (2004, p. 5):

Muitas vezes, a satisfação trazida pelas atividades na natureza, de cunho competitivo, relaciona-se a uma espécie de (pseudo) aventura, produzindo uma definição bastante reduzida da natureza, a qual passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir às necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer. A natureza, levada, então, a um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. **O conhecimento e a proteção ambiental, nesse contexto, parecem ser irrelevantes.** (grifo próprio)

Consoante ao exposto, há um sentido de apropriação do espaço natural como meio necessário para a finalidade que se torna a competição em si. Quando há essa ocorrência a natureza é tomada como um cenário teatral, empurrada para um segundo plano no qual os sujeitos se expressam pelo seu gesto físico levado ao limite.

No campo teórico diversos autores convergem para as potencialidades que envolvem a relação sujeito e natureza mediada pelas práticas corporais de aventura, contudo, há uma escassez em investigações no campo prático acerca dessa relação no slackline. Contudo, há trabalhos que propuseram investigar como se estabelece a relação do homem e natureza intermediada pelas práticas corporais de aventura. Nesse contexto, ressaltamos a investigação de Armas e Inácio (2010, p. 19) que entrevistaram montanhistas para compreender a percepção deles acerca da sua própria relação com o montanhismo no momento de lazer. Destaca-se:

O entrevistado A caminha na mesma direção quando diz “*eu faço parte daquilo tudo [montanhas]. Até pelo cuidado que a gente tem na montanha quanto às questões ambientais, impacta e tudo mais*”. Porém, ele comenta também que a sensação de integração se dá também pelo fato de considerar as montanhas como o seu quintal, onde se sente uma criança. Diz ainda que “*é como se eu tivesse nascido ali, dormir na montanha é uma coisa maravilhosa, o acordar de manhã com o nascer do Sol, à noite chegando com um pôr do sol [...]. Eu não me sinto um intruso ali, sabe?!*”. É possível que essa sensação de se sentir uma criança, manifeste o seu entendimento de integrar-se com a natureza. Estar no ambiente de montanha seria como libertar-se de amarras do seu adulto e tornar-se criança.

A percepção dos sujeitos acerca das suas experiências no montanhismo está diretamente enraizada com o seu cotidiano, Armas e Inácio (2010) compreendem que as práticas corporais de aventura são apropriadas como possibilidade de libertação e renovação das energias despendidas nas relações sociais no interior das cidades. Por isso, a ludicidade torna-se um elemento potente na visão desses sujeitos, já que no ambiente natural a estética passa a fazer sentido para a própria existência. Nesse cenário, é pertinente considerarmos que as práticas corporais de aventura exercem uma funcionalidade (MARCELLINO, 1992) na vida desses sujeitos, quando fica evidente que alguns buscam “se libertar das amarras do seu

adulto”, mas também, essas práticas podem proporcionar que eles questionem essa lógica por meio das sensações e emoções.

Lavoura e colaboradores (2008) refletem esse questionamento na relação homem/natureza intermediada pelas práticas corporais de aventura, essa relação parece estimular possibilidades de os sujeitos acessarem o campo das subjetividades, sensibilidades e emoções. Não obstante, elas podem caracterizar-se como precursoras de mudanças na forma de ver e viver no mundo, colocando em xeque a lógica quantificadora das coisas quando por vezes elas podem ser sentidas.

Contudo, as práticas corporais de aventura no momento do lazer não se expressam apenas pela busca do maior desafio possível, a experimentação dessas práticas possibilita que se desenvolva a relação do ser humano com a natureza nos seus aspectos sensíveis. Segundo Lavoura e colaboradores (2008) por meio da relação com o ambiente natural, a fruição e as experiências nesse tempo e espaço propiciam reflexões que podem desenvolver tanto o senso estético, poético e lúdico nas pessoas.

Considerando o exposto por Lavoura e colaboradores (2008), o slackline pode ser um canalizador de aspectos sensíveis que no limite estabelece outra relação entre os sujeitos e a sociedade, diferente das práticas corporais hegemônicas pautadas na competição como elemento central.

Acreditamos que o slackline como uma prática corporal no momento do lazer pode exercer uma resistência sociocultural contra a racionalização das práticas corporais que reproduz a lógica formal e burocrática da sociedade competitiva. Inácio (2014, p. 533-534) nos diz que as práticas corporais de aventura podem restabelecer “[...] uma relação mais intrínseca entre os seres humanos e tudo que os cerca, o que pode culminar com avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos [...]”.

No campo acadêmico as práticas corporais de aventura passaram a ser tematizadas devido a sua expansão, seja no campo do lazer buscando a fruição, seja no campo escolar onde há uma finalidade pedagógica e formativa. Com esse movimento houve também uma demanda acerca dos conceitos que melhor definissem-nas e abarcasse os sentidos e significados provenientes dessas práticas.

Nesse sentido, buscaremos a seguir apresentar elementos conceituais acerca das definições das práticas corporais de aventura, e como elas vêm sendo mobilizadas no campo científico.

2.2.3 As Práticas Corporais de Aventura

A partir da literatura pertinente, percebemos que nas últimas décadas duas definições ganharam mais destaques no campo acadêmico/científico por serem propositivas no sentido de categorizar metodologicamente esse conjunto de práticas a partir de elementos constituintes, com o objetivo de classificá-las conceitualmente para facilitar a sua compreensão. São elas: Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), e Práticas Corporais de Aventura (PCA).

Para compreendermos quais os elementos intrínsecos nessas duas definições e, portanto, o que as distingue iremos levantar alguns pontos que julgamos serem necessários para caracterizá-las de forma que a partir desse processo possamos compreender qual a visão desse fenômeno se faz presente em ambas às concepções.

As AFAN surgem como possibilidades de práticas corporais que segundo Betrán (2003, p.159) “[...] apresentam-se no setor turístico como um novo conceito de ócio ativo”. Para esse autor, elas surgem como resposta à mudança onde o trabalho que era tido como o elemento central na sociedade industrial, foi substituído pelo ócio, que nessa visão da organização social constitui-se como elemento central da sociedade pós-industrial, caracterizada por sua base no consumo e nos serviços. Para Betrán (2003, p.163):

As Atividades Físicas de Aventura na Natureza constituem-se um conjunto de práticas recreativas que surgiu nos países desenvolvidos na década de 1970, desenvolveram-se e se estenderam na década seguinte e se consolidaram na década de 1990 sob o abrigo dos novos hábitos e gostos da sociedade pós-industrial. Na década atual, a primeira do novo século, essas práticas definiram-se como uma alternativa emergente no tempo de ócio ativo para um setor da população, entre as diversas ofertas lúdicas, higiênicas e competitivas relacionadas com os distintos modelos corporais existentes.

Além disso, o autor supracitado considera que o esporte institucionalizado constitui a prática social predominante na sociedade, por isso buscou-se por meio do termo AFAN definir esse conjunto de práticas, em detrimento da nomenclatura ‘esporte’. Sobre essa questão, Betrán (2003) aponta para a originalidade dessas práticas e das suas diferenças do modelo esportivo no que tange às concepções físicas e seu caráter recreativo, por consequência apresenta reflexos no modelo corporal característicos dos praticantes das AFAN e principalmente pelos objetivos associados a elas.

No desenvolvimento dos conceitos dessas práticas corporais, Betrán (2003) considera que elas se caracterizam por serem atividades físicas de diversão, cujo corpo corresponde o

destino de todas as sensações e emoções provenientes dessas práticas, contudo, ele (o corpo) não corresponde um meio para atingir esses sentimentos e sensações, como ocorre no modelo esportivo tradicional. Além de apresentar os conceitos que as define, o autor também desenvolve uma classificação funcional a partir das suas características intrínsecas e extrínsecas, que são pautadas no: ambiente físico; ambiente pessoal; atividades; valorização ético-ambiental e ambiente social.

Nesse contexto, Betrán (2003) nos diz que o pano de fundo que sustenta as AFAN na sociedade hodierna é o ócio criativo enquanto categoria que representa uma nova lógica de organização societal, o autor acredita que o trabalho enquanto categoria central da contemporaneidade não é o suficiente para dar conta dos anseios dos sujeitos, com isso, passa a configurar uma suposta segunda necessidade, sendo a primeira às atividades desenvolvidas no tempo livre.

O pressuposto teórico presente em Mascarenhas (2005a) acerca da “tese da economia do ócio” que é a base conceitual em que se sustentam os conceitos das AFAN diz que (p. 219):

A exaltação do ócio, um exercício de retórica baseado na generalização abstrata do trabalho criativo, revela-se, portanto, como uma grande panacéia. A tese da economia do ócio, pressupondo a colonização do trabalho pelo lazer, um processo que, em outras palavras, significa a ocupação prazerosa do ócio pelo trabalho mental suave – daí o apelido de ócio ativo – ergue-se a partir daquilo que é apenas a “espuma” da recente “onda” de relativo avanço, em setores localizados do processo produtivo, do trabalho imaterial. De qualquer modo, vale o registro de que este tipo de trabalho, apesar de sua singularidade, está intimamente ligado ao trabalho material, portanto, igualmente submetido à teoria do valor.

Para Mascarenhas (2005a) não há uma nova organização da sociedade pautada no ócio ativo, o que ocorreu nas últimas décadas do século XX foi uma mudança cíclica no modo de acumulação do capital que acarretaram consequências em diversos segmentos da sociedade, entre eles o lazer. Contudo, essas mudanças não modificaram a lógica do sistema econômico, onde o trabalho passaria a ser atividade humana secundária, como proposto por Betrán (2003), o que houve foi uma intensificação do trabalho, mascarada por novos pactos sociais que acabaram com diversos direitos sociais conquistados historicamente, e que a partir desse recorte histórico passa a ser concebido como mercadoria, entre eles o lazer.

Diferentemente da estrutura presente nas AFAN (conceito descrito anteriormente), as Práticas Corporais de Aventura a partir de Inácio (2005) tem sua gênese ancorada nos pressupostos das práticas corporais, que segundo Silva e colaboradores (2009) são

manifestações culturais de caráter lúdico, tais como: os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias entre outras.

As práticas corporais na sociedade contemporânea assumem um papel de movimento para além do corpo, caracterizando também a identidade dos diferentes grupos e seus estilos de vida (como a indumentária, a alimentação e o lazer). Nesse sentido, Silva (2014, p.13) vai de encontro com essa proposição ao dizer que “[...] o conceito das práticas corporais, ao referir-se ao âmbito das práticas sociais, busca compreender e esclarecer mais adequadamente um recorte da realidade e deve ser continuamente testado no conforto com esse aspecto da realidade social”.

Essa reflexão também se faz presente nos estudos de Lazzarotti *et al* (2010) quando os autores a partir da sua pesquisa buscaram compreender como o termo “práticas corporais” foi mobilizado na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. Uma das conclusões dos autores dizia que as práticas corporais “Apresentam finalidades como a educação para sensibilidade ou educação estética, promoção da saúde, para desenvolvimento do lazer, para a sociabilidade e para o cuidado com o corpo” (p.19).

Não obstante, Silva (2014) contribuiu para a delimitação dos significados que as práticas corporais vinham apresentando historicamente nas diferentes sociedades que existiram no mundo, e aqueles assumidos na sociedade contemporânea. Podemos apontar alguns deles como: “[...] Foram construídas a partir de interações sociais determinadas que lhe conferem um significado coletivo; [...] São desenvolvidas com determinadas finalidades e significados subjetivos, os quais dialogam com a tradição que as organizam” (p.14).

Podemos considerar que a partir desses elementos e levando em consideração os resultados da pesquisa de Lazzarotti *et al* (2010, p. 19), o termo ‘práticas corporais’ estava sendo operacionalizado no campo da educação com mais recorrência, além de apresentar intrinsecamente uma crítica ao pragmatismo que imperava no trato desse conhecimento. Ademais, é possível identificar nos apontamentos desses textos uma preocupação em superar o modelo conservador que ditava a materialização das práticas corporais nos diferentes tempos e espaços.

Ao operar com o termo Atividade Física como definidor de todas as características supracitadas, observa-se que historicamente esse termo esteve vinculado a uma compreensão restrita na Educação Física (SILVA, 2014). E no campo de estudos da aventura não seria diferente, o termo Atividade Física de Aventura como proposto por Betrán (2003) nos parece restringir os seus sentidos e significados.

Buscamos em Inácio *et al* (2005) o termo Práticas Corporais de Aventura (PCA) que surge como uma possibilidade de compreendermos esse conjunto de práticas a partir da sua totalidade. O autor compreende que a expressão Atividade Física de Aventura apresenta uma definição “[...] limitada a uma concepção biologicista” (69), portanto, não é capaz de sustentar todos os elementos contidos nas práticas corporais como visto anteriormente.

Inácio (2014) compreende que as PCA não devem ser definidas apenas pelo seu apelo mercadológico, pois há outros elementos que as constituem, “[...] como a técnica, o espaço, o acesso, a subjetividade, a moda, as tribos e suas linguagens [...]” (p.534). Sobre todas essas influências, o autor apresenta o seu entendimento dessas práticas corporais, que segundo ele:

Podemos entender as PCANs como práticas corporais que objetivam comumente a aventura e o risco, realizadas em ambientes distantes dos centros urbanos, notadamente espaços com pouca interferência humana, sejam estes terra, água e/ou ar. Também se caracterizam por possuírem alto valor **educativo** e por uma busca do (re)estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que os cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como a **cooperação** e a **solidariedade**. (p. 533-534) Grifo próprio.

Os aspectos destacados acima – valor educativo, cooperação e a solidariedade – tornam as PCA um conteúdo da Educação Física escolar com grande potencial para o ensino de valores sociais que permeiam as práticas corporais, e a partir da normatização da Base Nacional Comum Curricular no ano de 2017 houve a inserção desse conteúdo no núcleo obrigatório de conteúdos no ensino básico da Educação Física.

Dessa forma, há uma valorização desse conhecimento para além do consumo irrefletido no lazer, o que vemos no documento é uma necessidade em tematizar questões como: meio ambiente, preservação, apropriação de tecnologia, apropriação das práticas corporais etc.

Esses elementos também são objetos de estudos de outros campos/áreas do conhecimento, sendo assim, as PCA no âmbito do lazer podem ser tematizados segundo Silva e Damiani (2005, 21):

[...] pelas ciências humanas e sociais, pela arte, pela filosofia e pelos saberes populares, sem desprezar as ciências biológicas, dado que esta dimensão é constituinte fundamental do humano, tomando-se seus indicadores como parte do processo ativo de auto-organização subjacente à vida.

Mesmo que o foco deste trabalho não seja analisar a inserção das PCA no ambiente escolar, é importante não perdermos de vista as possibilidades dessas práticas corporais no

processo de ensino e aprendizagem formal, como é a escola. Esse movimento nos reafirma que as PCA, além do que propôs Betrán (2003) ao dizer que essas práticas é o símbolo do ócio ativo numa nova reorganização social, aqui destacamos a sua apropriação tanto no momento do lazer, como também no ambiente escolar.

Ademais, elas não devem ser consideradas apenas mais uma mercadoria do lazer, há outros elementos axiológicos inerentes a sua prática e que são marcantes no processo de apropriação, como visto ao longo deste capítulo. Para Pimentel (2006, p. 69) o que se busca nas PCA são:

Sinteticamente, podem ser citadas: a) interação mais próxima com a natureza, com o self e com o outro; b) consumo cultural da natureza; c) fluxo (momentos marcantes da existência); d) educação ambiental; e) mudança de rotina; f) vertigem; g) minimização dos efeitos nocivos do modo de vida urbano (estresse, sedentarismo, violência, poluição) subentendendo a melhoria da qualidade de vida.

Essa reflexão inicial é importante para considerarmos as possibilidades de apropriação desses valores por meio da prática do slackline, já que diversos são os artigos produzidos acerca dessa prática que compreendem a sua centralidade em elementos cooperativos, solidários e educativos – Seja no ambiente escolar, ou no momento do lazer. Na pesquisa de Pereira (2020) fica explícito que mesmo na modalidade do *trickline* voltada para a competição onde os praticantes buscam o pódio e as medalhas, há uma torcida mútua entre os competidores pelo êxito nas manobras sobre a fita.

Comumente vemos essa relação de cooperação nas PCA, é possível que haja no cerne dessas práticas uma relação desinteressada que é comum nas práticas corporais desenvolvidas no momento do lazer, além disso, Marinho e Inácio (2007, p.61) dissertam sobre a relação do sujeito com essas práticas corporais:

As atividades de aventura permitem certo afastamento de expressões céticas e individualistas que permeiam o cotidiano urbano por meio do contato com a natureza, mediante relações humanas mais diretas e intensas, agregando altas doses de aventura. Tais práticas são ‘recheadas’ de experiências estéticas e de relações de composições. (SANT’ANNA, 1999), podendo levar o praticante a um nível de consciência importante sobre diversas relações humanas (sociais, ambientais etc.)

Pereira (2013) ao promover uma avaliação com o slackline na formação inicial de professores de Educação Física, apresentou um relato onde um participante disse que “a partir da vivência e o modo como foi colocada a avaliação, já que poderia ser considerada em momentos de aula, diminuiu um pouco a tensão, ainda mais **uns torcendo para os outros**” (p. 229) Grifo próprio. O êxito ‘do outro’ na prática do slackline diferentemente de outras

práticas corporais é comemorado por todos dada à natureza, a relação com o meio ambiente e outras sensações subjetivas ao sujeito.

O tempo e espaço para a prática também se caracteriza como uma categoria determinante para a compreensão dos valores compartilhados entre os praticantes de slackline. É importante salientar que o slackline é desenvolvido majoritariamente junto à natureza e em espaços públicos, seja nas montanhas, rios ou parques. E o tempo disponível para a sua apropriação torna-se determinante na forma com que os sujeitos vão se relacionar com a prática e com seus pares.

É importante compreendermos a partir desse referencial teórico que a prática do slackline enquanto uma manifestação cultural da Educação Física, ainda apresenta dados científicos incipientes no que tange ao seu desenvolvimento social e acadêmico. Para tanto, essa pesquisa pretende ampliar o debate sobre as práticas corporais de aventura sob a ótica do slackline no âmbito do lazer, constituinte das manifestações da Cultura Corporal. O Estado de Goiás apresenta grande potencial na expansão das práticas corporais no momento do lazer, entretanto, é necessário mais pesquisas e produções científicas que explorem esse campo para que possibilite a criação de políticas públicas e metodologias de trabalho que incentivem e alimentem as atividades voltadas para este setor da vida.

Os estudos apresentados no referencial teórico sobre as práticas corporais de aventura apontam sua ocorrência no âmbito do lazer e da educação física escolar, nos centros urbanos e junto a natureza onde o lazer de aventura ganha mais espaço e a aventura é uma alternativa às práticas corporais consolidadas nas grandes cidades. E ainda, como sugere Inácio (2021): “Refletir sobre as práticas corporais no Lazer pode ser justificado por diversos aspectos: saúde, cultura, sociabilidade, associativismo, apropriação de espaços e equipamentos, Educação Física escolar, meio ambiente etc.”

No âmbito da área de conhecimento da Educação Física, há algumas décadas, as práticas corporais no lazer de aventura ou não assim como o próprio fenômeno do lazer, são objetos de estudo. Isto se confirma com a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL) em 2013, com os congressos: Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL) (há mais de 30 anos) e o Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, bianual.

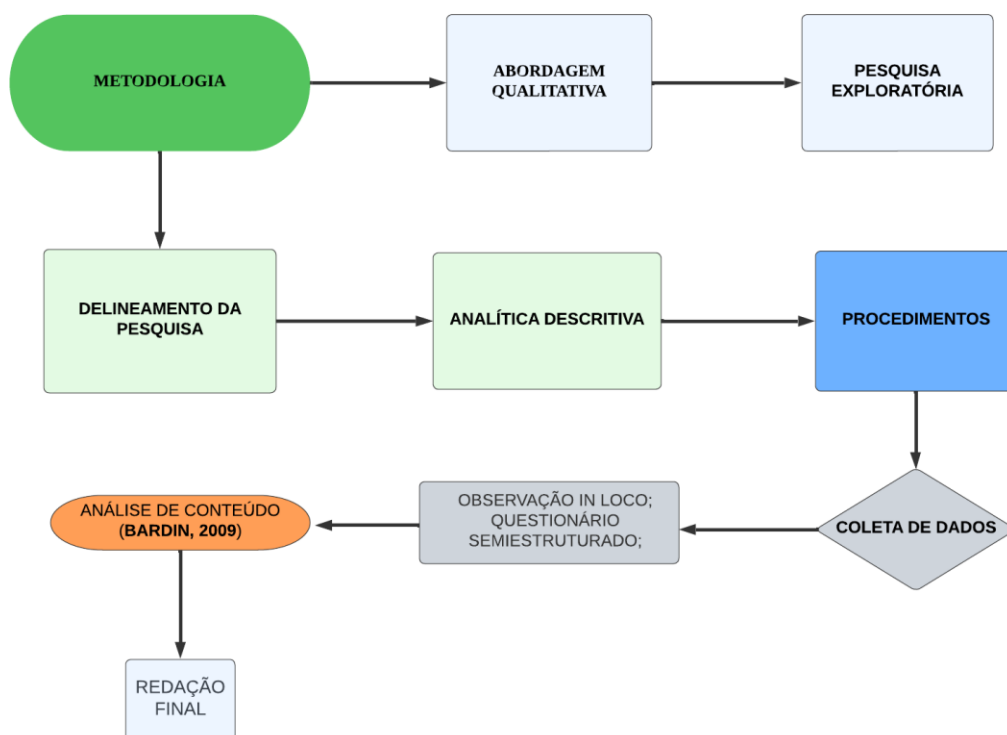
A investigação aqui proposta contribuirá significativamente para o avanço nos estudos sobre o Slackline enquanto um conteúdo do tempo livre, desvelando aspectos intrínsecos à mesma ainda pouco estudados. Some-se a isto o fato de que as PCA estão presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), requerendo dos pesquisadores, que se debrucem a

elaborar conhecimento que possa, também, ser utilizado por professores do ensino básico em seus planejamentos de ensino.

3 Percurso metodológico da pesquisa

Para facilitar a compreensão da metodologia adotada na presente pesquisa, o fluxograma a seguir ilustra esse processo:

Figura 4 – Fluxograma do percurso metodológico



Fonte: O próprio autor

Gil (2002, p.17) compreende que a pesquisa pode ser definida “como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema”, para isso, é necessário a utilização rigorosa de métodos e técnicas no âmbito científico que possibilite o êxito na pesquisa. Nesse sentido, Fachin (2005) entende que a necessidade de uma pesquisa surge a partir da descoberta de um problema ou da tomada de consciência de um problema, o que levará o pesquisador a encontrar possíveis soluções para ele.

Para Minayo (2007) há na pesquisa qualitativa uma preocupação com os elementos presentes na realidade que não poderia ser compreendido por uma visão quantificadora. Mesmo que apropriando de técnicas de pesquisa reconhecidamente quantitativas, segundo a autora “O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.” (p.21), logo, podemos inferir que essa pesquisa proporciona a descoberta dos significados, das motivações, das atitudes e dos valores intrínsecos ao fenômeno observado (MINAYO, 2007).

Assim sendo, esse estudo adotou o método qualitativo, do tipo exploratório recorrendo a procedimentos de caráter analíticos descritivos. Numa pesquisa qualitativa, Ludke e André (1986, p.14) compreendem que “O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações e acontecimentos. [...] a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.”, nesse sentido, estudos pautados numa abordagem qualitativa compreendem o processo como parte do todo sem fragmentar o objeto. Dessa forma, as dinâmicas e mudanças que ocorrem na prática social onde o objeto pesquisado se apresenta também são consideradas durante a pesquisa.

No intento de responder as questões presentes nessa pesquisa, tipificamos a mesma como uma investigação analítica descritiva, Marconi e Lakatos (2003, p.188) diz que “estudos exploratórios-descritivos combinados – são estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas ou teóricas.”, as autoras ainda pontuam que numa investigação que busca descrever um fenômeno e respondê-lo rigorosamente, poder-se-ia utilizar de ferramentas quantitativas e/ou qualitativas com o intuito de compreender os elementos que agregam significações ao objeto.

A sua escolha se justifica por compreendermos que uma pesquisa analítica descritiva nos permite analisar diversos aspectos concernentes há um grupo social vinculado à prática investigada. Segundo Triviños (1987, p.110) “[...] O estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinadas realidades.” Nesse sentido, essa pesquisa trará enfoque para a prática do slackline no Estado de Goiás, além da descrição do perfil dos praticantes dessa modalidade. Entretanto, não abdicaremos em fazer uma análise qualitativa dos dados, a partir do diálogo com os autores mobilizados no levantamento de dados.

Essa pesquisa “A prática do slackline: um diagnóstico de sua incidência no Estado de Goiás” está inserida no interior da pesquisa “práticas corporais de lazer em municípios de Goiás: diagnósticos e análises”. Essa pesquisa está sendo desenvolvida em diferentes esferas

do trabalho acadêmico e científico. Segundo Inácio (2021) uma das ações a serem adotadas é a diversificação dos objetos e sujeitos investigados, com isso surgirão diferentes temáticas possibilitando novos estudos no âmbito da graduação, pós-graduação assim como a socialização dos produtos da pesquisa por meio de eventos e periódicos.

O desenvolvimento dessa pesquisa no Estado de Goiás vai de encontro com a investigação desenvolvida pelo Diagnóstico Nacional do Esporte (Diesporte), logo, é possível reproduzir em partes as ferramentas metodológicas utilizadas pelo Diesporte levando em conta as especificidades das práticas corporais investigadas levando em consideração o contexto goiano.

O Diesporte foi realizado em rede com apoio e participação de seis Universidades Federais, a saber: UFRGS, UFRJ, UFG, UFAM, UFS e UFBA, promovendo pesquisas em todo o território brasileiro. Segundo Ministério do Esporte (BRASIL, 2016 p.8):

O Diesporte propõe o uso de metodologias e instrumentos possíveis de serem reaplicados em diferentes períodos e espaços, permitindo captar dados, bem como gerar a possibilidade de se criar futuramente uma plataforma de estatísticas básicas sobre o esporte no Brasil.

Dessa pesquisa surgiram dois cadernos, o primeiro elaborado em 2015 e o segundo em 2016. O seu objetivo, segundo o Ministério do Esporte (BRASIL, 2016 p. 7) foi “Identificar o grau de desenvolvimento do esporte no Brasil, visando a obtenção de subsídios para avaliar as políticas em âmbito nacional que permitam reconhecer e potencializar as práticas esportivas como geradoras de desenvolvimento econômico e social[...]”.

Como instrumentos de pesquisa o Diesporte utilizou-se de questionários com perguntas abertas e fechadas, esse trabalho ocorreu nas 27 unidades federativas do país ao longo do ano de 2013, dando origem posteriormente aos cadernos supracitados e outros produtos oriundos desse processo (BRASIL, 2016).

Compreendemos a partir da leitura dos dados obtidos nessa pesquisa que a utilização dessa ferramenta de coleta de dados foi primordial para a compreensão do cenário esportivo no Brasil. Nesse sentido, o uso de questionários possibilitou a pesquisa desenvolver parâmetros estatísticos sobre questões relacionadas à prática de esportes dos participantes, que posteriormente foi categorizado e analisado (BRASIL, 2016).

Sendo assim, a partir dos questionários do Diesporte que objetivaram: identificar os motivos que levam as pessoas a praticarem determinado esporte, os locais onde praticam e quais as modalidades esportivas praticadas pelos sujeitos, adaptamos estruturalmente para a

presente pesquisa a fim de identificarmos a incidência da prática do slackline no Estado de Goiás e as suas principais características. Contudo, não ignoramos outras questões que a partir da apropriação da literatura fizeram-se pertinentes.

Destacamos também a pesquisa proposta pela Associação Internacional de Slackline (ISA) que, periodicamente desde o início da década de 2010 vem investigando o cenário do slackline mundial. Gmeiner e Gesing (2018) fizeram um estudo sócio científico a fim de compreender como essa comunidade se apropria do slackline nos países investigados. Mesmo com algumas limitações, principalmente no que tange a sua abrangência, essa investigação apontou algumas características dessa comunidade por meio de questões pertinentes, que nos levou a adaptar aquelas que se mostraram pertinentes para o cenário do slackline goiano, respeitando os objetivos presentes na nossa pesquisa.

Outra influência metodológica foi a proposta investigativa de Sodré (2015) que, na sua pesquisa de conclusão de curso se propôs a investigar o perfil dos praticantes de slackline no Brasil. Essa investigação foi desenvolvida por meio das comunidades dessa prática na rede social *facebook* por meio da aplicação de um questionário desenvolvido pelo autor e aplicado para os participantes das comunidades existentes naquela plataforma. No Estado de Goiás, Sodré (2015) identificou 4 praticantes que participavam da comunidade goiana, esse número de fato não representava o total de praticantes de slackline no estado.

Entretanto, algumas questões presentes no questionário de Sodré (2015) apresentam um grau de relevância para compreendermos o slackline no cenário goiano. Nesse ensejo, utilizamos dessas questões como inspiração para criarmos o questionário que aplicamos aos participantes da presente investigação. Devido as práticas corporais de aventura serem um fenômeno recente de investigação no campo científico, encontramos apenas o trabalho citado anteriormente que se propôs a desenvolver uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva.

3.1 Instrumentos

Essa pesquisa utilizou-se dos seguintes instrumentos de investigação: questionários semiestruturados e observação *in loco*.

❖ Questionários

Foram aplicados questionários adaptados para a realidade goiana e flexível em função das especificidades do contexto do slackline. Essa adaptação ocorreu a partir das pesquisas:

Os questionários aplicados na presente investigação foram elaborados a luz das investigações: do Ministério do Esporte (BRASIL, 2016) no Diesporte (com as questões relacionadas a incidência, mapeamento e tempo de inserção na prática). Soma-se a isso, as questões concernentes ao slackline (questões sobre a inserção na modalidade, equipamentos utilizados, relações entre praticantes dentre outras) presentes nas pesquisas de Sodré (2015) e Gmeiner e Gesing (2018).

Com isso, buscamos evidenciar os conceitos e a percepção do objeto pelos participantes por meio dos questionários, com o objetivo de identificar quais são suas experiências, vivências e impressões. Essa proposição acima pode ser expressa a partir dos pressupostos presente em Gil (2008, p.121), que compreende o questionário como a “[...]técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos presentes ou passado”.

A escolha desse instrumento se deu por entendermos que essa ferramenta nos possibilitaria compreender o cenário do slackline no Estado de Goiás a partir da percepção dos praticantes. Segundo Gil (2008). Não há uma rigidez na elaboração de questionários, entretanto, as perguntas devem traduzir os objetivos específicos da pesquisa. Nesse sentido, o presente questionário foi elaborado com perguntas fechadas e abertas para potencializar as questões que pretendemos responder ao longo dessa pesquisa.

Para Gil (2008), após a elaboração do questionário é preciso compreender se ele é capaz de alcançar todos os objetivos da pesquisa, nesse cenário recomenda-se a elaboração de um pré-teste com o intuito de analisar se as questões foram bem elaboradas, possíveis mudanças na estruturação, incluir nossas perguntas ou excluir aquelas desnecessárias. Gil (2008, p.134) ainda diz que “O pré-teste é realizado mediante a população de alguns questionários (de 10 a 20) a elementos que pertencem à população pesquisada.”

Para tanto, foi elaborado uma pesquisa-piloto a fim de compreendermos se as questões presentes nesse instrumento seriam capazes de abarcar os objetivos da pesquisa. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.227):

A pesquisa-piloto tem, como uma das principais funções como uma das principais funções, testar o instrumento de coleta de dados. É por esse motivo que se recomenda, mesmo se o instrumento definitivo for o questionário, a utilização, no pré-teste, do formulário, com espaço suficiente para que o pesquisador anote as reações do entrevistado, sua dificuldade de entendimento, sua tendência para esquivar-se de questões polêmicas ou “delicadas”, seu embaraço com questões pessoais etc. A pesquisa-piloto evidenciará ainda: ambiguidade das questões, existência de perguntas supérfluas, adequação ou não da ordem de apresentação das questões, se são muito numerosas ou, ao contrário, necessitam ser complementadas etc. Uma vez constatadas as falhas, reformula-se o instrumento, conservando, modificando ampliando, desdobrando ou alterando itens; explicando melhor algumas questões ou modificando a redação de perguntas abertas (e uma grande parte deve ser aberta na pesquisa-piloto) podem ser fechadas, utilizando as próprias respostas dos entrevistados, desde que não haja muita variabilidade.

Ademais, levamos em consideração que a aplicação da pesquisa-piloto deveria se dar com sujeitos alvos dessa pesquisa a fim de avaliarmos se as questões seriam contempladas pelo instrumento, como apontam Gil (2008); Marconi e Lakatos (2003). Os sujeitos da pesquisa-piloto foram convidados a responder o questionário de forma facultativa, além disso, é importante destacar que para não prejudicar a coleta dos dados optamos por convidar apenas praticantes de slackline que residem fora do Estado de Goiás, como pode ser visto no texto de apresentação da pesquisa-piloto:

Boa noite a todas e todos, espero que estejam bem! Bom, meu nome é Diogo Geraldo da Silva Guedes, sou praticante de **slackline**, Pesquisador, Professor e atualmente curso mestrado na Universidade Federal de Goiás (UFG) cujo meu objeto de investigação é a prática do slackline no Estado de Goiás. Faço parte do grupo “**Festival CHOOSELIFE 3**” onde encontrei o contato de vocês, escolhidos de forma aleatória com uma única restrição: Não residir no Estado de Goiás. Esse contato tem como intenção validar meu instrumento de coleta de dados, que é um questionário no **GoogleForms**, para isso, gostaria de respondê-lo com praticantes fora do Estado de Goiás para não perder a oportunidade de alcançar o máximo de praticantes Goianos de slack, assim podendo diagnosticar ao máximo como está a cena do slack goiano. Sendo assim, caso vocês puderem colaborar respondendo o meu questionário, você ajudará uma pesquisa que tem como objetivo principal ampliar os olhares para o slackline, e divulgar essa prática que tanto gostamos. Um outro objetivo da pesquisa é angariar políticas públicas que incentive eventos e criem locais próprios para o desenvolvimento da modalidade, por meio da divulgação do produto dela. Vou enviar um link do formulário, caso prefiram posso enviar também para o seu e-mail para ter mais segurança e confiabilidade nesse contato inicial. Um ponto importante no nosso formulário é que você precisa respondê-lo como se fosse **goiano**, apontando cidades e locais “mesmo que fictício” para que eu possa respondê-los a fim de entender se essas perguntas contemplam o meu objeto. O formulário é autoexplicativo, ele contém 33 questões no total divididas em 5 tópicos, você gastará um tempo médio de 15 minutos para respondê-lo, e agregará incommensuravelmente para nossa pesquisa. Fico a disposição para qualquer dúvida que houver. Segue o link para o formulário.

Convidamos os sujeitos que participam de um grupo na rede social *WhatsApp* denominado de “*CHOOSELIFE 3*” que reúne praticantes de diferentes variações de slackline nos diversos estados do país. Obtivemos 13 respostas no total, a partir da análise das questões constatamos que o primeiro objetivo foi alcançado, pois não havia nenhum respondente do Estado de Goiás.

Para Marconi e Lakatos (2003), na pesquisa-piloto uma grande parte das perguntas devem ser abertas. Sendo assim, as questões concernentes a prática do slackline foram abertas e criamos um tópico ao final do questionário com questões abertas sobre a clareza do questionário, sugestões de perguntas e possíveis alterações. As análises das respostas apresentaram alguns limites presentes no questionário, dentre eles a mudança de questões de múltipla escolha para questões de seleções variadas (onde o sujeito poderia escolher mais de uma alternativa). Além disso, adicionamos duas questões sugeridas pelos participantes concernentes a segurança e aquisição de equipamentos.

A partir da análise do piloto, qual foi apresentada ao orientador dessa pesquisa, foi possível compreender os limites presentes na matriz analítica mobilizada até então na pesquisa, fazendo com que revisitássemos as bases teóricas e conceituais a fim de reavaliar a bibliografia mobilizada na pesquisa objetivando uma análise fidedigna aos objetivos da mesma.

Após esse processo o questionário foi elaborado a luz do *google formulário*, uma ferramenta de pesquisa disponível no ‘*google apps*’¹⁰. O *google formulário* apresenta diversas possibilidades, como poder ser respondido por diferentes aparelhos tecnológicos com acesso à internet, em diferentes locais, otimizando a coleta de dados da pesquisa. Segundo Bard e colaboradores (2017, p. 4):

O formulário google é um recurso digital para coleta de dados, armazenamento na nuvem e que pode ser acessado a qualquer tempo. É uma ferramenta de criação de questionários, com questões de vários formatos e com recursos de personalização. Assim, possibilita a criação de instrumentos avaliativos flexíveis e automatiza a coleta e manipulação de dados.

¹⁰ Esse serviço é encontrado gratuitamente na plataforma google, podendo ser acessado pelo link: <https://docs.google.com/forms/u/0/>.

O questionário foi dividido em 3 categorias a priori, a saber: (1) questões de caráter socioeconômico e dados pessoais do participante; (2) questões concernentes a prática do slackline (tempo de inserção na modalidade, motivação para iniciar e se manter, quais variações do slackline praticam, dentre outras); (3) questões acerca do mapeamento dos locais onde se praticam a modalidade (cidades, parques, bosques, eventos, grupos existentes no estado, dentre outras).

❖ **Observações *in loco***

Inicialmente apresentamos a proposta de pesquisa para um integrante do grupo a fim de frequentar os encontros com o grupo. Tivemos uma boa recepção, o que facilitou o nosso contato com os slackliners, vale destacar que antes das observações com roteiro pré-definido, já havíamos observado o presente grupo no parque, mas informalmente e sem contato, apenas para mapear os locais onde havia praticantes de slackline e quais dias eram mais apropriados para encontrá-los.

Para melhor compreender como ocorre esse fenômeno na prática além dos questionários também foram feitas observações participantes, esse instrumento possibilitou uma proximidade com os interlocutores dessa pesquisa qualificando o processo de coleta de dados. Para Minayo (2007, p. 70):

O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente.

Nosso objetivo a partir desse instrumento foi presenciar as relações entre os slackliners no seu momento de lazer, além das suas dinâmicas e comportamentos enquanto grupos. Vale destacar que as observações ocorreram em 4 oportunidades, todas no 1º semestre de 2023 e em finais de semanas devido a maior frequência dos slackliners aos sábados e domingos, com duração de 3 a 4 horas (chegávamos ao parque por volta das 15:00 e saíamos entre as 18:00 e 19:00 com o pôr do sol e o encerramento das atividades do grupo). Esse horário foi determinado segundo a chegada dos integrantes do grupo, que devido ao calor começavam a chegar a partir das 15:00 horas e ficavam até o começo da noite que

inviabilizava a continuidade da prática por falta de iluminação onde as fitas ficam ancoradas (cerca de 15 a 20 metros de altura).

Nesses momentos de observações, foram feitas anotações de acontecimentos marcantes, registros de imagens, datas e horas das ocorrências sem rigor analítico nesse primeiro momento do observador. Passados os dias das observações, um primeiro exercício de reflexão acerca dos ocorridos eram feitas e registrados no caderno de campo com a intenção de colaborar posteriori nas análises dos dados coletados. Para isso, os materiais utilizados na coleta de dados foram: gravador de áudio, câmera fotográfica e um roteiro pré-definido.

O roteiro (em anexo) foi elaborado a fim de presenciar elementos concernentes ao slackline, principalmente no que tange a relação dos sujeitos com a modalidade e com os seus pares. Nesse aspecto, por meio de contato prévio com os integrantes de um grupo de slackline na cidade de Goiânia/GO, foi solicitado que o pesquisador pudesse vivenciar alguns encontros entre os participantes a fim de coletar dados para a pesquisa. Nesse sentido, se fez necessário dada a dinâmica do slackline que as observações fossem participantes, o que potencializou a percepção das relações dos sujeitos integrantes desse grupo.

Para Richardson e colaboradores (2012) Um dos principais benefícios das observações é a oportunidade de auferir os fatos no momento da sua ocorrência, além disso, os autores compreendem que num cenário de pesquisa “Esse aspecto é importante porque o trabalho dependerá mais do pesquisador, deixando o observado como elemento passivo e sem despendar qualquer esforço além do desenho natural da sua atividade.” (p.264).

3.2 Sujeitos

Buscando alcançar o maior número de participantes na pesquisa, identificamos dois grupos na rede social *Whatsapp*® no qual os participantes foram convidados a participar da pesquisa respondendo os questionários. O primeiro grupo foi composto majoritariamente por praticantes de slackline no Estado de Goiás, nele participavam cerca de 50 pessoas.

Já o segundo grupo identificado, surgiu a partir de um evento de slackline que houve na região da Chapada dos Veadeiros¹¹. Inicialmente, foram identificados 250 participantes no grupo, contudo, o número de integrantes que residem em Goiás era minoria, pois esse evento teve inscritos nacionais e internacionais, apresentando ampla abrangência. Sendo assim, para identificarmos possíveis sujeitos para a pesquisa, fizemos uma aproximação inicial com os participantes identificando quais residem no Estado de Goiás, culminando em 37 participantes. Dentre eles, 25 já estavam no primeiro grupo, o que reduziu o número possível de participantes da pesquisa.

A partir do grupo delimitado, foram enviados os questionários acompanhados do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), num intervalo de 3-5 dias fazíamos uma busca ativa a fim de motivá-los a responderem, o que surtiu efeito causando um aumento vertiginoso nas respostas, mas ainda tímido perto do número esperado. Acreditamos que um dos motivos para essa baixa quantidade de respostas, pode ser a distância do pesquisador com os sujeitos. Roghanizad e Bohns (2017) fizeram um estudo comparando pesquisa presencial “cara a cara” com pesquisa feita por e-mail, segundo esse estudo as pesquisas feitas presencialmente são 34 vezes mais eficazes em comparação com aquelas feitas por meios eletrônicos.

Devido as dificuldades impostas na identificação dos locais e cidades onde pode haver grupos de slackline, a investigação nas plataformas digitais foi de suma importância na compreensão das questões analisadas nessa pesquisa. Mesmo com o panorama apresentado por Roghanizad e Bohns (2017), o questionário teve um alcance de 41 respostas, número não muito distante da realidade dessa prática corporal que identificamos nas observações *in loco*.

As observações ocorreram nos meses de março, abril e maio de 2023, em função dos poucos encontros que ocorreram no segundo semestre de 2022, período que estava previsto no cronograma da pesquisa. Para uma das integrantes do grupo, o ano de 2022 foi o período em que os slackliners estavam voltando a frequentar os parques após período pandêmico, sendo o motivo central da baixa ocorrência na prática. Nesse sentido, foram realizadas quatro incursões a campo para coleta de dados sempre aos finais de semana das 15:00 horas até as 18:00 horas podendo estender às 19:00 horas, localizado no parque Lago das Rosas localizado na região central da cidade de Goiânia/GO.

¹¹ Os 8 municípios que compõe a microrregião da Chapada dos Veadeiros são: Alto Paraíso de Goiás, Campos Belos, Cavalcante, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma, São João D’Aliança e Teresina de Goiás. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2014).

Ressaltamos que as datas não eram propostas pelo pesquisador, as observações ocorreram em dias que havia slackliners nesse parque, o que era informado pelo grupo de *whatsapp*. A escolha desse parque ocorreu devido ser o local onde havia a maior concentração de slackliners na cidade de Goiânia/GO, essa hipótese foi confirmada após incursões em outros parques que já foram espaços de treinamento de slackline na cidade de Goiânia/GO, especialmente aos finais de semana.

3.3 Procedimentos da pesquisa

A tabulação dos questionários ocorreu a partir da própria plataforma *google formulário* que, apresenta os índices automaticamente em consonância com o *software* Microsoft Office Excel®, para análise e tratamento dos dados coletados. A partir da tabulação os dados foram tratados, o que causou alterações nos resultados iniciais. Posteriormente, eles foram analisados rigorosamente para desvelar questões levantadas nessa pesquisa.

Os dados foram analisados à luz do método Análise de Conteúdo temático proposto por Bardin (2010, p. 38), cuja definição “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Esse método pode ser representado pelos três passos a seguir: a organização dos dados, a codificação e a categorização.

A organização dos dados passou pela “pré-análise”, etapa que pressupõe a organização dos materiais a serem analisados, nesse caso os questionários e as observações. Em seguida, foi realizado a “leitura flutuante” desses dados, Bardin (2010) compreende que esse é o momento da análise onde o pesquisador precisa estar aberto as possíveis ideias, hipóteses e reflexões, o que foi feito respeitando as categorias pré-estabelecidas nos questionários, além dos dados coletados nas observações. O que cominou nas inferências iniciais, que foram decompostas e codificadas a fim de dialogar com os pontos de interesse da pesquisa.

A codificação dos dados seguiu os pressupostos de Bardin (2010) e os objetivos dessa pesquisa, nesse sentido esse processo objetivou agrupar os temas analisados em unidades de forma que foi possível seguir “aos critérios da objetividade, sistematização e generalização” (RICHARDSON, 2012, p. 234). Esses elementos foram contemplados na análise conseguinte, levando em consideração que essa pesquisa se caracteriza como uma investigação descritiva, os dados foram expressos sob a forma de gráficos com números percentuais, estratégia utilizada para ilustrar as questões caras para essa pesquisa.

A terceira etapa foi a categorização, por meio das análises dos dados organizados a partir das 3 categorias organizadas *a priori*, a saber: (1) questões de caráter socioeconômico e dados pessoais do participante; (2) questões concernentes a prática do slackline (tempo de inserção na modalidade, motivação para iniciar e se manter e quais variações do slackline praticam); (3) questões acerca do mapeamento dos locais onde se praticam a modalidade (cidades, parques, bosques, eventos e grupos existentes no estado).

Essas categorias serviram de base para a organização dos temas investigados no seu interior, no processo de categorização alguns temas apresentaram relações entre si, exigindo um processo de recriação categorial que ocorreu levando em consideração as aproximações dos temas no intuito de apresentarem significações que relacionem com os objetivos da pesquisa.

3.4 Análise dos dados

Por meio dos questionários obtivemos um total de 41 respostas, dessas - três foram excluídas da análise, pois não residem no Estado de Goiás e tampouco buscam os municípios do estado para a prática do slackline, nos levando a 38 participantes analisados. O questionário ficou à disposição dos participantes durante todo o mês de fevereiro de 2023, e a cada cinco dias fazíamos uma busca ativa nos grupos de *whatsapp* para angariar mais respostas.

Algumas particularidades foram observadas no processo de coleta de dados, aqueles participantes mais engajados na modalidade foram agentes – Independentes – na coleta de dados. Além das respostas, eles compartilharam o link entre conhecidos e divulgaram nas suas redes sociais a fim de colaborar com a coleta de dados. Apesar desse engajamento, percebemos que há muitos participantes dos grupos investigados não estão engajados na modalidade, já que as respostas obtidas nos questionários ficaram aquém do número total de integrantes dos grupos.

Além disso, nas observações de campo ficou evidente que os participantes mais engajados nas redes sociais são os mesmos que invariavelmente estão buscando a prática. Convergingo nessa hipótese, durante os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa uma praticante relatou que há vários integrantes no seu grupo de *whatsapp* que não estão ativos na modalidade, o que explicou a divergência entre a quantidade de respostas e o total de slackliners nos grupos.

Dessa forma, o quadro a seguir sintetiza o percurso analítico dos dados:

Quadro 1: Etapas da análise da pesquisa

1º etapa	Realização de um estudo piloto
2º etapa	Aplicação dos questionários e assinatura do TCLE
3º etapa	observações <i>in loco</i> da prática do slackline na cidade de Goiânia/GO
4º etapa	Análise dos dados
5º etapa	Conclusão das análises
6º etapa	Construção da redação dos resultados e discussão

Fonte: próprio autor

4 A PRÁTICA DO SLACKLINE NO ESTADO DE GOIÁS

Nesse trabalho optamos pela manutenção das categorias definidas a priori (BARDIN, 2010) que permite considerar as categorias pré-existentes, contudo, elas foram modificadas a fim de responderem os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, após as análises algumas questões que foram abordadas nos questionários em categorias diferentes apresentaram relações com questões de outra categoria, o que gerou uma nova reorganização das categorias promovendo uma aglutinação dessas questões em temas. Logo, as categorias após essa reorganização por temas comuns apresentaram a seguinte estrutura:

Quadro 2: A prática do slackline no Estado de Goiás

ORGANIZAÇÃO DOS SLACKLINERS NO TEMPO E ESPAÇO

SLACKLINE NO ESTADO DE GOIÁS

Primeiro contato com slackline	Mapeamento do slackline em Goiás
Frequência dos slackliners	Eventos de slackline
Locais da prática	Motivação para a prática

As análises seguiram a mesma lógica das categorias a fim de facilitar a compreensão do leitor e a organização da pesquisa. Nesse caminho metodológico buscou-se diagnosticar a prática do slackline no Estado de Goiás e sua relação com os praticantes. Os slackliners apresentam características singulares, como pode ser visto abaixo.

4.1 Caracterização do perfil dos slackliners

No que diz respeito a faixa etária dos praticantes, nota-se que a maioria dos respondentes tem entre 21 e 30 anos, e os dividimos em duas faixas - de 21 a 25 anos com 36,84% e de 26 aos 30 anos, com o mesmo percentual do intervalo anterior (36,84%). Segundo Betrán (2003) os jovens são atraídos para as Práticas Corporais de Aventura devido ao risco proveniente do ambiente natural que desencadeia diferentes emoções nos jovens, muitas vezes motivados pelo seu “espírito rebelde e inconformista” (p.186).

Acerca da abrangência da pesquisa, os slackliners estão concentrados em seis cidades do Estado de Goiás, a saber: Porangatu, Jataí, Rio verde, cidade de Goiás, Anápolis e Goiânia. Contudo, há uma concentração desses sujeitos nas cidades de Anápolis (23,68%) e Goiânia (52,63%), o que se justifica ao considerarmos o tamanho das cidades apresentadas acima, sendo Goiânia a capital do estado contendo uma população muito superior as demais¹². Anápolis não fica muito atrás, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Anápolis conta com uma população estimada de 396.525 pessoas, fazendo dela a 3º maior cidade do estado.

Outra hipótese para essa concentração está ligada com a introdução do slackline no Estado de Goiás, esse processo teve início a partir da década de 2010 como aponta reportagens em revistas e *blogs* digitais. Um desses canais (FOLHAZ, 2020) digitais, apresentou a seguinte manchete em 2012 “*Conheça o slackline, esporte radical que invadiu Aparecida e Goiânia*”.

Levando em consideração que o slackline passou a ser difundido no Brasil em meados da primeira década dos anos 2000 (XAVIER, 2012), a sua inserção no Estado de Goiás ainda está em curso. Contudo, esse processo não parece seguir uma lógica expansiva/progressiva, haja vista que segundo Pereira (2017) havia um “centro de treinamento” na cidade de

¹² Segundo a prévia do censo de 2022, Goiânia apresenta 1,4 milhões de habitantes (IBGE, 2020).

Aparecida de Goiânia – região metropolitana de Goiânia criado no ano de 2012, o que não refletiu na quantidade de praticantes identificados na presente pesquisa. É possível notar que houve uma ‘febre’ nos primeiros anos após a disseminação da modalidade no estado, e em específico em Goiânia e região metropolitana, como apresentam as várias reportagens¹³ e materiais divulgados pela grande mídia.

Acerca da autodeclaração de gênero, 71,05% dos participantes se identificaram no gênero masculino e 28,95% feminino. Essa realidade não é diferente dentre os praticantes de slackline no cenário nacional, podemos verificar esse quadro a partir da pesquisa de Sodré (2015), que objetivou caracterizar o perfil dos praticantes de slackline no Brasil a partir das redes sociais. Dentre um total de 150 participantes da pesquisa, 124 eram do gênero masculino e apenas 26 do gênero feminino (SODRÉ, 2015).

No que se refere a formação escolar, podemos notar que 34,21% têm formação superior completa, e outros 31,58% incompleta, evidenciando que 65,79% dos participantes acessaram ou estão acessando a universidade. Em comparação com uma pesquisa de amplitude mundial realizada ISA em 2018, que objetivou desenvolver um mapeamento dos praticantes de slackline por meio das comunidades dessa prática na rede social *facebook*. Segundo Gmeiner e Gesing (2018), 44,16% dos slackliners tem formação superior.

Esses dados parecem convergir com a pesquisa realizada por Sodré (2015), que verificou a partir da sua investigação que 41,3% dos participantes disseram ter diploma de algum curso superior ou está cursando. Nesse sentido, há entre os praticantes de slackline uma prevalência de sujeitos que acessaram a universidade por meio de cursos superiores, como aponta os estudos internacionais, nacional e o presente estudo regionalizado.

No que tange a atuação profissional, é válido dizer que os participantes dessa pesquisa atuam majoritariamente (52,63%) num trabalho formal (em regime de CLT ou efetivo de uma entidade pública), contudo há um percentual considerável que atuam como profissionais autônomos (31,58%). Convergindo com esses dados, podemos concluir que a maioria dos slackliners (47,38%) têm rendimentos entre 1 e 2 salários-mínimos mensal¹⁴.

Para Gmeiner e Gesing (2018) os praticantes dessa modalidade podem ser considerados no máximo componentes da classe média. Entretanto, nossa investigação não pretende classificá-los num sistema de classes econômica, pois, a realidade goiana e brasileira

¹³ Reportagem de título “slackline ganha vários adeptos em Goiânia – 05/02/2013” Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2387967/>; acessado em 15 de fevereiro de 2023.

¹⁴ Valores que correspondem a 1.212,00 e 2.424,00 reais em 2022.

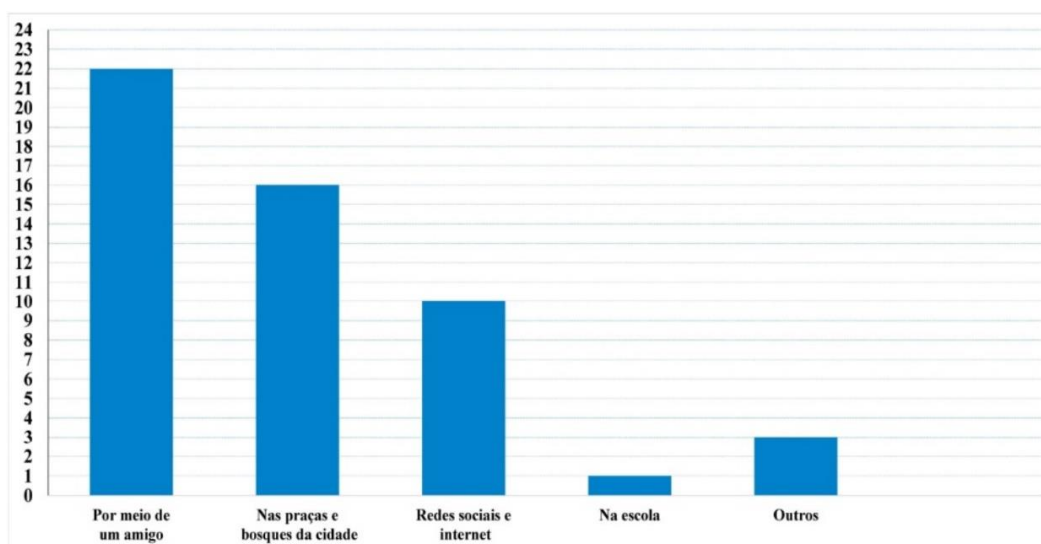
apresenta diferenças consideráveis em relação ao contexto europeu (continente que concentra a grande parte dos praticantes de slackline investigados na pesquisa supracitada).

4.2 ORGANIZAÇÃO DOS SLACKLINERS NO TEMPO E ESPAÇO

4.2.1 Primeiro contato com o slackline

A fim de elucidar a ocorrência dessa prática corporal no Estado de Goiás, lançaremos um olhar analítico sobre as questões que apontam algumas pistas para compreendermos as relações dos sujeitos e o slackline. Inicialmente, torna-se importante jogar luz nas questões relacionadas a introdução dos praticantes na prática do slackline. No gráfico abaixo, os praticantes poderiam assinalar até três opções.

Gráfico 1: Como conheceu o slackline?



Fonte: próprio autor

A iniciação no slackline parece ocorrer sobretudo por meio de amigos, é possível verificarmos em outras pesquisas que essa situação não é restrita na região investigada. A partir da pesquisa elaborada por Gmeiner e Gesing (2018), de amplitude internacional (como já abordada nessa pesquisa) e no cenário nacional (SODRÉ, 2015), ambas apresentam dados consistentes para essa hipótese. A primeira (GMEINER e GESING, 2018) verificou que 33,33% iniciaram no slackline por meio de um amigo, o que corresponde a 400 participantes dessa pesquisa, o restante ficou diluído nas demais opções. Já Sodré (2015) verificou que 54% dos entrevistados iniciaram no slackline através de um amigo, nesse sentido percebemos

que o primeiro contato com a prática muitas vezes pode ser provocado por algum amigo que está inserido nela, ou que tenha conhecimento sobre.

Além da relação explicitada anteriormente, há também uma outra variável que devemos considerar quando analisamos a iniciação dos sujeitos na modalidade. Segundo Gmeiner e Gesing (2018), devido a brevidade dessa prática corporal os praticantes não tinham formação para desenvolver suas técnicas, contudo, houve uma crescente na última década na produção de vídeos, *e-books* e tutoriais que tematizam o ensino no slackline.

A partir dessa questão, o elemento ‘pedagógico’ presente nas produções que visam instruir novos adeptos tornou-se um ponto interessante de análise. Compreendemos que o lazer pode ser (assim como a escola) um promotor de ensino para a apropriação do tempo disponível, como ressalta Marcellino (1992). Contudo, para a escola se tornar um ambiente que contribua na formação dos sujeitos para o usufruto dessas práticas corporais no seu tempo do lazer, é importante investigar se as PCA estão sendo inseridas na escola.

Nessa esteira, Marinho e Inácio (2007), analisando o fenômeno da ‘aventura’ na sociedade hodierna e seu potencial educativo, compreendem que o campo da Educação Física pode apropriar-se dos conhecimentos produzidos na esteira das PCA, com os mais diferentes objetivos. Segundo os autores elas podem proporcionar o desenvolvimento “coletivo (habilidades cooperativas e de comunicação), pessoal (autoestima), cognitivo (tomadas de decisão e resolução de problemas), físico (aptidão e desenvolvimento de habilidades motoras). Podendo ser apenas utilizadas como atividade de lazer(...)”.

Em vista disso, a proposição do slackline como uma PCA no ambiente escolar pode exercer uma função pedagógica, acarretando a autonomia dos sujeitos e no domínio (mínimo) dos conceitos básicos concernentes a prática do slackline. Assim, a escola exerceria o papel de introdução de práticas corporais para além daquelas hegemônicas no campo da Educação Física.

Verificamos no gráfico anterior que apenas um participante respondeu que conheceu o slackline no ambiente escolar. É inegável que houve uma crescente nas publicações relacionadas ao potencial pedagógico do slackline no ambiente escolar (são exemplos destas: THOMANN 2012; SANTOS e MARINHO 2014; SOUZA e PIMENTEL 2020; INÁCIO 2021; BUNGENSTAB et al 2017.). Guedes e Bungenstab (2018) investigaram as produções acerca do slackline no ambiente escolar no século XXI. Em conclusão, os autores apontaram que as primeiras publicações ocorrem no início da década de 2010, e a sua inserção em definitivo na escola ocorreu por meio da Base Nacional Comum Curricular em 2018 que incluiu as PCA como conteúdo obrigatório da Educação Física escolar.

Essa conjunção de fatores quando relacionados a faixa etária dos 73,68% dos participantes da pesquisa (21 a 30 anos), nos mostra que o slackline no Estado de Goiás não foi devidamente tematizado no ambiente escolar na última década. Talvez, estudos futuros com novos praticantes apresentará um outro panorama, onde a escola possa influir nas escolhas dos sujeitos para a apropriação do slackline no seu momento do lazer, tornando essa prática comum no ambiente escolar. Contudo, esse cenário ainda parece estar distante da nossa realidade.

As redes sociais na atual conjuntura se tornaram um espaço de propagação de informações, nesse cenário diferentes práticas corporais passaram a ter uma exposição massiva, e o slackline “surfou” esse momento, tornando-o conhecido em diferentes países para além dos estados unidos e Europa. As redes sociais exercem um papel importante nessa prática, já que 24,4% disseram que conheceram o slackline nas redes sociais e internet, em razão disso esse espaço possibilita que os sujeitos compartilham técnicas e habilidades para outros que estão em estágio de aprendizagem anteriores daquele que expõe seus vídeos “tutoriais”. Esses conteúdos são facilmente encontrados nas diferentes plataformas de compartilhamento de conteúdo.

Na pesquisa de Sodré (2015), ao questionar os participantes sobre a relação do slackline e as redes sociais, 50,7% disseram que utilizam desse espaço para “obter/compartilhar informações gerais sobre o esporte” (p.63). Essa relação reafirma o papel de formação de técnicas e habilidades que o espaço digital apresenta no atual estágio de desenvolvimento dessa prática corporal.

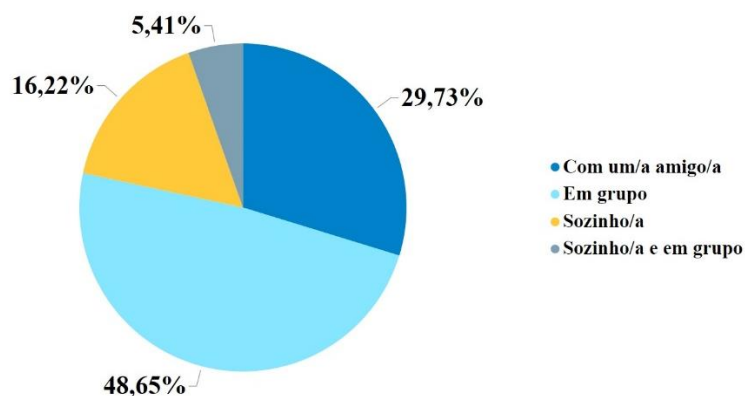
As redes sociais também exercem um papel importante entre os praticantes, Sodré (2015) apontou que os participantes da pesquisa (29,3%) utilizavam dessas plataformas para conhecer/conversar com outros praticantes de slackline. Assim como em todas as práticas corporais que passam por um processo de consolidação na sociedade, o slackline por se tratar de uma prática que exige equipamentos que exercem trabalhos especializados (e que, portanto, não apresentem falhas), corriqueiramente surgem novos aparatos tecnológicos que proporcionam uma maior segurança e conforto para a fruição dos praticantes.

Sodré (2015) apontou que 34,7% utilizam das redes sociais para “aprender/adquirir conhecimentos sobre a segurança no esporte” (p.64) o que remete a pouca idade dessa prática corporal. A segurança enquanto um elemento determinante para o desenvolvimento da prática por parte dos praticantes, foi uma questão que surgiu a partir do projeto piloto e posteriormente integrada ao questionário.

4.2.2 Frequência dos slackliners

Outra pergunta apresentada aos participantes e que faz relação com o levantamento supracitado, buscou abordar se os participantes desenvolvem a prática individualmente, com amigos ou em grupos conforme exposto no gráfico abaixo.

Gráfico 2: Frequentemente você pratica o slackline:



Fonte: próprio autor

Ao que parece o slackline é uma modalidade praticada majoritariamente em grupos, ao questionarmos os participantes acerca desse tema identificamos que 48,65% dos respondentes praticam slackline em grupo, o que representa um percentual elevado. Em contrapartida 16,22% disseram praticá-lo sozinho(a), outros 29,73% não praticam em grupo, contudo estão na presença de um(a) amigo(a). Por fim, destacamos também que a opção “sozinho/a e em grupo teve um percentual de 5,41%, o que nos leva a compreensão de que há aqueles sujeitos que nem sempre estão na presença dos grupos e, portanto, praticam sozinhos.

As observações do grupo *monstros do lago* apresentam alguns elementos que expressam os dados do gráfico acima. Inicialmente cabe ressaltar que as observações participantes tiveram seu início quando os slackliners estavam mais ativos no parque, o que nem sempre ocorreu. Nos diálogos com esses sujeitos foi possível identificar que a prática do slackline depende da disponibilidade de cada um, o que afetou diretamente na unidade presente durante as observações devido as diferentes profissões e obrigações sociais que recaem sobre eles. Nesse sentido, aqueles que frequentavam o parque em dias e horários não convencionais, convidavam o restante por meio do grupo de *whatsapp*, contudo, ocorria o processo contrário, já que a grande maioria apresentava obrigações laborais durante a semana priorizando a prática do slackline aos finais de semana.

Xavier (2012, p.18) ao investigar a introdução do slackline na cidade de Porto Alegre/RS, concluiu que “[...] o slackline, enquanto atividade de lazer, é praticado na maioria das vezes, em grupos, formados por indivíduos que normalmente compartilham semelhanças entre si”. Essa proposição também pode ser identificada na pesquisa proposta por Gmeiner e Gesing (2018), os quais, ao questionarem os participantes acerca da organização da comunidade do slackline, 74,3% disseram existir grupos nas comunidades locais onde residem. Ainda nessa mesma pesquisa, os participantes relataram que há clubes locais onde 31,1% pertencem, assim como outros 28,4% disseram pertencer a grupos desorganizados de amigos.

Acerca da organização da comunidade do slackline, Xavier (2012) identificou microgrupos na cidade de Porto Alegre/RS que numa ação conjunta construíram um evento de slackline com o objetivo de divulgar a prática corporal na cidade. Há nesse cenário sujeitos que compartilham experiências que só ocorrem nesse espaço devido a união dos sujeitos em prol da prática do slackline.

Outra questão investigada diz respeito ao tempo em que os sujeitos praticam slackline. Compreendemos que devido a pouca idade dessa modalidade em específico no Brasil e Goiás, como já destacado nessa pesquisa, a maioria dos praticantes poderia apresentar pouco tempo de prática na modalidade. Entretanto, cerca que 23,68% disseram praticar slackline a menos de 1 ano, o que não representa a maioria, na contramão, 36,84% praticam slackline há cerca de 1-3 anos, Outros 23,68% assinalaram que estão inseridos nessa modalidade há mais de 6 anos e 15,79% disseram praticar slackline entre 3 e 6 anos.

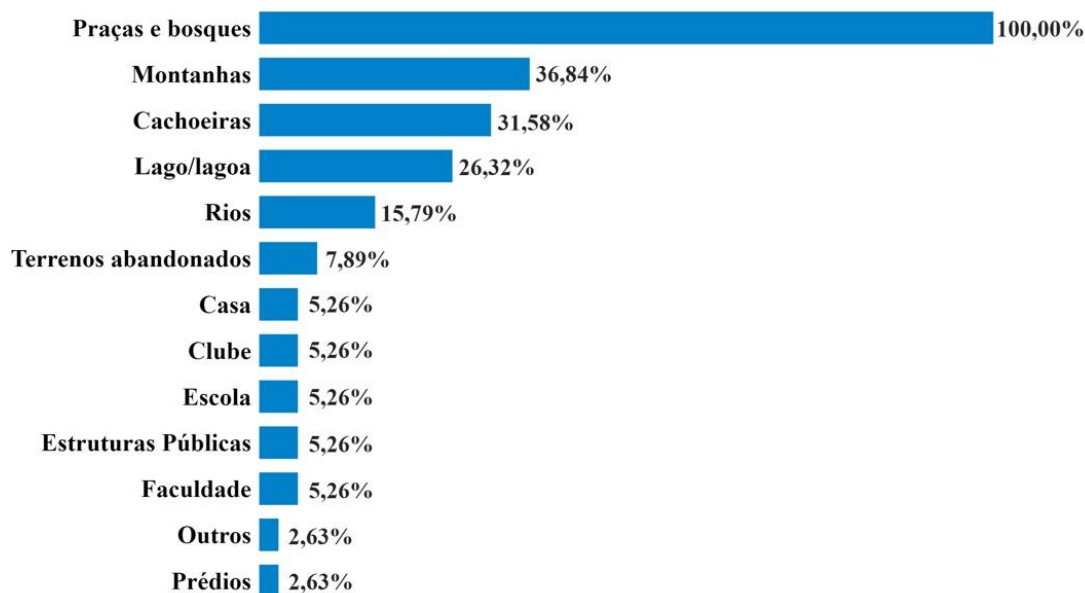
Percebemos que a grande maioria dos integrantes do grupo *monstros do lago* estão inseridos na modalidade a muitos anos, uma slackliner relatou que já está inserida nessa prática a mais de 10 anos. Nas suas palavras “*eu já peguei todas as fases do slackline em Goiás*” o que denotou muita experiência e compreensão do cenário dessa modalidade no Estado de Goiás. Além disso, essa participante disse que outros grupos foram formados na cidade de Goiânia/GO como o “*Go slack, slackmafia, Go slackgirls*”, contudo, no seu ponto de vista o *monstros do lago* foi o mais organizado deles, resistindo ao tempo.

Portanto, destacamos que por mais que há poucos praticantes de slackline em comparação com outras PCA no Estado de Goiás, esses por sua vez apresentam uma relação “estável” e “duradoura” com essa modalidade.

4.2.3 Locais da prática

Com o intuito de identificar onde essas variações vêm sendo desenvolvidas, questionamos os participantes da pesquisa acerca dos locais onde normalmente praticam slackline. O gráfico abaixo apresenta os espaços de lazer mais procurados pelos slackliners, sendo que eles podiam escolher até três opções.

Gráfico 3: Em quais locais você geralmente busca para praticar slackline?



Fonte: próprio autor

Diante dessa questão ficou evidente que 100% dos slackliners tem nos parques e bosques do Estado de Goiás os espaços mais propícios para a prática do slackline. Logo em seguida com 36,84% aparecem as montanhas¹⁵, o que reafirma o crescente movimento do *highline* não apenas no Estado de Goiás, mas no país. Apareceu com algum destaque os espaços que têm a água como um atrativo, como as cachoeiras (31,58%), lago/lagoa (26,32) e rios (15,79%), locais onde há possibilidades de praticar diferentes variações dessa modalidade, destacando-se as de *waterline*, *highline*, *midline* dentre outras. Terrenos abandonados apresentou um percentual de 7,89%; já as opções casa, clube, escola estruturas públicas e faculdade apresentaram o mesmo percentual (5,26%) o que representa a escolha de dois participantes. Por último, as opções prédios e outros foram citadas uma vez cada (2,63%).

¹⁵ A escolha desse termo ocorreu devido o entendimento popular que o designa (área de terra elevada); para ser condizente com o relevo predominante no Estado de Goiás (planalto), o ideal seria utilizar o termo chapadas, entretanto, como o termo montanha já está associada há uma estrutura de terra elevada, optamos por utilizá-lo para não causar confusões ou má compreensão da questão.

É importante compreender o desenvolvimento estrutural dessa modalidade, percebe-se que não há locais privados utilizados para a prática do slackline, como já antecipou Sodré (2015). Essa realidade ocorre pelas características fundantes das práticas corporais de aventura, nesse contexto, destaca-se a predominância dessas práticas ao ar livre (MARINHO, 2009). De maneira mais estruturada podemos citar os *slackpoint* (espaços criados para o desenvolvimento dessa modalidade) que normalmente são criados em parques e bosques, há registros de um na cidade de São Paulo no parque Ibirapuera (SODRÉ, 2015). Mesmo que no Estado de Goiás não haja um *slackpoint*, os parques e bosques abarcam a grande maioria dos sujeitos que procuram locais apropriados para a prática do slackline, realidade expressa na escolha dos participantes no questionário.

Soma-se a essa análise os dados da pesquisa da Gmeiner e Gesing (2018) que, ao questionar os participantes acerca dos locais procurados por eles para a prática do slackline nos últimos 12 meses, 95% dos participantes disseram escolher os parques em primeiro lugar, o que pode estar diretamente relacionado com a oferta de estruturas para a ancoragem da fita, representada pelas árvores. Na contrapartida desses dados, apenas 16% dos respondentes dessa pesquisa (GMEINER e GESING, 2018) disseram praticar slackline em parques com *slackpoint*, dados que confirmam a baixa quantidade de espaços criados para essa modalidade.

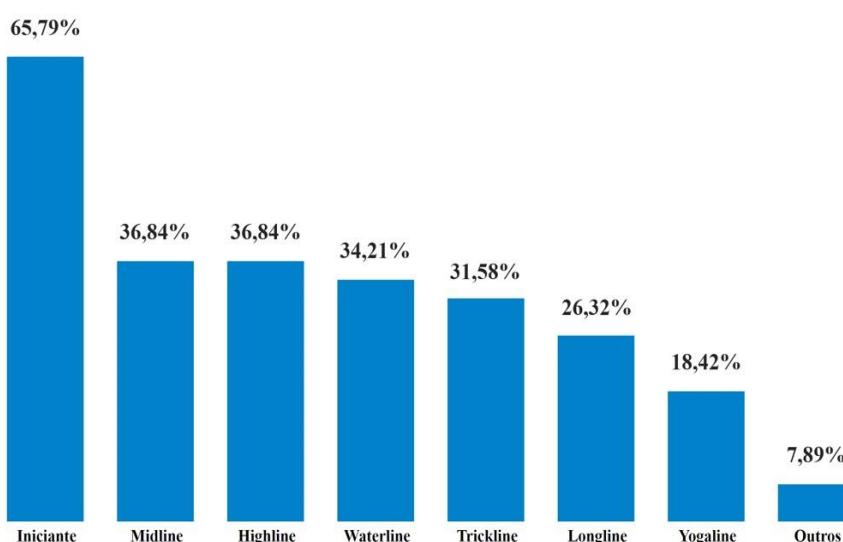
Logo em seguida 36,84% dos participantes praticam slackline nas montanhas. Em comparação com a pesquisa de Sodré (2015) o percentual que buscavam a prática do slackline nas montanhas foi de 19,3%, representando a 4ª opção mais escolhida. Essa diferença pode indicar uma preferência pelo *highline* no Estado de Goiás em comparação com outras regiões do país, ou indicativos de uma evolução da modalidade e dos seus praticantes, para Buckingham e Gesing (2015) houve uma crescente em adeptos do *highline* nos últimos anos.

Na pesquisa de Gmeiner e Gesing (2018) vemos que os adeptos que buscam a prática do slackline nas montanhas aumentou de 25% para 53% entre 2013 e 2018. Esses dados apontam para um processo de especialização dos slackliners, além disso podemos depreender que houve um aumento de adeptos das variações que exigem mais apropriação técnica, como ocorre na prática do *highline*. Destacamos também que 31,58% buscam nas cachoeiras locais para a prática do slackline, o que faz sentido levando em consideração a quantidade de cidades turísticas no Estado de Goiás repletas de cachoeiras, sendo um atrativo para a prática do slackline nas suas diferentes variações, como ocorre no parque da carioca localizado na cidade de Goiás onde os praticantes de *midline* fazem as ancoragens sobre as corredeiras

d'água. Para Gmeiner e Gesing (2018) o aumento de adeptos dessas variações também está relacionado a disponibilidade de locais apropriados para a prática, esses elementos favorecem uma massificação dessas variações no estado, dado a oferta de locais propícios para a sua ocorrência.

Para melhor compreendermos a forma de organização do slackline no cenário goiano, tornou-se importante mapear as variações mais praticadas no estado. Nesse sentido, apresentamos o gráfico abaixo para ilustrar percentualmente essa questão, a fim de direcionar a discussão adiante.

Gráfico 8: Variações praticadas no Estado de Goiás



Fonte: Próprio autor

Ao serem questionados acerca das variações mais praticadas do slackline, os praticantes podiam escolher até três opções, os resultados mostraram que a prática para iniciantes (65,79%) se configura como a variação mais praticada dentre os participantes. Em seguida destaca-se o *midline* e o *highline* com os mesmos percentuais (36,84%), o *waterline* também apresentou um percentual expressivo de 34,21%, o mesmo ocorreu com o *trickline* (31,58%). Um pouco mais distante, figuraram o *longline* com 26,32%, o *yogaline* (18,42%) e outras possibilidades de variações ficando com 7,89%.

Durante as observações notamos que o foco do grupo estava na prática do *midline*, mas, havia também fitas baixas para quem passava por lá e queriam subir ou conhecer a modalidade. Entretanto, todos os integrantes do grupo observado faziam seus treinamentos técnicos no *midline*, por vezes utilizando as fitas baixas para treinarem alguns fundamentos

necessários nas variações em grandes alturas. Essa realidade também ocorre no grupo *double check* que praticam predominantemente *midline* e *highline*, conforme investigado.

Se levarmos em consideração o que diz Buckingham e Gesing (2015) devemos considerar também o *midline* como um *highline* baixo. Os autores sugerem que “[...] o termo *midline* seja utilizado para *highlines* baixos e incluídos na categoria *highline*. O aumento do risco em *midlines* deve ser mitigado pelo conhecimento adicional e deve tornar-se parte da educação básica para a prática do *highline*.” (p.3). Se consideramos essa citação, a prática do *highline* no Estado de Goiás torna-se mais praticada (73,68%) em comparação com a iniciante. Independente da nomenclatura, é certo que as variações praticadas em médias e grandes alturas caracterizam o cenário do slackline goiano.

O *midline* como já dito nesse trabalho, diferencia-se do *highline* pela sua altura, sendo este praticado em fitas suspensas de 5 a 20 metros (ASHBURN, 2013) e pelo aumento vertiginoso do risco que envolve a sua prática. Um dos motivos que levaram o *midline* a se tornar uma das práticas do slackline mais praticadas atualmente, é a possibilidade de praticá-lo em parques e espaços públicos dentro das cidades. Em contrapartida, o *highline* já não apresenta a mesma oferta de espaços físicos principalmente nos centros urbanos, devido as grandes alturas que vêm sendo aplicadas nessa variação.

Sobre o *midline*, há alguns pontos importantes para compreendermos os riscos que circundam essa prática. Devido a sua disseminação entre os praticantes de slackline, novos estudos acerca da segurança foram desenvolvidos principalmente por praticantes experientes no continente europeu, como podemos observar no portal da ISA. segundo Buckingham e Gesing (2015), o *midline* é praticado muito distante do chão para ter uma queda segura sem riscos maiores, e muito baixo para ter uma queda ancorada pela corda de segurança presa na fita principal (conhecida como *leashfall*).

Devido a elasticidade da fita principal, corre o risco do praticante ao cair da fita estando preso pela corda de segurança acabar colidindo com o solo. Diferentemente do imaginário das pessoas, devido as grandes alturas em que o *highline* é praticado, ele acaba sendo uma prática mais segura de acidentes em comparação com o *midline*, já que a fita principal está muito alta para criar uma curvatura no meio, o que ocasionaria uma colisão com o solo.

Por fim, ao comparar os dados acerca das variações do slackline mais praticadas no estado com as pesquisas de Sodre (2015) e Gmeiner e Gesing (2018), é possível compreender como essa prática vem se desenvolvendo. Sodré (2015), ao questionar os participantes acerca das variações do slackline mais praticadas no seu tempo disponível, as três primeiras foram

longline; *trickline* e o *slackline* iniciante respectivamente. Na segunda pesquisa os dados apontam que a prática “iniciante” se caracteriza como sendo a mais praticada dentre todas (78,98%), esse dado condiz com a pesquisa de Sodré (2015) e com os dados encontrados no presente estudo. Contudo, ao mapear os praticantes de *highline*, Gmeiner e Gesing (2018) apontam que dentre todas as opções, essa variação é aquela que apresenta menor adesão dos participantes. entretanto, ao questionar apenas os praticantes mais experientes no *slackline*, esse estudo aponta que as variações mais praticadas nesses recorte (praticantes experientes), são o *highline* e o *rodeoline* (61,68%).

O que nos leva a compreender que a medida em que os praticantes evoluem nas outras variações, o nível de dificuldade e o desafio imposto pela prática do *highline* podem atrair os praticantes mais experientes, como um processo gradual que inicia com a prática com baixo risco ou nenhum (iniciante), experimentando as demais variações até chegar no *highline*. Devido ao caráter grupal do *slackline* as experimentações podem ocorrer simultaneamente, já que nos espaços de lazer onde esses sujeitos estão praticando a modalidade pode haver diferentes fitas ancoradas, como identificamos nos *monstros do lago*.

4.2.4 Segurança no slackline

Inicialmente, vale destacar que durante as observações os participantes do *monstros do lago* ofertaram uma oficina para todos os interessados (novatos e experientes) acerca da iniciação do *highline* cujos temas divulgados em panfletos digitais foram: *iniciação a prática*; *procedimentos de segurança*; *montagem de midline com ancoragem natural*. Onde a segurança enquanto elemento primordial foi muito debatido pelos *slackliners* mais experientes do grupo e com clínica prática para aprender a manusear os equipamentos necessários em diferentes situações que ocorre durante a prática.

Na busca de compreender o elemento “segurança” na prática do *slackline*, utilizamos de uma questão aberta onde os participantes foram indagados acerca da segurança dos equipamentos, vias e o olhar para a comunidade do *slackline* diante dessa questão. Nesse sentido, observamos que apenas 1 participante considerou perigoso o manuseio da catraca (utilizada para tensionar a fita). Os demais participantes apontaram que os equipamentos apresentam uma segurança satisfatória, desde que se respeitem as recomendações de uso. Percebe-se que a grande maioria dos praticantes confiam nos equipamentos para a sua prática, contudo, alguns elementos nos chamaram a atenção, os quais lançaremos um olhar mais criterioso.

Diante de uma análise por ocorrência, o termo ‘*backup*’ apareceu 3 vezes entre os participantes que dissertaram sobre as temáticas levantadas nessa questão. Esse termo se refere ao sistema que funciona como um ‘freio’ que otimiza a segurança na prática do slackline, o que evita acidentes em um possível rompimento de ancoragem. Para melhor ilustrar o seu funcionamento, Buckingham e Spottl (2016, p.8) explicaram em um artigo disponível no site da ISA:

O freio é anexado a uma ancoragem de *sling* separada. Um *webblock* conecta as polias ao slackline. Todos os conectores são manilhas (*shackles*). **Que também são usadas para o backup do sistema com as sobras de fita e corda.** É importante evitar colocar carga nos *backups* durante uso regular. O multiplicador inserido é removido do sistema após tê-lo tensionado. (grifos próprios)¹⁶

Nesse sentido, compreendemos que o *backup* tem a função de redundância¹⁷, ou seja, duplicar o sistema de ancoragem para situações de falha mecânica. Nessa situação a sua finalidade é diminuir a probabilidade de acidentes, caso haja uma falha de um dos equipamentos ou falha humana.

Não obstante, há nas respostas características linguísticas que estão associadas a algumas variações do slackline. É comum o uso do termo *backup* para se referir a ancoragem extra de segurança, entretanto, percebemos que uma parcela significativa dos participantes (6) apontou a necessidade de executar o “*double check*”¹⁸ antes do início do *highline*. Esse termo é utilizado pelos respondentes para expressar a checagem dos equipamentos de segurança feita por um praticante de *highline* (normalmente aquele mais experiente) no colega antes de iniciar a prática.

Esse *modus operandi* não é restrito apenas à prática do *highline*, em outras PCA podemos encontrar situações similares como por exemplo no voo livre. Pimentel (2009, p. 85) diz que “Distrações podem ocasionar em erros na colocação das peças, aumentando o perigo de acidentes. Por isso, é aconselhável que o piloto monte sozinho sua asa e depois a submeta à inspeção de um colega experiente.”. Ou seja, a validação que possibilita um início seguro na prática, passa por outro praticante preferencialmente mais experiente.

Dentre aqueles participantes que debruçaram na questão e apresentaram respostas fundamentadas, percebe-se uma confiança nos equipamentos desde que sejam certificados

¹⁶ Sobre os equipamentos referidos na citação, ler artigo completo para compreender as funções de cada um, e do sistema como um todo.

¹⁷ A redundância é um conceito aplicado na produção industrial e que podemos transportar para outras instâncias do cotidiano. Esse conceito é aplicado no uso de instrumentos mecânicos, onde ele não pode apresentar falhas, mas, caso haja, é recomendado que haja um sistema de redundância para abrandar as consequências e manter (minimante) a produção funcionando. Para saber mais, ler Slack et al. (2002).

¹⁸ Numa tradução livre do inglês, significa “dupla verificação”.

pelos órgãos competentes. No que tange as orientações e regulamentação na prática do *highline*, podemos verificar que o órgão que dispõe de material educativo acerca dos procedimentos nessa prática é a Associação Internacional de Slackline (ISA)¹⁹. No site dessa associação é possível encontrar procedimentos de montagem das diferentes variações do slackline.

No Brasil ainda não é comum as discussões no campo científico acerca da prática do slackline, muito menos dos seus aspectos de segurança. Se levarmos em consideração que o *highline* é a variação com maior risco de acidentes fatais (PLAICKNER, 2018), torna-se ainda mais necessário compreendermos os aspectos técnicos sobre a prática. Em países da Europa essas discussões vêm se tornando cada vez mais comuns em cursos de graduação e pós-graduação, essa tendência foi percebida a partir da quantidade de trabalhos disponíveis na internet produzidos nos últimos anos. Em uma dessas produções, Plaickner (2018) ao analisar os riscos no *highline* na sua dissertação de mestrado, aponta que é de suma importância que os recém inseridos nessa prática busquem praticá-la junto aos mais experientes, sendo pouco recomendado que os novatos andem sozinhos em seus equipamentos.

Dada a complexidade que circunda o *highline* e os riscos que a envolvem, é pouco usual ver praticantes dessa variação montando vias sozinhos. Mesmo que essa informação seja consenso entre os praticantes, a ISA reúne alguns artigos e experimentos produzidos por praticantes (alguns em parceria com fornecedores de equipamentos)²⁰, com o objetivo de criar uma rede de informação para aqueles ávidos por essa prática.

Destaca-se a produção de Witz e Buckingham (2014, p. 2) por descreverem “10 pontos importantes na prática do *highline*”. Dois pontos chamam a atenção, pois estão em consonância com as respostas dos participantes da pesquisa:

1. Os primeiros *highlines* de um iniciante devem sempre ser **montados em conjunto com highliners experientes**, com o intuito de aprender o básico. Todos devem verificar e questionar criticamente os equipamentos. [...] Todos os componentes de segurança relevantes dos *highlines* **tem de ser duplamente assegurados (redundantes)**. Na fita de slackline em si utiliza-se uma corda como *backup*. Esta deve estar amarrada de modo a que se mantenha sempre fixa caso as ancoragens do próprio slackline falhem. Grifos dos autores.

¹⁹ Essa plataforma pode ser acessa por meio do link Disponível em <:<https://data.slacklineinternational.org/>>: acessado em 23 de março de 2023.

²⁰ É possível encontrar no site da ISA alguns artigos que explicam informações acerca dos equipamentos, como: pontos de ruptura, carga de trabalho e carga em repouso. Além disso, experimentos com diferentes fitas podem ser encontradas, para compreender os níveis de rupturas dos diferentes materiais utilizados para produzir esses equipamentos, como no texto de Jorren (2015).

Essa convergência de informações acerca do elemento segurança presente nas respostas dos participantes dessa pesquisa, nos parece ser uma tendência na prática do *highline* devido ao risco real presente nessa variação. Para Plaickner (2018) há um olhar enviesado sobre o *highline*, ao taxá-lo como uma prática corporal onde não há um controle eficiente dos riscos. Essa visão, segundo Plaickner (2018, p.15) ao citar Kleidl (2011, p.124) atrapalha o desenvolvimento dessa prática, já que “(...) Os tempos quando os *highliners* tinham que ter um medo justificado pelas superestruturas não se justificam mais hoje”.

Na visão do autor, o avanço tecnológico em consonância com a criação de equipamentos especializados na modalidade, são os fatores determinante para o rompimento da visão do risco descontrolado no *highline*, onde o praticante está sobre um risco imensurável e a fatalidade pode ocorrer a qualquer momento. Plaickner (2018) apresenta uma análise acerca dos acidentes fatais nessa prática:

Em 35 anos de *highline*, houve apenas duas mortes documentadas (www.slacklineinternational.org; www.katlein.de). Ambos os acidentes podem ser atribuídos ao manuseio incorreto (o primeiro, 2011) ou ao esquecimento de usar a correia de segurança essencial (o último, 2018). Isso provavelmente reforça a tese de que o *highline* não deve ser classificado como um esporte radical. (...) O problema com a mídia impressa, no entanto, é que infelizmente ainda existem métodos desatualizados e perigosos que não devem mais ser usados.

A visão “extrema” no *highline* é combatida pelos praticantes, haja vista que os registros que incidem sobre acidentes fatais nessa variação do slackline são quase inexistentes. Durante a oficina de iniciação ao *highline* compreendemos que o êxito na prática passa por respeitar todos os procedimentos necessários antes de iniciar a sua caminhada na fita. Em dado momento, um slackliner dissertava acerca dos acidentes registrados em fóruns e estudados por especialistas, concluíram que a grande maioria dos casos de acidentes são por negligência do praticante muita das vezes experiente.

4.2.5 Conflitos socioambientais

Além dos aspectos supramencionados nessa questão, a outro elemento evidenciado por dois participantes cabe uma análise mais profunda. Para ilustrar a questão levantada pelos participantes, apresentam-se, na íntegra, as respectivas respostas:

Participante (1): “Não existe equipamento público de slackline, em Anápolis eles apenas colocaram uns “tocos” de madeira no parque, sem impermeabilização, que a gente já sente que tá rachando. Eu

aprendi a montar o slack da forma correta por causa de um amigo professor de Ed. Física, e tive que comprar meu próprio equipamento. Acho que é um esporte pouco divulgado e até elitista, nem todo mundo tem acesso e os poucos grupos que se reúnem para praticar não tem apoio nenhum, nem para montar o equipamento em espaço público, muito pelo contrário, eles dificultam a prática indicando locais dentro do parque sem nenhuma sombra ou iluminação, proíbem de montar o equipamento em árvores etc. Para praticar slackline a gente tem que querer muito.

Já o segundo participante, relatou o seguinte:

Participante (2): “Pratico sempre com equipamentos próprios e em espaço público (parque ambiental Ipiranga-Anápolis). É um local seguro pois é central na cidade, dentro de uma área considerada nobre. É o único local público da cidade com estrutura pronta para o slackline (tocos para amarração).

Percebe-se nas respostas que há diferentes obstáculos para a montagem do slackline na cidade de Anápolis/Goiás, segundo os participantes há alguma restrição do município na montagem da fita em árvores o que levou a construção de pontos de ancoragens (tocos).

Ambos os participantes parece estar se referindo ao mesmo local, já que o segundo participante relata que o presente parque é o único espaço que apresenta pontos de ancoragem instalados. É importante citar que a proibição de ancoragens em árvores nos parques não é uma realidade apenas da cidade de Anápolis/Goiás, segundo Alves e colaboradores (2019) na cidade de Volta Redonda/RJ praticantes de slackline foram proibidos de montar as fitas nos parques da cidade, decisão tomada pelo governo municipal.

Nesse texto, a forma de coerção utilizada pelo governo municipal da cidade de Volta Redonda/RJ foi a Guarda Civil, os quais tolhiam aqueles que buscavam ancorar as fitas em árvores em alguns parques da cidade. Percebemos que o slackline ainda não é bem-visto por alguns governos municipais, como esses exemplificados anteriormente. Um dos motivos para esse tratamento pode ocorrer devido à falta de conhecimento inerente a prática corporal e os equipamentos utilizados a fim de garantir a segurança do praticante e das estruturas naturais (nesse cenário, as árvores).

Na cidade de Goiânia/GO até o ano de 2018 não havia uma regulamentação que previa diretrizes para a montagem e a prática do slackline em ambientes públicos, o que poderia gerar situações de constrangimento dos responsáveis por zelar dos parques públicos

diante dos praticantes de slackline. A partir de 2018 foi criada uma lei²¹ que aponta como deve ocorrer o uso dos espaços, além de prever a criação de pontos de ancoragens artificiais (como tocos de madeira, pilares de concreto e de aço) para não trazer danos ambientais ao meio ambiente. Entretanto, ao visitar diferentes parques e praças de Goiânia/GO, não encontramos esses pontos de ancoragem, sendo comum ver pessoas com slacklines ancorados em árvores.

É importante compreendermos o que está sendo justificado pelos governos municipais (na imagem dos órgãos competentes em cuidar desses espaços) que impede a montagem das fitas nos parques das cidades. Percebemos que nesses casos supracitados, há uma preocupação com a danificação das árvores, já que a fita é ancorada normalmente nelas. Segundo Buckingham e Spottl (2016) alguns pontos devem ser levados em consideração antes da escolha do espaço para a prática, sendo eles: “a. Outros usos da área bem como pessoas transitando; b. Condições e restrições locais; c. Proibição da utilização de árvores como pontos de fixação; d. Regras específicas do parque; e. Leis ambientais gerais” (p.5).

Entretanto, é importante entendermos os aspectos técnicos – Referente a carga de trabalho exercida nas árvores pelos equipamentos do slackline – assim como uma possível ação política, buscando convergir os interesses e deveres dos governos responsáveis por cuidar dos espaços públicos em consonância com o desejo dos praticantes de slackline em apropriar-se desses espaços no seu tempo disponível.

Contudo, ainda há poucas produções acerca dos impactos do slackline no meio ambiente, todavia há uma preocupação crescente com algumas variações (como o *highline*, *longline* e *midline*) por parte dos praticantes. No intuito de colaborar com a comunidade os amantes dessa prática vêm produzindo testes principalmente ligados a segurança dos materiais e sua resistência durante o uso. É possível identificar na plataforma da ISA artigos produzidos por praticantes experientes expondo os resultados desses testes.

Jörren e colaboradores (2015) conduziram um teste publicado na associação supracitada no qual objetivaram comparar as forças exercidas por diferentes materiais na fita principal utilizados na prática do *highline* de 20 metros de altura. Antes de apresentar os dados oriundos dos testes, os autores ressaltaram que:

Nós estamos conscientes de que o número limitado de ensaios que pudemos conduzir não permite nenhuma conclusão válida cientificamente. As figuras que proporcionamos acima pretendem grosseiramente mostrar as diferenças de carga

²¹ Lei Nº 10.192, de 03 de julho de 2018. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/go/g/goiania/lei-ordinaria/2018/1020/10192/lei-ordinaria-n-10192-2018>. Acessado em 20 de março de 2023.

que ocorreram na nossa configuração teste utilizando diferentes materiais (PA, PES, HMPE). Nós não medimos resultados depois de vários ensaios sobre as mesmas condições, nem calculamos margens de erro. Adicionalmente, a desconfiguração da célula de carga para o leash (sem dados apurados para carga menores que 4kN) limitou a interpretabilidade para este dado.

Dada a novidade dessa prática corporal, muitos dos dados produzidos relativos aos aspectos de segurança foram realizados pelos próprios praticantes, ávidos por compreenderem os impactos exercidos no ato da prática. O experimento supracitado é referente ao *highline*, que dentre as variações do slackline é a que exige mais crivo técnico dada a sua natureza extrema.

No slackline para iniciantes não há muita complexidade, mas exige dos praticantes conhecimentos básicos sobre as forças exercidas pelo material no ponto de ancoragem, e a resistência desse ponto. Na grande maioria as árvores são os pontos de ancoragem, segundo Ashburn (2013) as árvores são as maiores preocupações para os parques, sendo necessário escolher as maiores de preferência com diâmetros acima de 30 cm e que apresenta uma aparência saudável. Além disso, o autor ainda pontua que é necessário compreender que o parque é um espaço de múltiplas expressões culturais e esportivas, portanto, um bom local para ancoragem de um slackline é aquele que não inviabiliza o fluxo contínuo desses locais.

Assim como nas respostas dos participantes expostas nesse tópico, Ashburn (2013, p.16) ao analisar o contexto estadunidense também aponta que a prática do slackline é vista como uma atividade ilegal, segundo o autor:

Muitas cidades têm comunidades de slackline em rápido crescimento, o que aumenta a preocupação de que o slackline danificará as árvores da cidade ou criará um risco à segurança no parque. Os funcionários dos parques da cidade, em particular, têm dificuldade em decidir o que fazer com os slackliners. Algumas cidades nos Estados Unidos proibiram preventivamente o slackline.

Percebe-se uma relação pouco amistosa entre os praticantes de slackline e as instituições que cuidam dos parques. Levando em consideração que os aspectos técnicos relacionados a prática do slackline são determinantes (muita das vezes) na ausência desses sujeitos em espaços públicos como os parques, uma ação coletiva e, portanto, política é uma alternativa para a construção de uma nova relação entre os agentes e as instituições.

É notável o distanciamento do estado em relação aos praticantes de slackline aqui investigados, contudo, observamos que há uma gama de possibilidades no campo teórico e prático que podemos refletir para a concretização de uma ação conjunta entre os sujeitos que

buscam praticar o slackline no seu momento do lazer, e a instituição pública responsável por zelar pelo espaço.

Essa proposta tem como objetivo a construção de uma outra experiência de lazer e no lazer; Mascarenhas (2005b) compreende que para a efetivação de uma ação política é necessário construir um projeto de um outro lazer, o que prescinde também assumir um projeto de uma outra sociedade. Sendo essa:

uma sociedade que garanta a todos os seus membros o efetivo direito de acesso aos bens e riquezas materiais e simbólicas produzidas, assegurando-lhes democraticamente a condição de cidadania, dispensando-lhes igual tratamento sob o ponto de vista da condição comum de cidadãos, livres das relações de dominação, opressão, exploração ou exclusão. (MASCARENHAS, 2005b, p. 157).

4.2.6 Duplo aspecto educativo do slackline

Para a efetivação desse cenário, Mascarenhas (2005b) considera que a busca de um outro lazer não pode ser compreendida como dissonante da construção de uma outra sociedade, nesse entendimento, ambas as frentes compõem o que o autor vai chamar de um só projeto mobilizador. A proposição de um outro lazer não é um projeto em devir – para uma outra sociedade – mas, deve conter ações localizadas no seu tempo histórico, vislumbrando a partir delas a construção de mudanças a curto, médio e longo prazo.

Partindo desse pressuposto ao reivindicar a prática do slackline nos parques públicos, essa ação também representa uma defesa de uma outra sociedade em que o projeto de lazer possa abranger as diferentes atividades da cultura popular. Ao propor ações dessa natureza, estaríamos cultivando possíveis mudanças a curto prazo dentro de uma estrutura que ainda lida com o lazer como uma mercadoria. Entretanto, seria uma sinalização política para a construção de um outro olhar para o lazer e, portanto, um outro olhar para a sociedade.

Dessa forma, considerando a realidade explicitada pelos slackliners da cidade de Anápolis, dentre as diversas ações políticas possíveis para sanar o problema da proibição da prática do slackline nos parques públicos, apontaremos aquela que apresenta impacto de curto a longo prazo nesse contexto. Dessa forma, essa ação poderá ser repensada e replicada também em outras realidades que apresentem um quadro semelhante.

Ao analisar a Lei orgânica do município de Anápolis/Go²², buscamos compreender qual o papel do município como gestor dos espaços públicos de lazer (como os parques),

²² A lei orgânica representa o ordenamento de um município que regula a vida pública na cidade. Esse documento tem um caráter de fazer valer os direitos, interesses e deveres da população local, agindo como uma

além das suas atribuições diante dos usuários desses locais. No que confere as atribuições do município de Anápolis/GO, Segundo a Lei orgânica municipal (ANÁPOLIS, 2023, p. 80):

O município desenvolverá atividades físicas através da realização de torneios esportivos e recreação sadia e construtiva que visem atender a todos, cultivando assim a prática saudável do convívio social, mediante: I – reserva de espaços verdes ou livres, em forma de parques, bosques, jardins e assemelhados, como base física da recreação urbana; (...) III- Aproveitamento e adaptações de rios, vales, colinas, lagos, matas e outros recursos naturais, como locais de passeio e distração.”

Há, portanto, prerrogativas legais para que o município incentive a prática do slackline nos parques e espaços públicos da cidade. Outro ponto importante passa pela promoção de áreas de lazer, que vai de encontro com a fala do segundo participante ressaltada nesse tópico.

Compreendemos que esse debate pode passar pelo duplo aspecto educativo do lazer, que para Marcellino (1995, p. 58-59):

Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda, que para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação

Refletir o slackline enquanto um veículo de educação na perspectiva de Marcellino (1995), passa primeiramente pela sua inserção no ambiente escolar, o que ocorreu no campo legal a partir de 2018 com o advento da BNCC. Em seguida, é necessário compreender que o slackline não será apenas um bem de consumo, mas terá que ser tematizado no ambiente educativo não apenas pelo professor de Educação Física, mas pelos demais especialistas que tematizam nos seus campos disciplinares conteúdos relacionados a prática ambiental e/ou PCA.

Nesse sentido, deve-se lançar um olhar para o slackline a partir das suas potencialidades no que tange ao desenvolvimento dos sujeitos, segundo Marcellino (1995, p. 60) isso passa “[...] pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao autoaperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade.”.

constituição municipal, sem sobrepor a constituição federal além da constituição estadual. Ela é prevista na constituição federal, artigo 29 (BRASIL. [Constituição (1988)]).

Não obstante, o slackline enquanto prática cultural do lazer como objeto de educação poderia preparar os sujeitos para as suas possibilidades de apropriação do tempo disponível de forma crítica e reflexiva, levando em consideração os impeditivos sociais que recai sobre essa prática corporal no seu tempo e espaço onde ocorre. Ademais, Marcellino (1995) compreende que considerar o lazer como objeto de educação é imprescindível, refletindo na formação dos sujeitos sobre as relações existentes nas práticas culturais de lazer.

Vale destacarmos um pouco do contexto histórico acerca das áreas de parques públicos da cidade de Anápolis-GO. Nesse sentido, a partir do trabalho desenvolvido por Paula (2009) que analisou a relação existente entre os parques da cidade de Anápolis-GO, o contato com a natureza e a saúde das pessoas que usufruem desses espaços, identificamos que até o final da primeira década desse século, havia poucas opções de parques públicos em áreas urbanas da cidade. Paula (2009, p. 13) destaca que:

Anápolis dispõe de poucas opções para o lazer. Existem apenas três parques recreativos: parque da criança (Antônio Marmo Canedo), Central parque (Senador Onofre Quinan) e o parque Jk, que necessitam de cuidados especiais para que possam atender as necessidades da comunidade.

Ao acessar o portal do turismo da prefeitura de Anápolis em 2023²³, foi possível constatar que existem 8 parques na cidade. Ressaltamos que há outras 7 praças na cidade também, algumas arborizadas - o que possibilita a prática do slackline; entretanto, ao comparar com o cenário da cidade até 2009 (PAULA, 2009) houve um crescente número de espaços de lazer na cidade. Apesar disso, continuam as restrições para a prática do slackline.

Ao destacar o único local público com estrutura de ancoragem para a fita do slackline, o participante se refere como sendo um “*espaço central em uma área nobre da cidade*”, indo na contramão do que diz a Lei orgânica municipal (ANÁPOLIS, 2023, p. 78-79-80) ao garantir que “O município criará e designará as áreas de lazer da zona urbana, em especial nos setores mais periféricos. (...) O município criará espaços públicos acessíveis à população, para as diversas manifestações culturais”.

Fica evidente que há uma predisposição em investimentos nos parques centralizados, garantindo a instalação de equipamentos de lazer nos mesmos o que acarreta numa ausência de estruturas físicas que garanta uma ocupação da população dos parques localizados nas periferias da cidade no seu tempo disponível. Situação semelhante também foi compartilhada

²³ Informações presentes na página do turismo no site da prefeitura de Anápolis-GO. Disponível em: <<https://www.anapolis.go.gov.br/turismo/>> acessado em 20 de junho de 2023.

por Mascarenhas (2005a, p.46), o autor ao se referir a realidade do lazer Paulistano indica que:

Em paralelo, é notório também o movimento que descrevem as agências multilaterais ao anunciarem o lazer como política necessária ao combate à violência. Um mapeamento encomendado pela OMS sobre as possibilidades de ocupação do tempo livre na periferia de São Paulo-SP salvo o mérito de ter precisado a quantidade e a localização dos equipamentos, acabou por comprovar o óbvio: as bibliotecas, museus, centros culturais, parques e teatros estão instalados concentradamente no perímetro central do município.

Essa realidade aparente vai na contramão do que é previsto na legislação municipal como citado anteriormente, além de uma ação política que concentra os recursos estruturais nas regiões centralizadas na cidade. Alves e colaboradores (2019) ao dissertarem sobre os conflitos socioambientais envolvendo os praticantes de slackline em Volta Redonda-RJ, também destacam que os dois parques onde os praticantes foram proibidos de ancorar as fitas nas árvores pela guarda civil municipal, estão localizados na região central da cidade.

A centralização dos equipamentos de lazer (MELO e ALVES JUNIOR, 2003) não está desassociada de outros problemas sociais, como a violência, presente na resposta do segundo participante desse tópico. Melo e Alvez Junior (2003) ao analisarem a cidade como um equipamento de lazer, concluem que as cidades são organizadas em compartimentos, o que gera uma fragmentação dos espaços com privilégios aqueles grupos abastados economicamente.

Destaca-se na fala dos autores, o seguinte trecho “Enquanto as zonas mais ricas das cidades preservam certa harmonia de formas e são motivo da preocupação constante dos poderes governamentais, os subúrbios e as periferias estão cada vez mais desgastados e sensivelmente abandonados” (MELO e ALVES JUNIOR, 2003, p. 49).

A partir disso, ao olharmos para o slackline e seus praticantes na cidade de Anápolis-GO, concluímos que não há ações que facilite o acesso aos espaços urbanos que contenham estruturas físicas propícias para essa prática corporal. O que há na verdade são ações práticas que dificultam os sujeitos em acessarem essa prática corporal. Seja pela falta de estrutura nas praças periféricas e por consequência uma redução à apenas um parque centralizado, seja pelo impedimento imposto na utilização das ancoragens naturais em árvores promovido pelo governo municipal. Contudo, a justificativa apresentada pelos guardas e/ou forças policiais relatada pelos praticantes de slackline é que a modalidade apresenta um risco a saúde das árvores. De fato, esse risco é real, quando não há uma formação/instrução para a escolha das melhores árvores para a prática, além de uma ancoragem correta dos equipamentos.

Ao que nos parece, o discurso dos municípios aqui citados que coíbem a ancoragem do slackline em árvores está pautado numa política protecionista de conservação do meio ambiente. Propaga-se nessa perspectiva um olhar para a natureza como uma instância “frágil” (RODRIGUES e GONÇALVES JUNIOR, 2009), que no limiar se distancia dos problemas reais da educação ambiental, impossibilitando a construção de ações que transformam a realidade social condizente com um projeto de sustentabilidade integrativo.

Esse pensamento reproduz a ideia que impera na sociedade industrializada, uma visão fragmentada entre o ser humano e meio ambiente. Ao propor uma reflexão acerca de uma educação ambiental, Rodrigues e Gonçalves Junior (2009, p. 989-992) depreendem o seguinte:

Mesmo reconhecendo a importância das atividades de sensibilização e de identificação com o meio para o processo de educação ambiental, a grande crítica em relação a essa abordagem está relacionada à visão fragmentária resultante de um discurso que urge pela conservação/preservação de uma natureza distante, que desconsidera o meio urbano, assim como o próprio corpo, como parte não menos importante dessa natureza, contribuindo para o distanciamento das relações ser humano-meio ambiente. [...], mas o aspecto mais preocupante da abordagem preservacionista é a questão de que despreza o potencial maior de um possível caminho pela motricidade humana para um trabalho de educação ambiental: a relevância do movimento na formação da identidade do indivíduo, e as possíveis relações dessa educação corporal para uma educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória.

Os autores compreendem que o processo formativo dos sujeitos diante dessa problemática social passa pela motricidade humana – Consideramos que os conteúdos da cultura corporal são esse caminho, não o único. No interior desse conjunto de saberes, as práticas corporais podem ser utilizadas como mecanismos de educação ambiental nos diferentes ambientes formativos, como veremos mais adiante. Mas, é necessário pautar-se na legislação para dar legitimidade ao processo, promovendo mudanças de dentro para fora (MASCARENHAS, 2005b).

Ao refletir uma ação política na busca de um outro lazer, consideramos que ela passa por ações educativas (formais e informais). Desta forma, na própria legislação municipal há possibilidades legais para a efetivação dessa proposição. Segundo Anápolis (2023, p. 83) “O município promoverá a educação ambiental, abrangendo disciplina relativa à preservação do meio ambiente em todos os níveis de ensino, cabendo ao município introduzi-la em sua rede de ensino(...)”.

Considerando a lei orgânica municipal e a obrigatoriedade desse conteúdo no interior das escolas por meio da educação ambiental, é possível promover ações pedagógicas

disciplinar ou interdisciplinar entre os diferentes campos do saber, a fim de tematizar o fenômeno do slackline e seu impacto ambiental e no lazer. As possibilidades de ações no âmbito da educação formal são fartas, como atividades de identificação das espécies das árvores presentes nos parques localizados nos arredores das escolas, sua composição e resistência. Essa atividade, por exemplo, pode colaborar na utilização das árvores pelos próprios alunos, que porventura se aproprie do slackline como conteúdo da Educação Física escolar, e busque praticá-lo no seu tempo disponível.

Entendemos que essa ação não condiz essencialmente com um modelo de lazer e de sociedade que limita e coíbe as diferentes práticas corporais no seu interior. Contudo, como bem coloca Mascarenhas (2005b), é preciso promover ações paulatinas no interior dessa sociedade com o intuito de vislumbrar uma outra relação com o lazer, mesmo que não represente uma ruptura total.

Nesse intento, investigamos a existência de políticas públicas de lazer que ofertassem a prática do slackline nas seis cidades que há incidência de praticantes. A partir dessa busca não identificamos nenhuma ação voltada para a prática do slackline nessas cidades, entretanto encontramos uma ação de incentivo a prática do slackline ofertada no município de Aparecida de Goiânia – Região metropolitana de Goiânia-GO.

O município de Aparecida de Goiânia a partir de 25 de abril de 2017 passou a ofertar aulas gratuitas de slackline em alguns parques e praças da cidade. Destaca-se o seguinte título dessa política pública na promoção dessa prática corporal: *“Projeto cidade em equilíbrio oferece aulas gratuitas de slackline nos parques e praças do município”* (APARECIDA DE GOIÂNIA, 2023).

O artigo de divulgação dessa ação aponta para possibilidades de refletirmos a inserção da prática do slackline nas políticas públicas de lazer. Nesse texto, destaca-se que para frequentar as aulas os alunos que, porventura forem menores de idade, necessariamente precisam estar estudando. Além disso, as aulas seriam realizadas duas vezes na semana das 18 horas às 20 horas, inicialmente em dois parques da cidade (APARECIDA DE GOIÂNIA, 2023).

O objetivo dessa análise não é rotular as gestões das demais cidades do Estado de Goiás que apresenta incidência da prática do slackline. No entanto, diante da promoção do lazer nos parques públicos e a relação desses municípios com a prática do slackline, buscamos refletir a viabilidade de políticas públicas que promova a prática do slackline no momento do lazer. Tendo em vista que acreditamos no poder transformador das práticas corporais de aventura, na tomada de consciência dos sujeitos diante da realidade e a sua

relação com o meio ambiente e sociabilidade, por meio dos sentidos (sensações e emoções) compartilhados entre os praticantes.

Seria ingenuidade considerar que essa manifestação da cultura corporal seria o único motor de uma mudança na concepção de sociedade e de lazer. Além disso, as PCA estão inseridas num ordenamento socioeconômico que prioriza o capital, assim como outras práticas corporais, numa lógica utilitarista e distante de uma concepção emancipatória (INÁCIO e MARINHO 2007).

Sabemos que por de trás dessas práticas pode haver interesses mercadológicos que, estão distantes de uma perspectiva transformadora dos sujeitos. Como bem preconizam Inácio e Ferreira (2017, p. 78):

A opção pela prática corporal na natureza, muitas vezes, está associada a um padrão de comportamento gerenciado por grupos de comerciantes e agentes de turismo. Desse forma, expectativas com relação a uma postura de sustentabilidade e de defesa do meio ambiente, não podem ser – necessariamente, identificadas em todas as situações que encontramos. Não se trata de uma lógica com associação direta!

Os conflitos existentes entre os praticantes de slackline com os gestores daqueles municípios que criminalizam a prática, não impede que esses sujeitos pratiquem essa modalidade. Contudo, perde-se a oportunidade de construir um processo pedagógico no seio das políticas públicas que valorize as práticas corporais que, a partir de uma abordagem coletiva e dialógica²⁴ pode constituir como instrumentos de mudança social.

Buscando finalizar essa reflexão (sem encerrá-la), consideramos que essas proposições estão pautadas no lazer a partir do seu duplo processo formativo, como preconiza Marcellino (2012). Consideramos que o lazer é um meio de educação potente, e a partir das suas expressões culturais é possível trabalhar questões axiológicos e de comportamentos dos sujeitos. Lançar esse olhar para as práticas corporais nos possibilita refletir não apenas o desenvolvimento social como também o pessoal, que no limite promove uma autoavaliação das nossas relações como a natureza e a sociedade.

Além da sua função de veículo educativo, Marcellino (2012, p. 54-55) completa esse conceito apontando o lazer como objeto de educação. Em suas palavras:

²⁴ Pautando-se nos pressupostos de Paulo Freire (2002), ao propor uma reflexão acerca da necessidade de uma proposta educacional (aqui consideramos essa necessidade de uma proposta educacional crítica (que transforme, conscientize e instrumentalize os sujeitos para a educação ambiental), levando em consideração as contradições, o agir humano e suas incompletudes.

Para a prática das atividades de lazer são necessários o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. [...] O que implica a consideração da necessidade de difundir seu significado, esclarecer a importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento ou contribuam para aperfeiçoá-lo.

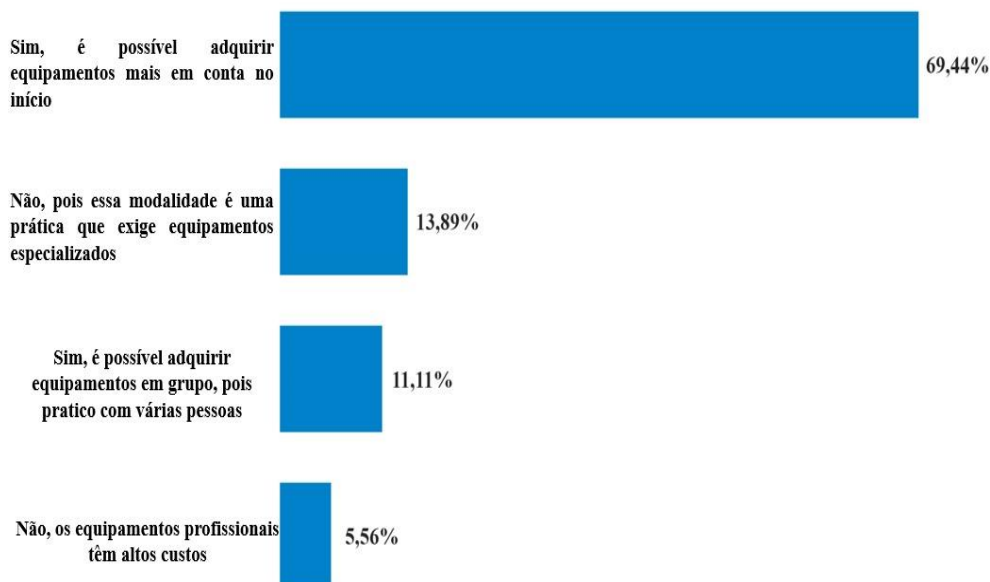
A prática do slackline mesmo que “ilegal” em alguns parques nos diferentes locais, pode exercer o seu papel de objeto de educação. Essa prerrogativa depende da relação dos sujeitos que estão apropriando dessa prática no seu tempo livre, e a sua visão de lazer e sociedade. Acreditamos que uma das características que tornam as práticas corporais de aventura como um potente conteúdo da cultura corporal, é a relação que o sujeito passa a estabelecer com a natureza e com seus pares. Elementos como a cooperação e a solidariedade, estão na base dessas práticas quando distantes do processo de especialização/esportivização que impera nas práticas corporais na sociedade hodierna.

Ressaltamos que esse debate não representa a realidade de todos os participantes dessa pesquisa, haja vista que não são todas as cidades que apresentam legislações que proíba a ancoragem de slackline em árvores, principalmente nos parques.

4.2.7 Acesso ao slackline

Nesse sentido, para compreendermos se essa prática no cenário goiano se caracteriza por ser uma prática de fácil acesso (econômico e aos locais para prática), iremos dialogar com os gráficos seguintes:

Gráfico 4: Você acredita que o slackline é uma prática corporal de fácil acesso econômico?



Fonte: próprio autor

A questão econômica pode ser um grande agravante na popularização de uma prática corporal, algumas das PCA realizadas junto a natureza exigem espaços específicos para a prática além de equipamentos especializados. Esses aspectos podem torná-las práticas corporais restritas para poucos que tenha aporte financeiro para custear os gastos com transportes, equipamentos e acesso aos locais próprios para a prática (como ocorre na escalada *outdoor*).

Observamos que o slackline quando praticado em grupos, apresenta características estruturantes, o que incide numa organização coletiva compartilhada, que influencia diretamente na maneira como os slackliners acessam equipamentos mais tecnológicos e usufruem dessa prática. No grupo *monstros do lago* percebemos que os equipamentos foram adquiridos de forma coletiva, ainda mais devido à natureza da variação praticada majoritariamente pelo grupo (*midline* e *highline*), o que prescinde de equipamentos que exerce um trabalho mais intenso com relação as variações mais baixas e menos arriscadas.

Nesse sentido, consideramos que o slackline quando praticado em grupos, nos parece ser acessível devido as relações de partilha que existem nesses conjuntos. Seja na forma como eles adquirem os equipamentos, seja pelo comportamento solidário com seus pares. Contudo, como há diversas variações que exigem equipamentos diversos no que tange ao trabalho exercido por ele, podemos lançar um olhar para a variação iniciante que é a prática mais acessível do ponto de vista econômico.

Lançando um olhar para as respostas dos participantes, é possível depreender que a introdução na modalidade não exige altos investimentos, como foi apontado por 69,44% dos participantes. Levando em consideração um kit de slackline básico (catraca, fita, protetores de árvores e *backup* de segurança), ao pesquisarmos em duas marcas com muita adesão entre os praticantes (sendo uma nacional e outra internacional) obtivemos os seguintes valores praticados: Marca nacional “Nokaya” (259,99 reais)²⁵, por outro lado a marca internacional “Gibbon” exerce o valor (426,13 reais)²⁶ para o kit básico. Esses equipamentos têm uma durabilidade considerável, o que não exigiria novos investimentos em compras futuras, contudo, a medida em que os slackliners vão ganhando experiência e buscando novas formas de equilíbrio, surge a necessidade de equipamentos que apresentem outras possibilidades.

Há uma gama de marcas e equipamentos com valores diversificados, utilizamos os dois supracitados para ilustrar o cenário de apropriação dos equipamentos básicos dessa modalidade, considerando a variação para iniciantes. Para essa variação, acreditamos que o slackline é uma prática acessível economicamente aos participantes dessa pesquisa, levando em consideração as análises socioeconômicas dos slackliners. Contudo, não podemos concluir a partir desses dados que as demais variações apresentam as mesmas características de acessibilidade, haja vista que as exigências de equipamentos são outras.

Diretamente relacionado a essa questão de acessibilidade econômica, há também uma temática comum à todas as práticas corporais, a adaptação de equipamentos. É bastante comum (principalmente no ambiente escolar) encontrarmos equipamentos adaptados que possibilitem a fruição de determinada prática, nas PCA há inclusive um debate no âmbito acadêmico que aponta as possibilidades de criação de equipamentos com o objetivo de propiciarem os sentimentos provenientes da aventura.

Compreendemos que no ambiente escolar há uma dificuldade institucional no que tange à temática dos recursos físicos e materiais. Além disso, devido ao risco proveniente das PCA, os equipamentos utilizados exigem altos investimentos sendo esse um empecilho para a aquisição no ambiente escolar. Nesse cenário surgem iniciativas de professores preocupados com o processo de ensino e aprendizagem, é nesse cenário que as adaptações e criação de equipamentos vêm se tornando recorrente.

Nesse cenário, destacamos a produção de Moraes e Inácio (2022), que a partir do conteúdo PCA, desenvolveram equipamentos com os alunos a fim de apropriarem das

²⁵ Informações disponíveis em:< <https://www.nokaya.com/>> acessado em 06 de maio de 2023.

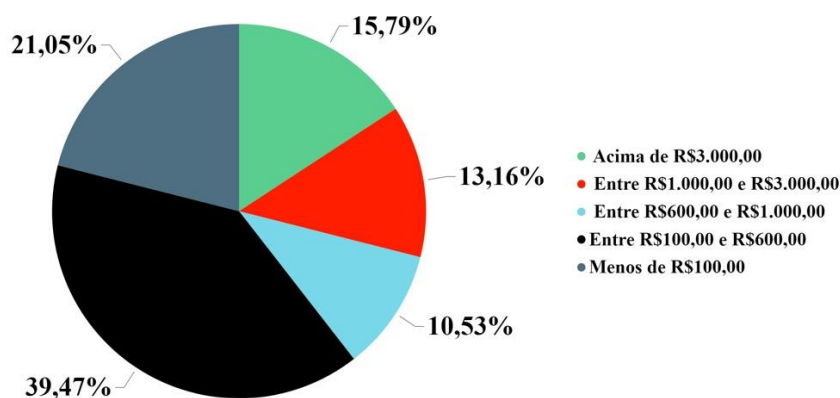
²⁶ Valor convertido do euro (moeda exercida no site da empresa). Disponível em:< <https://www.gibbon-slacklines.com/en/products/>> acessado em 06 de maio de 2023.

sensações presentes nessas práticas. A partir da classificação presente no trabalho de Inácio (2021), os autores buscaram trabalhar o deslocamento por deslizamento com os alunos, sendo utilizado por eles garrafas pets e cordas para promover o deslocamento.

Em outro trabalho Santos et al (2018) propondo um material didático com a mesma finalidade dos autores anteriores, apresentaram uma adaptação para trabalhar a escalada na escola. Os autores utilizaram o chão para simular a parede que seria escalada, desenharam as diferentes pegadas presentes na escalada e as formas de deslocamento, logo após o trabalho foi repetido nas grades que ficam atrás dos gols na quadra, com o suporte de uma corda.

Outro elemento analisado foram os gastos com equipamentos promovidos pelos slackliners, nesse sentido o gráfico a seguir objetivou apresentar os investimentos com equipamentos dos sujeitos da pesquisa.

Gráfico 5: Em relação aos seus gastos com equipamentos de slackline, quanto você já investiu em equipamentos?



Fonte: próprio autor

Apesar de compreendermos que o slackline para iniciantes se constitui como uma prática corporal com baixos investimentos, levando em consideração um kit básico para essa variação, essa realidade não se aplica nas demais variações do slackline. Como podemos ver acima 39,47% dos slackliners investiram entre 100,00 e 600,00 reais em equipamentos, logo em seguida destacam-se os 21,05% que investiram abaixo de 100,00 reais. Há também aqueles sujeitos que investiram acima de 3.000,00 reais em equipamentos, correspondendo a 15,79%, não muito distante outros 10,53% investiram entre 600,00 e 1.000,00 reais. Por

último, destacamos também que 13, 16% disseram que investiram entre 1.000,00 e 3.000,00 reais em equipamentos.

A partir desses dados, em consonância com as observações de campo percebemos algumas características elementares nessa temática. Em suma, os slackliners fazem investimentos diferentes entre eles, como visto nessa pesquisa, os participantes têm rendimentos mensais na grande maioria (47,38%) entre 1 e 2 salários-mínimos mensal. Essa situação econômica pode explicar os percentuais elevados de sujeitos que investem menos de 100,00 Reais e de 100,00 a 600,00 Reais, já que essas duas opções foram as que mais apresentaram percentuais.

Outro ponto que converge com esses dados passa pelos altos investimentos feitos por uma parte considerável dos participantes, acerca dessa temática observamos que apenas a remuneração dos participantes não é determinante nesse aspecto, há de se analisar também o tempo de inserção na modalidade e o nível técnico dos slackliners. Nesse ponto, notamos que os praticantes de *midline* e *highline* dos grupos observados, fazem investimentos mais altos em comparação com o grupo inserido apenas no *trickline* e iniciantes.

Contudo, os investimentos não são realizados de uma só vez, nas observações notamos que os slackliners praticantes de *midline* e *highline* estão sempre adquirindo novos apetrechos tecnológicos a fim de garantir uma prática mais segura. Essa realidade pode ser explicada pela profusão de equipamentos que surgem cotidianamente relacionados ao slackline nas suas múltiplas variações, fitas com mais tecnologia, equipamentos de ancoragem, equipamentos de proteção individual dentre outros equipamentos estão à disposição no mercado. Além disso, ao pesquisar na plataforma da ISA, há diferentes artigos desenvolvidos para analisar o trabalho exercido de diferentes equipamentos das mais variadas empresas fabricantes.

Acerca do *midline* e *highline*, essas variações exigem equipamentos especializados, pois são desenvolvidas em médias e grandes alturas. Além dos equipamentos principais que são compartilhados por todos (como a fita e os equipamentos de ancoragem) há também os equipamentos individuais que são necessários para uma maior segurança como é o caso da cadeirinha por exemplo, que prescinde de medidas específicas a determinados biotipos. Apesar dos custos mais elevados dos equipamentos para essas variações, a grande maioria dos integrantes do grupo *monstros do lago* tinham seus equipamentos individuais, alguns adquiridos de segunda mão dentre os próprios praticantes.

Levando em consideração essa temática, buscamos entender se os praticantes de slackline ao iniciar na modalidade utilizaram equipamentos alternativos, já que essa realidade também ocorre nas práticas corporais desenvolvidas no tempo livre.

Percebemos que a grande maioria dos participantes (57,89%) adquiriram equipamentos específicos para a prática. Esse dado é reafirmado no gráfico 4, já que 69,44% acreditam ser possível encontrar equipamentos em conta, ao iniciar na modalidade. Contudo, vemos que há um grupo de 21,05% que iniciaram nessa prática utilizando um equipamento que tem como finalidade prender cargas em caminhões, e que apresenta valores mais acessíveis em comparação com os equipamentos específicos para a prática do slackline.

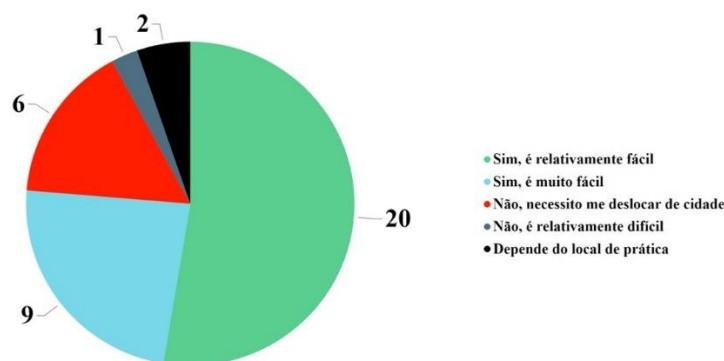
Vale ressaltar que o conjunto de equipamentos para a finalidade de transportes de cargas contém basicamente uma fita e uma catraca. Para a prática do slackline, é necessário que a fita apresente um olhal (costura na extremidade da fita) que servirá para ancoragem em um dos pontos, além de uma corda de *backup* que garanta a segurança mínima em casos de acidente. Por fim, vale destacar que esse material é feito para transportes de carga, o que implica um tipo de trabalho específico e, portanto, a fabricação condizente com o objetivo.

Mas é possível utilizar esse equipamento para praticar slackline na variação de iniciante, com algumas modificações no equipamento (como a adição de um olhal e a aquisição de uma corda de *backup*). Tendo em vista que não há grandes riscos para essa variação, já que a fita é ancorada próxima ao solo e com os pontos de ancoragens próximos um dos outros.

Poucos são os participantes que não tem equipamentos (2 apenas), apesar dessa prática corporal ter um aspecto coletivo, onde os participantes compartilham entre si os equipamentos, percebemos que independentemente do nível dos equipamentos, seja de uso esportivo/amador que apareceu na pesquisa em 10,53% dos participantes, seja doado por um amigo como relatado por um participante, a maioria dos slackliners tem seu próprio equipamento.

Ainda acerca das questões relacionadas ao acesso, questionamos os participantes se eles acreditam que essa prática corporal apresenta um fácil acesso aos locais de prática. Como presente no gráfico abaixo:

Gráfico 6: Você acredita que a modalidade é de fácil acesso aos locais de prática?



Fonte: Próprio autor

Percebemos que a grande maioria dos participantes (52,63%) acredita ser relativamente fácil o acesso aos locais propícios para a prática do slackline, outros 23,68% acreditam ser muito fácil o acesso, ou seja, não há uma resistência generalizada dos municípios que impedem esses sujeitos em usufruir dos espaços públicos de lazer no seu tempo livre. Ao analisar as respostas abertas dos sujeitos percebemos que essas respostas estão diretamente ligadas com a variação praticada pelos participantes.

Aqueles sujeitos que praticam apenas o slackline para iniciante, que não demanda equipamentos mais sofisticados tampouco equipamentos específicos de segurança, têm mais opções de espaços para a prática. Ao contrário daqueles sujeitos que praticam alguma variação que exige condições físicas, climáticas, equipamentos específicos da variação praticada e de segurança para o desenvolvimento da prática. Nessas condições, torna-se um desafio maior encontrar locais com condições específicas, o que pode representar os 15,79% que disseram ter a necessidade de viajar para garantir as condições ideais para a prática.

Nesse ensejo destacamos também os 2 participantes que responderam que o acesso depende do local onde se pretende praticar, o que faz sentido se refletirmos acerca das variações praticadas no ambiente natural, por fim, apenas 1 considerou relativamente difícil, como visto anteriormente há um olhar discriminatório diante da prática do slackline, que responsabiliza essa prática à destruição de árvores, tornando um impeditivo no acesso aos locais.

Nas observações ressaltamos que o grupo *monstros do lago* está localizado em um parque central na cidade de Goiânia/GO com muita oferta de árvores para ancoragens, seja das práticas nas alturas, ou nas variações mais próximas ao solo. O grupo apresenta dinâmicas de viagens em busca de picos para a prática do *highline* no ambiente natural, o que

também não foi relatado ter algum tipo de coibição por outras instituições nesses espaços. Contudo é importante ressaltar que o exemplo da cidade de Anápolis/GO por mais que aparentemente seja um caso isolado de coerção aos slackliners, ocorre também em outras cidades fora do estado, o que exige um olhar mais atencioso para essa problemática.

Nesse sentido, cabe refletir as respostas apresentadas pelos participantes nessa questão. Ao analisá-las, destacamos a fala de dois participantes: slackliner 1: *Nas praças dentro da cidade é bem fácil, mas em missões de montanha exige um conhecimento e uma prospecção melhor e mais elaborada do local.* Slackliner 2: *Depende pois não é todo lugar que temos árvores que aguentem a pressão e um lugar com grama ou colchão a disposição.* Percebemos que os participantes estão expressando nas respostas variações distintas, o que mostra a gama de possibilidades de apropriação dessa modalidade. Essa fala “missões de montanha” refere-se a prática do *highline*, que acontece dentre outros lugares em picos de morros, chapadas e montanhas.

O participante considera que, para montar um *highline* é necessário que os praticantes tenham um acúmulo de conhecimentos nessa prática, assim como do local onde ela ocorrerá. Para Plaickner (2018) a prática do *highline* exige dos praticantes trabalho em equipe para além das competências técnicas ligadas ao slackline, somado a experiência na modalidade e por vezes conhecimentos relacionados à escalada a depender do local onde a fita será ancorada.

Essa informação vai de encontro com os achados de Sodré (2015, p.53), que ao investigar os praticantes de *highline* no Brasil, percebeu que há um avanço gradual dos sujeitos nas diferentes variações do slackline: “parece que conforme os anos de prática a tendência de praticar outras modalidades aumenta e a chance de praticar *highline* também, já que a prática requer qualificada habilidade motora além de coragem e domínio de técnicas específicas.”.

Nos parece que a prática do *highline* vem se destacando em número de adeptos no Estado de Goiás, assim como vem ocorrendo no cenário europeu e destacado por Buckingham e Gesing (2015), esse movimento é decorrendo da pouca idade do slackline, acreditamos que a exemplo de outras PCA mais midiáticas o slackline passará por muitas outras mudanças estruturais, como a esportivização e a inserção em programas competitivos renomados, como ocorrido na escalada por exemplo.

Essa prática encontra terreno fértil no Estado de Goiás devido ao seu relevo, já que nas regiões de planalto podemos encontrar relevos de serras, chapadas e morros. Destacamos as chapadas presentes principalmente na região da “chapada dos veadeiros” que vem se

tornando um local muito frequentado pelos adeptos dessa prática corporal, principalmente a prática do *highline*, devido as grandes alturas que existem nessa região o que proporciona no meio natural as condições ideais para o desenvolvimento dessa variação.

Já o segundo participante, apresenta alguns empecilhos para o desenvolvimento do slackline, devido à falta de árvores que suporte as cargas exercidas no trabalho sobre a fita, além de espaços gramados e colchões. Essa fala, é elucidativa no sentido de apontar para a variação citada (entrelinhas) pelo participante (2), nesse caso trata-se do *trickline*. Essa variação é atualmente aquela que se desponta no cenário do slackline competitivo, nacional e internacional.

Primeiramente, ao pesquisarmos os trabalhos desenvolvidos acerca dessa prática no Brasil, percebemos que o *trickline* foi a variação do slackline que ajudou essa prática corporal a se estabelecer no cenário brasileiro. Pereira (2020) ao propor um estudo para compreender a entrada e permanência de atletas na variação do *trickline*, nos ajuda a elucidar a importância dessa prática para a disseminação do slackline pelo mundo. Para Pereira (2020, p.31) o *trickline* características que o torna semelhante ao trampolim, utilizado na ginástica. Para o autor, esta variação “[...] tem uma estreita ligação com os elementos do solo da ginástica artística que são desafiadores.”. Essas características ajudam a explicar o porquê dessa variação ser a mais comercializada, tanto em produtos, quanto nas mídias.

No *trickline* o objetivo principal é executar acrobacias, que são movimentos difundidos pela ginástica, e que já apresenta uma organização esportiva pautada em níveis de dificuldades nas competições gímnicas. Logo, a reprodução dessa organização competitiva no *trickline* ajudou na expansão dessa prática. Pereira (2020, p. 25) diz que:

Um marco para o *trickline* ocorreu no ano de 2009, [...] nessa oportunidade foi realizada a primeira competição internacional de *trickline* com a participação dos protagonistas dessa categoria, como: Andy Lewis, Alpha Mike e Momo Wiese. Ainda segundo a empresa, os vídeos dos slackers executando as manobras foram disseminados pelo mundo por meio da plataforma Youtube e de outras redes sociais. E, conseqüentemente, atraíram a atenção do público que aderiu ao esporte pelas acrobacias executadas sobre a fita de 5 cm de largura.

Como podemos ver acima, o *trickline* que teve sua disseminação impulsionada por vídeos em redes sociais, teve sua primeira competição internacional no ano de 2009. Como já apontado nesse trabalho, o slackline chega no Estado de Goiás a partir da década de 2010 (FOLHAZ, 2020), muito por influência da disseminação do *trickline*.

Além dessa contextualização, é importante retomar a resposta do participante para compreender outros aspectos. Ele destaca que há ausência de estrutura física (como espaços

com árvores adequadas, solo com grama e/ou colchões) para o desenvolvimento da prática. Como já discutido nessa pesquisa, a prática do slackline em espaços públicos ainda é vista como uma infração, ou como aponta Ashburn (2013) uma prática criminalizada. Essa discussão perpassa pela criação de políticas públicas e proposições que incentive a modalidade não apenas no Estado de Goiás, mas em todo o Brasil.

SLACKLINE NO ESTADO DE GOIÁS

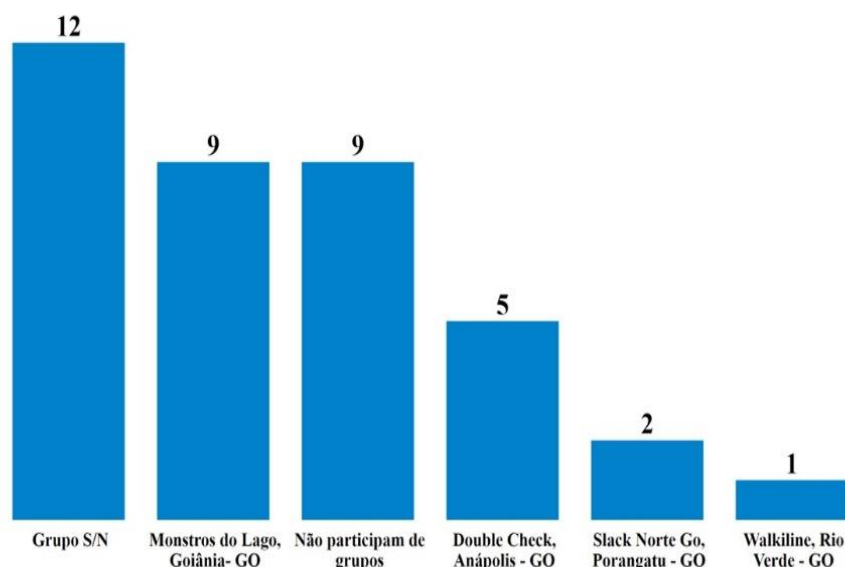
5. Mapeamento do slackline em Goiás

5.1 Grupos

O forma de organização dos praticantes de slackline no Estado de Goiás foi analisada a partir da sua lógica interna. Nesse sentido, identificamos que essa modalidade ocorre de forma articulada nos interiores de grupos, que por sua vez apresentaram três características marcantes. A primeira diz respeito a sua organização, foi possível por meio das observações compreender que há atualmente dois grupos com elementos que apontam para uma estruturação enquanto conjunto, e algumas características estruturantes, como: locais de treinamento específico, equipamentos adquiridos de forma coletiva, uniformes e indumentarias que agrega identidade aos grupos e ação política em prol do slackline.

A segunda diz respeito a ausência dessas características estruturantes, pautada numa concepção de lazer desinteressado, a terceira diz respeito a inter-relação entre os grupos organizados. Observamos que entre os dois grupos próximos de uma estruturação há uma relação próxima e amistosa, além de conter participantes que frequentam ambos concomitantemente, mesmo estando em cidades diferentes. Para ilustrar esse debate, podemos identificar no gráfico os referidos grupos.

Gráfico 7: Se você participa de um grupo, qual o nome dele e em qual cidade se reúnem?



Fonte: próprio autor

Identificamos que há um percentual de 34,2% que praticam slackline em grupos, contudo esses não apresentam nome, além disso destacamos também que cerca de 23,7% não participam de grupos. Entretanto, há slackliners que estão inseridos em grupos, como os *Monstros do lago* na cidade de Goiânia/GO que contém 23,7% dos participantes da pesquisa, seguido do grupo *Double check* localizado na cidade de Anápolis/GO com 13,1% além dos grupos que apresentaram números de participantes mais reduzidos, como *Slack Norte Go*, na cidade de Porangatu/GO com 5,2% dos participantes e por fim *Walkiline* em Rio Verde/GO, com apenas 1 representante.

Vale destacar que o slackline é uma prática muito recente não apenas em Goiás, mas no Brasil e em boa parte do mundo. Consideramos que essa modalidade (conceitualmente) apresenta características de um modelo hedonista, com um fim em si mesmo (BETRÁN, 2003), ainda pautada no impulso dos novos adeptos que devido o modismo e o desejo de consumir algo novo passam a praticá-la sem treinamento prévio (MARINHO, 2008). Dada essa conjuntura, a organização dessa modalidade parece ainda estar num estágio inicial no Estado de Goiás, seja nos aspectos práticos e técnicos, ou forma de apropriação dos praticantes. Possivelmente, os grupos *monstros do lago* e *double check* identificados no gráfico anterior representam a totalidade desse universo no que tange aos grupos que apresentam elementos estruturantes no Estado de Goiás. Numa apropriação da prática para além do modismo, estabelecendo relações interpessoais que passam pelo slackline.

No que tange a primeira característica dos grupos que apresentam elementos estruturantes, destacamos que ambos (*monstros do lago* e *double check*) treinam frequentemente nos mesmos lugares. No caso do primeiro como já destacado nessa investigação, o treinamento ocorre no parque lago das rosas na cidade de Goiânia/GO, por outro lado o segundo grupo treina no parque da liberdade na cidade de Anápolis/GO. O primeiro grupo contém vias fixas de *midline* espalhadas pelo parque, no levantamento da estrutura do grupo identificamos cinco vias montadas de *midline*, sendo elas: *burocrática*, *paralela*, *bate e volta* e *sútil*. Vale destacar que há outras vias de *midline* que não estavam montadas durante as observações.

O grupo *monstros do lago* apresenta uma identidade visual, notamos que os participantes compartilhavam de uniformes com o *slogan* do grupo, o que denota uma organização interna além de um sentimento de pertencimento. Além disso, há no interior desse grupo o uso contínuo de um vocabulário com significações próprias para aqueles sujeitos na sua inter-relação com a modalidade, seja em momento de descontração ou durante a travessia nas fitas nas alturas.

Para além da prática do slackline, os integrantes do grupo investigado compartilhavam entre si outros momentos da vida. Observamos que após os encontros de finais de semana, esses sujeitos partiam para outros lugares objetivando desenvolver outras práticas culturais no tempo disponível. Nesse sentido, concordamos com Stigger (2002, p. 223) que no seu estudo etnográfico acerca de grupos desportivos no âmbito do lazer, compreendeu que “é através deste convívio que também é desenvolvido um processo de socialização dos indivíduos, os quais – ao viverem coletivamente – passam a compartilhar maneiras de estar no mundo[...]”. Nesse ponto, a prática do slackline pode criar relações sociais que extrapolam o campo da prática corporal, inclusive sendo o meio que possibilita a construção de uma visão de mundo compartilhada entre os sujeitos inseridos no grupo. Stigger (2002) compreende que por meio dessas interações e conflitos existentes no interior dos grupos, os participantes podem vivenciar outros valores cominando numa percepção mais qualificada acerca da sua prática social.

Observamos nesse ensejo que há condutas e valores que não são aceitos entre os praticantes. Durante uma oficina (que tratarei com mais atenção adiante) um diálogo acerca da importância das mulheres praticantes de *highline* tomarem seu espaço e não aceitar abusos promovidos na maior parte das vezes por homens, nos chamou a atenção. Um fato ocorrido no interior de um grupo na rede social de um evento que ocorreu no 1º semestre de 2023 foi a questão central. Um slackliner disseminou nesse grupo alguns argumentos acerca de um

debate sobre a mulher no *highline* que, segundo as integrantes do grupo investigado, foi machista. Após vários debates, ele foi removido desse grupo.

É importante perceber nesse contexto que os praticantes do grupo em geral compartilhavam da indignação gerada nas mulheres, o que caminha na compreensão de Stigger (2002) quando diz que esses grupos vivenciam valores mais qualificados acerca da sua prática social. Esse fato pode ter motivado indiretamente um evento construído e pensado pelas integrantes dos dois grupos aqui destacados (*monstros do lago* e *double check*), e destinado apenas para mulheres, seja iniciante ou praticante de *highline* que ocorreu na cidade de Anápolis no mês de março de 2023, onde o 2º grupo supracitado mantém sua prática.

No campo científico, o debate acerca do desenvolvimento axiológico nos interiores das PCA tem encontrado terreno fértil. Para situarmos o slackline nesse debate, destacamos a resposta de um slackliner acerca da questão referente ao gráfico anterior: “*monstros do lago. O grupo é de Goiânia. Também fazemos missões de highline juntos com double check e choose life, equipes de Anápolis e Brasília respectivamente.*”. Além da prática do *midline* nos centros urbanos há uma busca pela aventura junto a natureza, essa por sua vez mais hostil e com limitações logísticas com diferenças substanciais em relação ao ambiente controlado das cidades.

Para Pimentel (2006) as PCA desenvolvidas nas cidades podem ser prenúncio daquelas congêneres desenvolvidas junto a natureza. Apesar da sua proximidade, o autor compreende que há questões dissonantes quando o ambiente passa a não ser racionalizado e, forjado pela cultura, apresentando elementos cabíveis de reflexão. Compreendemos que o acesso a prática do *midline* nos parques são facilitadas pelo desenvolvimento e organização das cidades que elimina riscos e imprevisibilidade (LE BRETON, 2009) no que tange a aventura que é chegar ao local da prática.

Por outro lado, Pimentel (2006) ao citar o estudo promovido por Marinho e Bruhns (2001) que investigaram escaladores de paredes artificiais, compreendeu que os espaços citadinos oferecem outras possibilidades que o ambiente naturalmente hostil e desafiador refuga por completo. Segundo Pimentel (2006, p. 69) dentre essas ofertas podemos citar “o uso recreativo e educacional, a possibilidade de treinar para escaladas em rocha natural e, sobretudo, a revitalização dos ambientes urbanos, demonstrando que neles também é possível fruir experiências significativas.”

Os parques públicos possibilitam também a experimentação espontânea do slackline, eles enquanto equipamentos públicos de lazer são ocupados por pessoas no seu tempo

disponível, o que possibilita a vivência de novas práticas culturais. Nesse sentido, observamos que algumas pessoas ficavam contemplando os slackliners sobre a fita, na primeira observação vimos uma adolescente acompanhada pelos pais indagando um integrante do grupo se havia a possibilidade de ensiná-la, ela foi orientada a estar voltando nos próximos finais de semana pois aquele dia em especial estavam apenas recolhendo alguns equipamentos para irem em um evento que ocorreria em outra cidade. Frequentemente eles montam fitas iniciante para oportunizar as pessoas que queiram vivenciar de forma recreativa, o que ocorre na medida em que haja a oferta dessas fitas nos parques.

A prática do *midline* nos parques localizados nos interiores das cidades apresentam estabilidade e previsibilidade necessária para o desenvolvimento técnico e estético, sendo esses necessários no *highline* na natureza. Para Marinho e Bruhns (2001), as PCA desenvolvidas nos centros urbanos podem ser estruturadas por meio de sequência motora eficaz, ou seja, em ambiente mais controlados é possível desempenhar treinamento de valências técnicas vislumbrando a sua experimentação no meio natural.

5.1.2 Lógica interna do grupo investigado

Não seria possível investigar a existência de uma lógica interna em todos os grupos de slackliners do Estado de Goiás, o que tornaria um trabalho a parte, contudo, na busca de compreender se há de fato uma organicidade nesses grupos que se constitui uma lógica interna buscamos por meio da observação do grupo *monstros do lago* levantar elementos que apontasse para essa premissa, ou que a refutasse. Contudo, ressaltamos que as respostas dos questionários deram pistas acerca da lógica interna no segundo grupo que demonstrou elementos estruturantes (*double check*) o que permite algumas divagações nesse tópico. Partimos da compreensão da lógica interna presente em Pimentel (2009) que em um recorte da sua investigação, buscou descrever a lógica interna em praticantes de voo livre no Estado do Paraná. Nesse sentido, Pimentel (2009, p. 83-84) pautado nas contribuições de Maffesoli (2001), compreende que:

[...] a lógica interna de uma prática esportiva seria a expressão cultural dos seus praticantes, uma singular lógica compartilhada entre poucos.”. Nesse intento, para chegar à lógica interna é necessária uma postura diferenciada: ver a grandeza nas pequenas coisas, sem precisar transferi-las mecanicamente a grandes sistemas de compreensão na tentativa de torná-las aplicáveis a outros contextos. Até porque, ao fazê-los particulares, é possível articular o risco e a sociabilidade no voo livre com as questões mais gerais que perpassam a concretude dessa prática corporal.

Trazendo como plano de fundo conceitual esses elementos apresentados por Pimentel (2009), buscamos compreender a partir das observações quais elementos constituintes daquele grupo são características de uma lógica interna, seja no campo técnico (na prática em si do *midline*), na comunicação e valores compartilhados no interior desse grupo.

Durante uma oficina de *highline* promovida pelo grupo *monstros do lago*, cujos temas abordados foram: iniciação a prática; procedimentos de segurança e montagem de *midline* com ancoragem natural, algumas observações levaram-nos a compreender a estética como um elemento presente nesse grupo e compartilhado entre os integrantes presentes no curso.

A oficina foi dividida em três momentos e conduzida por dois slackliners com a participação direta de outros integrantes do grupo, num diálogo direcionado, porém aberto para contribuições daqueles praticantes experientes. Durante a fala acerca do tema ‘ancoragem natural no *highline*’ alguns praticantes experientes estavam praticando *midline* e outros equilibrando sobre o *rodeoline*, cuja fita é menos tensionada a fim de balançar lateralmente o que exige um equilíbrio maior dos slackliners. Nesse momento, surgiu um sujeito bastante alterado (no sentido anímico) destoando do grupo nos seus aspectos básicos (vestimentas, indumentárias, vocabulário) perguntando se era possível ele subir nas fitas que estavam montadas para a oficina. O regente da oficina naquele momento autorizou sem pestanejar e esse sujeito passou a se equilibrar na fita com certa apropriação técnica, contudo uma estética diferente, chamando atenção de alguns slackliners.

Logo após, esse sujeito retirou o seu tênis e começou a pendular de forma arriscada em uma corda de ascensão utilizada para chegar ao *midline* (sem nenhum equipamento de segurança), o que gerou uma preocupação coletiva dos slackliners presentes, contudo, o sujeito não foi tolhido por eles, mas foi chamado a atenção por uma pessoa que o acompanhava a distância, ocasionando na sua retirada daquele local.

Houve nesse evento supracitado uma profusão de acontecimentos que carecem de análise, destacamos entre eles com mais atenção a apropriação gestual no slackline dos integrantes do grupo em contraste com o sujeito inserido nessa ocasião. Nesse sentido, no interior do grupo os gestos e a forma como se apropriam do slackline são partilhados entre eles, os gestos podem representar uma melhor performance sobre a fita, contudo, percebemos que o êxito em não cair ou atravessar a fita o mais rápido possível não é o principal nessa prática, por vezes o slackliner buscava apenas estar na fita sem pressa de atravessá-la.

Se observamos as modalidades esportivas consolidadas numa lógica do rendimento, o slackline nessa perspectiva não teria sucesso no mercado, já que a classificação, o rendimento, o tempo e marcas são características centrais numa lógica do esporte

contemporâneo. Não que o slackline esteja isento da racionalidade esportivista, mas, no grupo investigado essa relação puramente competitiva não se fez presente durante as observações. Somando essas ocorrências com o incentivo e torcida mútua existente entre os slackliners com frases motivacionais no imperativo, nos parece que essas relações mediadas pelo slackline aproximam os sujeitos gerando laços que perduram para além do momento do lazer.

Por vezes, o simples fato de compartilhar do tempo e espaço mediado pela prática do slackline pode ser um promotor de prazer, seja pelo objetivo primário (praticar slackline), seja pelo fato de estar juntos. Essa conjectura é vista por Maffesoli (1996, p. 163) como uma ética da estética, “experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que numa fazem a superfície das coisas e das pessoas fazer sentido”.

O compartilhamento de uma “estética” motora pode apresentar uma relação para além do êxito técnico. Tomando por empréstimo as contribuições de Maffesoli (1998) acerca das relações grupais, essa estética pode estar atrelada as formas de organizações de grupos que primam pelo compartilhamento de sensações e emoções no coletivo, priorizando o “estar junto” na contramão de uma lógica individualista. O autor ratifica essa posição ao dizer que “a meu ver, o estar junto é um dado fundamental. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específica.” (MAFFESOLI, 1998, p.115).

Há nessa concepção, uma lógica interna dos grupos pautada no sentimento de partilha sobrepondo o individualismo, o que tornam os grupos uma organização coletiva que não pode ser expressa apenas pela reunião de indivíduos (MAFFESOLI, 1998). Dessa forma, essas organizações grupais na sociedade contemporânea podem estar ligadas pela cultura, pela comunicação, pela moda a diferentes comunidades.

Alguns aspectos foram observados especialmente nas relações estabelecidas no grupo investigado. Os integrantes se referem ao local onde praticam slackline como “CT”, ou seja, um Centro de Treinamento. Compreendemos que esse termo denota as organizações esportivas pautada numa lógica de rendimento, o que não condiz com práticas corporais desenvolvidas no momento do lazer. Além disso, por meio das observações e questões inerentes a motivação do grupo (como veremos adiante) não há elementos observáveis ligados ao esporte de rendimento. Mas, o fato desse termo se referir ao espaço de encontro e treinamento dos slackliners, pode expressar o sentido de pertencimento, identidade,

coletividade, afetividade e outros aspectos presentes nas PCA distantes de parâmetros racionais ligados a prática esportiva competitiva.

Outro evento observado levantou elementos para a compreensão dos valores compartilhados, e uma ação política desses sujeitos. Um praticante relatou um problema gerado por uma ação promovida por uma pessoa que estava no parque lago das rosas. Segundo esse slackliner, essa pessoa foi avistada escalando uma das cordas de ascensão utilizada pelos integrantes do grupo para chegar nas fitas de *midline*. Quando esse sujeito foi visualizado, ele já estava numa altura suficiente para gerar um acidente mais grave, o que não ocorreu.

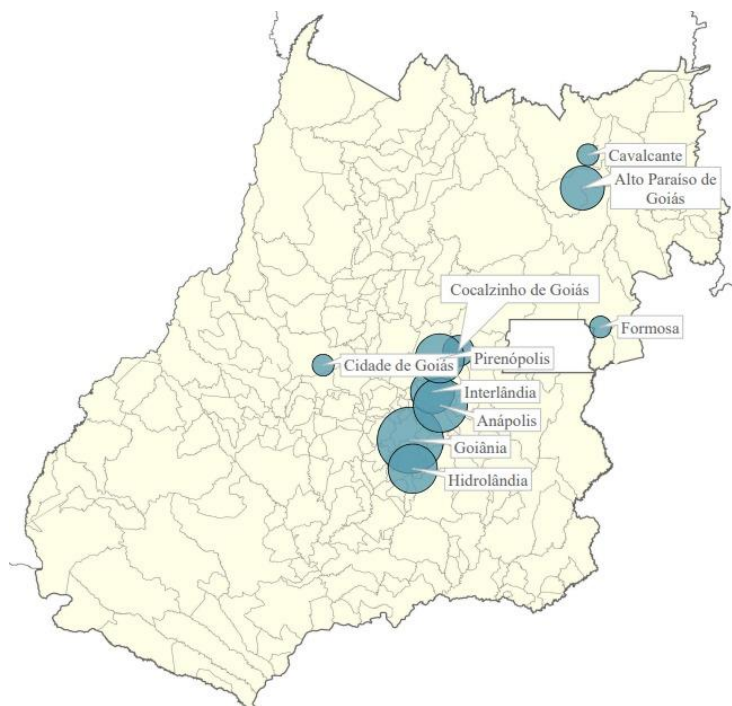
A partir desse ocorrido, os slackliners ficaram consternados e receosos de outras pessoas fazerem o mesmo, o que acarretaria problemas na manutenção desse “Centro de treinamento” no parque. Várias propostas ocorreram no sentido de inibir novas pessoas de tentarem subir de forma espontânea e arriscada sem os equipamentos apropriados, nesse sentido, de forma coletiva eles pensaram na construção de informativos que seriam fixados próximos das árvores utilizadas para ancoragem das fitas, a fim de alertar os transeuntes dos perigosos existentes em ações impensadas como subir a corda, ou escalar as árvores para acessar as fitas de *midline*.

O sentimento de manutenção das condições básicas necessárias para o desenvolvimento do slackline, foi compartilhado por todos que discutiram esse problema a fim de solucionarem. A busca por uma solução pode ser observada a partir de Maffesoli (1998), como a manutenção necessária das condições para “estar juntos” no tempo e espaço que os permitem experimentar emoções em comum. Esse comportamento de preservação é pautado numa ética coletiva, que une os slackliners em prol do mesmo objetivo.

5.1.3 Busca pela aventura na natureza

Outro elemento importante no processo de mapeamento passa por compreender qual a abrangência dessa prática no recorte estudado. Logo, perguntamos os participantes se eles deslocam de cidades a fim de buscar locais para a prática do slackline. A partir dessa questão, 36,84% dos participantes disseram viajar com essa finalidade, e outros 63,16% disseram que não se deslocam das suas cidades com o objetivo de encontrar novos espaços para a prática do slackline. Há um percentual considerável dos participantes que se deslocam no Estado, levando em consideração que o *highline* é a variação mais praticada em grupos atualmente em Goiás. A partir desse questionamento chegamos ao mapeamento abaixo:

Mapa 1: Quais cidades você geralmente busca para praticar slackline?

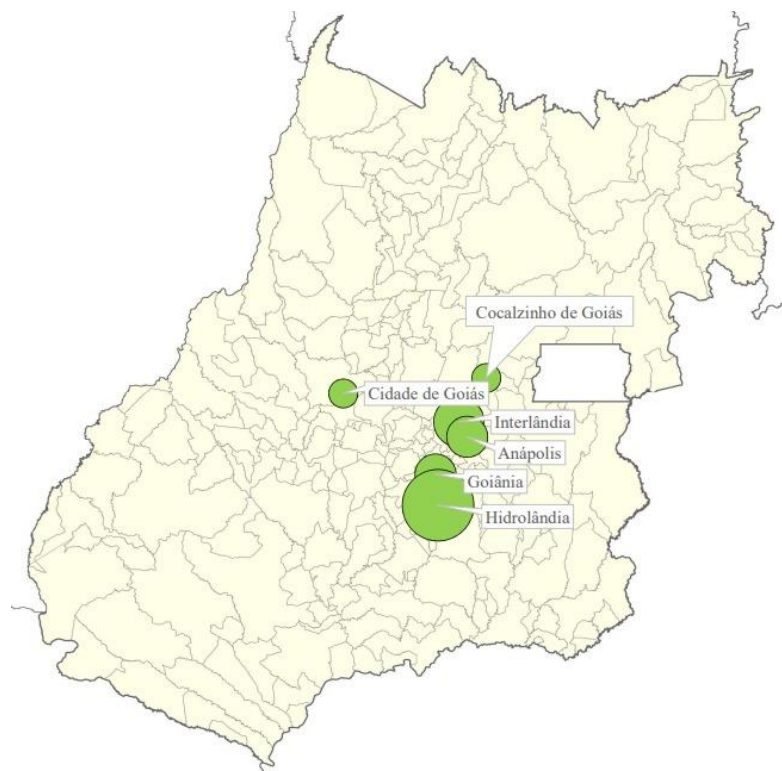


Fonte: próprio autor

Inicialmente vale destacar que esse mapa do Estado de Goiás tem por objetivo ilustrar nominalmente os municípios apontados pelos participantes (36,84%) que deslocam em busca de pontos para a prática do slackline. Nesse sentido, percebemos que há uma gama de cidades frequentadas pelos participantes, vale destacar que alguns responderam que vão para a “chapada dos veadeiros” com essa finalidade, no entanto, esse conglomerado é formado por 8 municípios, e levando em conta a ocorrência dos municípios apontados pelos demais participantes, nos parece que as cidades de Alto Paraíso e Cavalcante são as mais buscadas para a prática do slackline.

Em busca de identificarmos quais são as variações de slackline mais praticadas nos municípios do Estado de Goiás, pedimos aos participantes que as nomeassem juntamente com a cidade onde ocorre. A partir dessas respostas desenvolvemos um mapeamento dessas variações, como podemos ver a seguir:

Mapa 2: Cidades onde há vias de *highline*:



Fonte: próprio autor

O *highline* pode ser considerado a variação que mais provoca o deslocamentos dos participantes pelos municípios de Goiás, podemos considerar que esse movimento ocorre devido as condições físicas necessárias para a montagem dessa prática. As “vias” de *highline*, termo utilizado pelos participantes ao se referirem aos locais apropriados para ancoragem da fita, parecem crescer exponencialmente no estado o que justifica a quantidade de municípios apontados pelos participantes como locais frequentados por eles para praticar *highline*.

Além das cidades os participantes também responderam em quais locais há as vias de *highline*. Na cidade de Goiás a prática do *highline* ocorre no parque da carioca, já na cidade de Interlândia/GO a prática ocorre no lago da pedreira ou “pedreira” como identificado pelos participantes. Já na cidade de Cocalzinho de Goiás, os participantes praticam *highline* na “cidade de pedra” local muito frequentado para o turismo de aventura. Já em Anápolis/GO os participantes apontaram que o *highline* ocorre no parque da liberdade, semelhante a cidade de Goiânia/GO que ocorre também no parque lago das rosas.

Por fim, na cidade de Hidrolândia/GO o local frequentado pelos praticantes de *highline* é conhecido como “Morro feio” localizado no mirante morro feio. Apesar desses dados aqui analisados, acreditamos que há outros pontos/vias de *highline* no Estado de Goiás que não foram alcançadas devido o recorte da pesquisa, já que esse mapeamento foi realizado a partir de apontamentos dos slackliners que responderam os questionários.

Conforme o exposto nesse trabalho, o *midline* (considerado um *highline* de baixas alturas) apresenta uma abrangência considerável no cenário goiano, além de apresentar características importantes para o modo de organização do slackline atualmente. Levando em consideração essas especificidades e a quantidade de adeptos, mapeamos as cidades e locais onde há incidência dessa variação. Para elucidar essa realidade, observamos ao questioná-los acerca dos locais onde praticam o *midline* que, as vias estão concentradas em três municípios, a saber: Goiânia/GO; Cidade de Goiás/GO; Anápolis/GO.

Diante desses dados podemos perceber a grande maioria dos praticantes de *midline* que responderam à pesquisa, estão concentrados na cidade de Goiânia onde desenvolvem essa variação no parque lago das rosas. Por sua vez, na cidade de Anápolis há vias de *midline* no parque da liberdade, e por fim, ainda há incidência dessa prática na Cidade de Goiás com vias no parque da carioca. Um participante respondeu o seguinte “*Anápolis, mas é facultativo quando junta as equipes. Tem CT em Goiânia também*”. Além disso, percebemos que há uma interação entre os grupos de praticantes, especialmente os praticantes de *midline* e *highline*.

É correto dizer que os praticantes de *midline* utilizam dessa variação como um treinamento nos interiores de parques nos centro urbanos para aquisição de técnicas para a prática do *highline* (ASHBURN, 2013). Além dessa característica de preparação para outra variação, as vias de *midline* são compartilhadas entre grupos de outras cidades, criando assim uma rede de compartilhamento de conhecimentos, técnicas e experiências entre os praticantes.

Contudo, destacamos que não é correto dizer que a finalidade do *midline* é somente o treinamento para aquisição de técnicas para o *highline*. Percebemos nas observações dos *monstros do lago* que essa variação por mais que esteja nos centro urbanos é capaz de desenvolver relações sensíveis nos seus praticantes. Diferentemente do ambiente natural, que é incerto e instável, há na prática do *midline* nas cidades a possibilidade de uma pedagogização dos saberes a partir da tentativa e erro devido ao seu caráter mais previsível e estável em relação ao *highline*. Nesse sentido o lúdico, o prazer, a sensibilidade e sociabilidade surgem como aspectos positivos na prática do *midline* nos centros urbanos.

Outra variação que apareceu com destaque na pesquisa foi o *trickline*, que apropria das acrobacias e movimentos gímnicos especialmente os saltos que são impulsionados por uma fita de poliéster (PEREIRA, 2020). Destacamos também que essa variação foi muito importante na disseminação do slackline como já apontado nesse trabalho, e levando em consideração a sua proximidade com a ginástica muitos adeptos dessa prática corporal passaram a praticar *trickline* (ASHBURN, 2013) o que ajudou na sua popularidade

inicialmente nas praias litorâneas do país, e consequentemente invadindo as regiões centrais do Brasil (XAVIER, 2012) principalmente a partir da década de 2010.

No Estado de Goiás, o *trickline* é praticado nas cidades de Goiânia/GO, Porangatu/GO e Anápolis/GO, alguns aspectos podem explicar a pouca adesão nessa variação. Acreditamos que, devido ao grande número de adeptos de *highline* no estado, em comparação com as demais variações o *trickline* não apresenta números expressivos como, por exemplo, na pesquisa de Sodré (2015) onde a mesma foi apontada por mais de 50% dos participantes como a 2º variação mais praticada a nível nacional. Levando em consideração que os grupos estruturados buscam variações em grandes alturas no Estado de Goiás, há pouco espaço para o desenvolvimento do *trickline*, pois como vimos essa prática corporal apresenta um caráter grupal marcante.

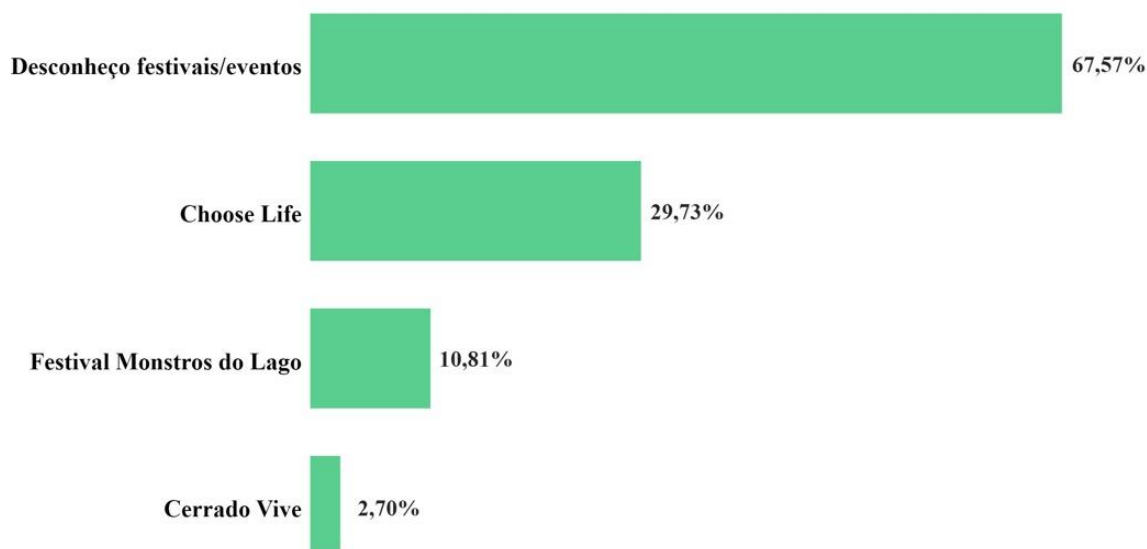
No Estado de Goiás o *trickline* foi a 5º opção dentre as variações mais praticadas, o que nos leva a compreender que há uma menor incidência de praticantes dessa variação. Nesse sentido, ao olharmos para o processo de consolidação dessa prática corporal no estado, o *trickline* já foi a variação mais praticada na cidade de Goiânia/GO e Aparecida de Goiânia/GO que inclusive sediava um centro de treinamento dessa variação (FOLHAZ, 2020).

Nesse sentido, nos parece que atualmente há uma disseminação maior das variações em grandes alturas, aumentando o número de praticantes em outras variações e tornando a modalidade mais plural. Além disso, percebemos que o tempo e a experiência dos praticantes trazem consigo uma adaptação a variação o que pode fazer com que ele busque outros desafios, quando escolhem ou migram para outras variações.

Durante as observações no *monstros do lago*, identificamos dois slackliners que iniciaram na modalidade a partir do *trickline*, inclusive participaram de competições e um deles se sagrou campeão sul-americano dessa variação. Contudo, eles relataram que não há investimento para o desenvolvimento dessa prática no estado, o que impactou diretamente na migração para o *highline*.

5.2 Eventos de slackline

Outro aspecto importante é a organização interna dessa modalidade, para compreender a abrangência do slackline no cenário goiano questionamos os participantes acerca da existência de eventos que disseminem essa prática corporal.

Gráfico 9: Existem eventos que reúnem praticantes de slackline no Estado de Goiás?

Fonte: próprio autor

Em suma, a maioria dos pesquisados (67,57%) desconhecem festivais e/ou eventos culturais destinados ao slackline. Por outro lado, 29,73% disseram que existe um evento conhecido como “choose life”, que reúnem slackliners do Brasil e do mundo. Logo em seguida, 10,81% disseram que existem o festival “monstros do lago”, que leva o nome de um dos grupos investigados, e por fim vale citar também o festival “cerrado vive” apontado por um participante.

Podemos depreender dessa questão que os 67,57% que disseram desconhecer festivais e/ou eventos culturais destinados ao slackline podem significar que eles estabelecem uma relação descompromissada, lazer casual e espontâneo. Diretamente relacionado a essa hipótese, 42,11% dos slackliners disseram que praticam a modalidade apenas aos finais de semana, ressaltando a relação de um lazer casual que esses sujeitos têm com o slackline. Por outro lado, esse dado pode apontar para uma escassez de tempo disponível ao longo da semana, o que se torna um empecilho no processo de especialização na modalidade acarretando o pouco conhecimento acerca da organização interna dessa prática.

Destaca-se também nessa análise o evento “Choose Life”²⁷ que reúnem *highliners* do Brasil e exterior. Esse dado aponta para uma maior organização nessa variação no que se refere ao slackline goiano, além desse evento, o “festival monstros do lago” é organizado

²⁷ Festival esportivo e cultural de *highline* que acontece anualmente na chapada dos veadeiros, região noroeste do Estado de Goiás.

pelos componentes de um dos grupos analisados nessa pesquisa, o seu caráter é mais aglutinador e formativo do que competitivo. Observamos que esse grupo apresenta ramificações em outras cidades do estado por meio de participantes que residem em outras cidades do Estado de Goiás. Já o evento “cerrado vive” não se caracteriza como um evento de slackline, por mais que haja a prática da modalidade nas suas dependências, ele se constitui como um evento artístico e musical.

Nesse sentido, percebemos que há dentro dos grupos investigados praticantes que apropriam do slackline como uma prática do lazer descompromissado, espontâneo e casual, praticando sazonalmente. Por outro lado, há aqueles praticantes mais assíduos que mantêm uma relação com o slackline para além do momento do lazer, relação essa que extrapola para outras dimensões da vida.

Levando em consideração que há uma organização interna, especialmente dos praticantes de *midline* e *highline* no Estado de Goiás, questionamos os participantes acerca da existência de alguma representação política que os representem. Nesse sentido, 86,84% disseram que não há uma organização desse tipo, outros 13,16% disseram que existe, contudo não disseram quais.

Essa demanda também é uma preocupação dos praticantes de *highline*, a necessidade de criação de uma espécie de representação política que lute pelos direitos e investimentos em prol do slackline goiano foi expressamente discutida entre eles em diferentes momentos. Ao passo que a modalidade tem retomado o crescimento pós-período pandêmico, que inclusive foi um período de arrefecimento no desenvolvimento do slackline no Estado de Goiás, como apontou uma participante, esses grupos estão buscando amparo legal por meio de políticas públicas e editais de incentivo à cultura e esporte.

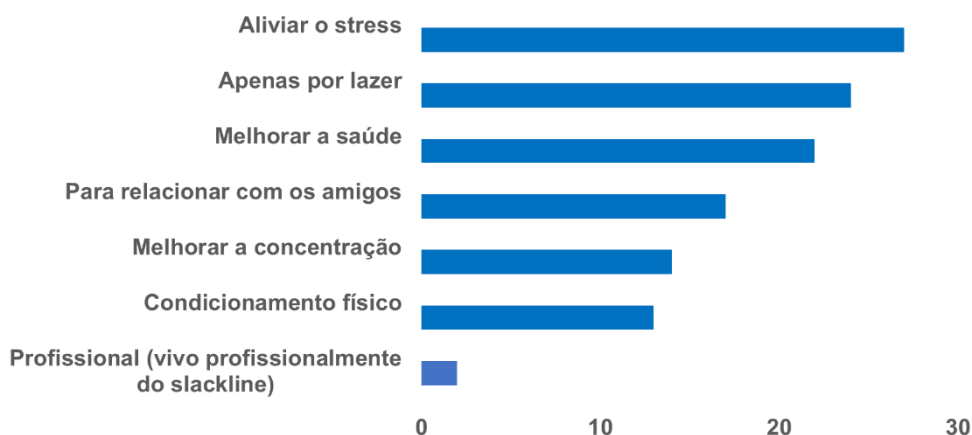
Em diálogos com integrantes do grupo *monstros do lago*, esses dissertaram sobre a busca em criar uma associação de slackline no Estado de Goiás, contudo eles se esbarram na falta de participação dos slackliners nessa temática, o que exigiria uma organização política com representantes que seriam incumbidos de tarefas cotidianamente.

5.2.1 Motivação para a prática do slackline

Outro aspecto sensível a pesquisa e determinante para a compreensão das potencialidades do slackline no Estado de Goiás, diz respeito acerca da motivação dos slackliners em praticar a modalidade. Para compreender as possíveis motivações que os levaram a praticar slackline, os sujeitos foram indagados como podemos ver no gráfico

consequente. Para isso, os participantes puderam escolher até três respostas, haja vista que as práticas corporais desenvolvidas no âmbito do lazer apresentam um caráter múltiplo e polissêmico (MELO e ALVES JUNIOR, 2003), sendo que os sujeitos podem ter diferentes motivações que os levam a praticar uma determinada prática corporal.

Gráfico 10: O que te motiva a praticar slackline?



Fonte: próprio autor

A partir das respostas do gráfico anterior, percebemos que a opção alívio do estado de estresse foi a motivação com o maior percentual, correspondendo a 71,05% das respostas. Em segundo lugar, destaca-se o percentual de 63,16% na opção “apenas por lazer”, em seguida aparece a opção “melhorar a concentração” com o percentual de 57,89%. Em quarto lugar, dentre aquelas com maiores percentuais, destaca-se também a opção “relacionar com amigos ou fazer novos” com 44,74%, seguida pela opção “melhorar a saúde” com 36,84% das respostas. Por fim, ainda destacamos a opção “condicionamento físico” com 34,21% seguida pela opção “profissional (vivo profissionalmente do slackline)” com apenas uma escolha.

Dessa forma, percebemos que primeiramente os sujeitos dessa pesquisa buscam na prática do slackline uma prática corporal que alivie o estresse. É importante compreendermos que as PCA têm sido divulgadas como uma válvula de escape da vida urbana, como forma de recuperação das forças vitais gastas no cotidiano. Mascarenhas (2005a, p.82) apresenta uma reflexão acerca desse momento histórico, segundo ele estamos vivendo o que convencionalmente é conhecido como o “século do estresse”, esse século é marcado pela

intensiva carga de trabalho exercida por nós, e pelo emergente crescimento dos debates acerca do tempo livre.

Compreendemos que esse estado de estresse é fruto da sociedade hodierna e a sua relação com o lazer. Nessa sociedade o lazer é elevado a uma mercadoria acessada pelas pessoas segundo as suas condições econômicas. Isso reflete diretamente na experiência do lazer na forma como as práticas culturais são acessadas, seja na sua expressão máxima voltada para aqueles que estão no topo da pirâmide, seja no lazer genérico, pouco preocupado com a experiência estética, ou ainda o lazer de segunda mão, voltado para as camadas intermediárias da sociedade que porventura não acessam as práticas culturais ditas da “moda”, mas ao passo que o modismo entra em desuso, essas práticas culturais se tornam afeição economicamente para esse público (MASCARENHAS, 2005a).

Nessa perspectiva, o lazer de aventura é apropriado como uma compensação aos desgastes ocasionados pela estrutura do trabalho moderno. Para Marcellino (2012, p.37) “Dentro dessa postura, o lazer compensaria a insatisfação e a alienação do trabalho e de outras esferas de atuação humana.”. Levando em consideração que as PCA proporcionam sensações e emoções extremas, essas experiências são marcantes do ponto de vista anímico. Não obstante, Mascarenhas (2005a) compreende que as experiências ocasionadas dentre outras práticas culturais também no lazer de aventura, ofertado em pacotes turísticos onde prevalece a lógica da quantidade a fim de atingir a excitação máxima. Nessa perspectiva as experiências são aglutinadas e consumidas em horas, num rodízio semelhante aos parques de diversões a fim de “não perder tempo”, já que o tempo disponível é cada vez mais restrito obrigando as pessoas a compensarem a falta desse tempo “acumulando experiências” no tempo disponível das coerções sociais.

Partindo dessa concepção de sociedade e lazer, é possível depreender que há uma relação direta entre a organização da vida na sociedade contemporânea, influenciada pelas relações econômicas que regulam as formas de socialização e os meios de obtenção do capital (trabalho), e a produção do estresse nas pessoas que estão inseridas nessa sociedade, atuando diretamente no sistema produtivo e consumindo o resultado desse processo. Mascarenhas (2005a, p.283) argumenta que esse processo ocorre “A pretexto de divertir, distrair, recrear, relaxar, descansar, desestressar, mascarando o que há de histórico e humano no lazer, o mercolazer opera mesmo é na razão arrebatadora do êxtase”.

Nesse sentido, é importante enfatizar que o estresse é produzido no interior dessa sociedade, diretamente relacionado com a organização social, e seus resultantes. O lazer surge como uma válvula de escape desse estado, e não apenas do estresse, destaca-se

também a respostas justificada por um participante dessa pesquisa que, ao ser questionado acerca da sua motivação disse que “*O slackline me ajuda contra a ansiedade*”. Entendemos que a finalidade por detrás dessa motivação, é a busca em melhorar a saúde, sendo essa a 5ª opção mais apontada na questão, com 36,84%.

A partir das reflexões de Pimentel (2006) acerca do estresse, percebe-se na relação dos sujeitos que buscam numa prática de risco melhorar um estado de estresse e/ou de ansiedade, colocam-se sobre um outro tipo de estresse, sendo esse uma escolha deliberada de forma que ao encontrar êxito nos objetivos propostos, o estresse produzido no momento do lazer desencadeia um estado de satisfação e gozo como recompensa, diferentemente daquele produzido nas relações laborais.

No âmbito nacional, destaco duas pesquisas exploratórias com slackliners que obtiveram notável êxito no que concerne o combate ao estresse enquanto uma categoria motivadora para a inserção na prática. Nivaldo (2018) ao investigar o estilo de vida e o perfil dos praticantes de *highline* na cidade de Florianópolis-Santa Catarina, compreende que os slackliners buscam controlar o estresse por meio do relaxamento que ocorre diariamente, mantendo o equilíbrio em discussões e por fim, procuram equilibrar o tempo voltado as atividades laborais com o tempo de lazer. Além disso, outra característica fundamental no estilo de vida desses sujeitos, diz respeito a preferência das práticas corporais desenvolvidas em contato com a natureza. Dados semelhantes foram levantados por Sodré (2015), ao questionar os participantes na sua pesquisa acerca da finalidade do slackline o autor identificou que 79,3% buscam a prática pela diversão, ressaltando a importância do lúdico no lazer, em seguida 50% dos respondentes apontaram para opção “aliviar o estresse”.

Pimentel (2006, p.58) ao investigar dois grupos (um de trilha e outro de *mountain bike*) a fim de identificar o perfil deles e compreender a relação entre essas práticas de aventura e a saúde, descobriu ao questioná-los que:

Dos trinta entrevistados aleatoriamente, onze apontaram o lazer como justificativa da prática (36,66%), seis colocaram-se motivados pela premiação (20%), o mesmo índice de quem estava interessado no esporte (20%). A aventura (10%) foi apontada por três pessoas como motivo para se fazer a trilha.

Destaca-se que a maioria desses sujeitos compreendem que a justificativa para a sua prática é o lazer, o que pode ser justificado pelos aspectos desenvolvidos nas PCA, como a prazer, emoções, o risco perpassado pelo lúdico, que está na constituição do lazer enquanto categoria.

Pimentel (2008) ao propor um estudo analítico acerca de algumas dimensões que compõem o conceito de qualidade de vida em pilotos de voo livre, identificou que, no que tange a comunicação, os pilotos que vivem em grandes metrópoles e/ou regiões centrais apresentaram um comportamento estressante, especialmente aqueles divorciados. Os modos de organização social exercem um papel estressor nesse cenário, ainda segundo Pimentel (2008, p. 566):

Isso significa muita concorrência, uso constante de novos conhecimentos e tecnologias, trabalho com prazos e em equipe, enfrentamento de desafios. Consequentemente há pouco tempo para se dedicar a relacionamentos (não por menos coincidir o pior escore nessa categoria) e necessidade de ser sempre rápido e criativo, pois em suas profissões os cenários, como na natureza, modificam-se constantemente sendo fundamental estar atento aos sinais de mudança

Podemos identificar nesses estudos implicitamente a função compensatória do lazer, que também foi expressa por Armas e Inácio (2010, p.1), que buscaram compreender “se os aspectos do mundo do trabalho se transferem para o mundo do lazer”. Em síntese, ao entrevistarem montanhistas acerca das práticas culturais consideradas por eles como atividades de lazer, estes por sua vez “[...] indicaram diversas práticas corporais, associando-as a sensação de prazer, diversão e satisfação, opostas àquelas vivenciadas durante o trabalho.” (ARMAS & INÁCIO 2010, p. 18).

Os momentos do lazer, em específico destinado as PCA, estão restritos ao tempo de descanso das obrigações laborais. Em contrapartida, Armas e Inácio (2010) ao apresentar a visão de alguns participantes de sua pesquisa compreenderam que essas práticas corporais têm significado permanente nas vidas desses sujeitos. Destaca-se a seguinte passagem nesse estudo:

Segundo o entrevistado “A”: tudo o que você passou ali com os amigos, a janta por mais tosca que seja, o miojo que você come, o frio que você passa às vezes, essas coisas ficam marcadas para a gente, você se sente realizado. Para o entrevistado “G” quanto mais cansado eu volto, mais feliz eu estou. Assim, de um modo contraditório, todas as sensações sentidas no meio hostil de uma montanha, com o forte cansaço dos músculos, baixa resistência aeróbica, escoriações, quedas, promovem um estado de felicidade quando estão retornando para as suas casas, para a cidade. (ARMAS & INÁCIO, 2010, p. 23)

Percebemos que as experiências gestadas entre os sujeitos nas PCA por mais extremas e hostis que possam ser, são capazes de construir relações de amizades alicerçadas a partir da imprevisibilidade que é característica fundante dessas práticas. Essa realidade também está presente entre os slackliners, já que a opção “relacionar com os amigos/fazer novos” obteve

44,74% das respostas. Na pesquisa da Gmeiner e Gesing (2018), 49,44% disseram que passar tempo com os amigos é uma motivação para a prática do slackline, soma-se a esse dado os 32,79% cuja motivação está relacionada em conhecer pessoas novas.

Esses dados indicam que por meio do slackline os praticantes criam laços entre si resultando no desenvolvimento de sentimentos e emoções, como a amizade. Para Marinho (2008), há uma ética intrínseca aos sujeitos atuantes nas PCA, o que não significa dizer que pelo fato de estarem compartilhando experiências perpassadas pela aventura, os gostos musicais, políticos e ideológicos serão inevitavelmente os mesmos. Muito pelo contrário, a influência dos sentimentos e emoções compartilhados nessas práticas corporais tornam-se tolerantes aos diferentes, criando por assim dizer valores que vão prevalecer nesses contextos, como a admiração.

Vale ressaltar também que os slackliners no Estado de Goiás apresentam uma relação com essa prática corporal prevalentemente como uma prática cultural de lazer, já que a opção “apenas por lazer” foi a segunda motivação mais apontada (63,16%). Por outro lado, a opção “Profissional/vivo profissionalmente do slackline” teve apenas uma indicação, compreendemos que a esportivização dessa prática corporal não está no mesmo nível de outras PCA mais consolidadas na sociedade, como o skate e a escalada por exemplo. Há um movimento nesse sentido na Europa, onde é possível identificar na plataforma da associação internacional de slackline um calendário com os campeonatos esporádicos que ocorrem em diferentes países, contudo, são iniciativas recentes com diferentes formatos e variações.

Ademais, podemos compreender que os slackliners não tem como objetivo primário produzir valor econômico por meio dessa prática. Para Le Breton (2009, p.107), os sujeitos que nelas investem seu tempo disponível se realiza na experiência da prática em si, para o autor essas práticas “são paixões pelo inútil”. Outro elemento que está no cerne do slackline é a cooperação, Marinho (2008, p. 198) reflete o seguinte:

Nessa dinâmica contraditória das atividades de aventura na natureza, prevalecem, no entanto, o espírito de cooperação e a vontade de estar junto, permeando a atividade e fazendo com que a distinção entre o melhor ou o menos capacitado não seja, na maioria das vezes, um fator de exclusão de fato. Para os praticantes, nas atividades de aventura na natureza, a cooperação, além de ser um estímulo, apresenta-se, também, como uma questão que envolve a segurança do outro e de si mesmo.

Nesse sentido, o slackline se caracteriza como uma manifestação cultural no momento do lazer, promotor de sentimentos e emoções, cuja motivação está diretamente ligada com a finalidade empregada pelos praticantes. No que tange aos grupos organizados encontrados

nessa pesquisa, há elementos para compreendermos que no interior destes conjuntos há uma organicidade que constitui uma lógica interna, compartilhada coletivamente que perpassa pelos aspectos estéticos e éticos.

6 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Essa pesquisa não se encerra com os resultados apresentados, pelo contrário, diagnosticar a incidência do slackline no Estado de Goiás nos possibilitou conhecer a realidade dessa prática corporal de aventura que em certa medida ainda não se estabeleceu entre aquelas mais procuradas. Podemos dizer que essa manifestação da cultura corporal vem ocorrendo principalmente no interior de pequenos grupos estruturados, os componentes desses grupos são em suma maioria compostos por jovens que estão inseridos nessa modalidade há pelo menos 3 anos, como identificamos na caracterização do perfil dos participantes da investigação. Ao lançarmos um olhar para aqueles grupos organizados, percebemos que a variação mais praticada por eles é o *midline* nos parques urbanos, e o *highline* em “missões”, termo utilizado para representar viagens em busca de ambientes naturais que oferecem condições para a prática.

Destacamos que esses sujeitos são aqueles que em certa medida criaram laços com a modalidade, e com os outros slackliners integrantes dos seus grupos. Contudo, ressaltamos que o slackline também é apropriada por aqueles sujeitos que buscam no momento do lazer uma prática corporal lúdica, divertida e desinteressada. Nesse cenário, é possível identificar vários sujeitos em parques nos centros urbanos com uma fita tensionada entre dois pontos. Mas, essa relação espontânea não necessitaria de uma investigação dessa natureza, pois entendemos que nessa conjuntura o slackline assume uma entre várias possibilidades de lazer no tempo disponível, que no limite não seria capaz de criar sentido e significados que marquem os sujeitos.

Destarte, os grupos identificados apresentaram relações enraizadas para além do tempo disponível, foi possível identificar comportamentos afetivos alicerçadas pela prática do slackline. Nesse contexto, esses grupos apresentam um processo de especialização no interior dessa modalidade, o que cominou numa maior busca pelo *highline*, considerada uma das variações com maior risco em detrimentos daquelas mais praticadas em outros estados e países. Essa característica singular no Estado de Goiás nos ajuda a compreender como essa prática corporal vem se estabelecendo nas cidades goianas, que por um lado pode ter relação com a oferta de montes, planaltos, montanhas e outros espaços que facilitam a prática do

highline, por outro lado, há também o desenvolvimento dos próprios slackliners como visto na pesquisa, à medida em que esses sujeitos tornam-se mais experientes em determinadas variações, a busca por desafios maiores os fazem migrar para outras variações.

Há de se destacar também que é preciso olhar para as possibilidades pedagógicas do slackline no que tange ao seu duplo aspecto, como veículo de educação e como objeto capaz de promover mudanças na forma como o ser humano se relaciona com o meio ambiente e principalmente com as árvores. Nesse sentido, a escola enquanto o espaço formal de ensino apresenta ferramentas capazes de promover mudanças no cenário atual, como apresentado na pesquisa. Temos consciência que o slackline isoladamente não é capaz de sensibilizar os sujeitos para mudar a forma como vê a natureza, tampouco na sua relação com ela. Todavia, acreditamos que por meio da apropriação dessa modalidade, aqueles sujeitos que buscam usufruir do seu tempo disponível por meio de uma prática corporal, podem aprender a respeitar os espaços naturais, haja vista que em sua maioria as ancoragens são realizadas em árvores, o que coloca essas estruturas naturais numa posição central nessa relação.

Entretanto, essa pesquisa apresentou horizontes que devido os instrumentos utilizados para a sua realização, não foi possível alcançar. Devido ao seu caráter coletivo, as relações que ocorrem nesses grupos podem evidenciar mais aspectos a respeito da organização interna dessa modalidade do que aquelas levantadas por meio dos questionários e observações, nesse sentido, outras metodologias mais flexíveis que priorizem as questões subjetivas em detrimento daquelas objetivas nos parecem ser capazes de ilustrar outras realidades que não fomos capazes de analisar.

Ademais, o campo do lazer de aventura vem crescendo constantemente, novas práticas corporais vêm surgindo o que demanda olhares atentos do campo científico para essas manifestações que nos parecem em certa medida ser capazes de promover uma educação para as sensibilidades diferentes daquelas tradicionais. A proximidade com o ambiente natural pode ser capaz de alterar as relações humanas estabelecidas numa sociedade pautada em questões econômicas e quantificadora.

Para tanto, é necessário pavimentar novos caminhos para uma outra sociedade, criarmos pontes que aproximem os sujeitos por meio da afetividade, cooperação, emoção numa perspectiva de educação sensível. Por fim, ressaltamos que essa investigação buscou iniciar um diálogo com o slackline no âmbito do lazer, o que nos parece ser uma tarefa embrionária e que apresenta potencialidades para refletirmos novas formas de usufruir da natureza com respeito e equilíbrio.

REFERÊNCIAS

- ASHBURN, H. **HT SLACKLINE: A COMPREHENSIVE GUIDE**. Rowman & Littlefield, 2013.
- ALVES, M, P. Colaboradores. Conflito Sociambiental nas Áreas de Lazer em Volta Redonda: a inclusão do slackline no cotidiano da cidade. **Revista Práxis**, v. 11, n. 21, 2019.
- ANÁPOLIS. **Lei orgânica municipal de Anápolis**. 2023, disponível em <: https://sapl.anapolis.go.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/1907/1424/lei_organica_do_municipio_de_anapolis_-_atualizada_23.02.2023.pdf:> acessado em 16 de fevereiro de 2023.
- ARMAS, C, S.; INÁCIO, H, L, D. Seres humanos e natureza: o lazer como mediação. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 13, n. 2, 2010, p. 1-29.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e actualizada. Lisboa: edições 70, 2009.
- BARD, R. D.; MATUZAWA, F. L.; MÜLBERT, A. L. Uso de tecnologia educacional em uma escola pública municipal: uma experiência de avaliação formativa usando o formulário Google. **Tecnologias na Educação, ano**, v. 9, p. 1-12, 2017.
- BETRÁN, J, O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física y deportes**. Barcelona, n. 41, p.5-8, 1995.
- BETRÁN, J, O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alciane; BRUHNS, Heloisa. **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, p.15-7202, 2003.
- BUNGENSTAB, G, C. et al. Educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais (de aventura). **Corpoconsciência**, v, 21 – 03 set/dezembro de 2017.
- BRASIL. **Diesporte caderno 2: Diagnóstico Nacional do Esporte**. Ministério do Esporte. Brasília, 2016.
- BRUHNS, H, T. A crise do lazer moderno e concepções de corpo. **LICERE**, v. 12, n. 4, 2009.
- _____. Ecoturismo e caminhada: na trilha das ideias. In: **Viagens, Lazer e Esporte: O Espaço da Natureza**. (org): MARINHO, A.; _____. Barueri, Manole 2006, p. 27-42.
- _____. A crise do lazer moderno e concepções de corpo. **Licere**, v.12, n.4, dez. 2014, p. 1-18.

- _____. O corpo contemporâneo. In: _____.; Gutierrez, Gustavo Luis (Org.). O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 89-102.
- _____. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência e meio ambiente. **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 3, p. 7–26, 2007.
- CARVALHO, Renan, R. **As Práticas Corporais nas Tribos Urbanas da Orla: Uma Investigação Com skatistas e Praticantes de slackline**. [Monografia] Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- CAMARGO, Luíz O, L. **Educação para o Lazer**: São Paulo. Moderna, 1998.
- CAVENDISH, R. **A primeira caminhada na corda bamba de blondin pelas cataratas do niágara**. Publicado no History Today vol. 59, edição 6 de junho de 2009. Disponível em: <<https://www.historytoday.com/archive/blondin%E2%80%99s-first-tightrope-walk-across-niagara-falls>>. Acesso em: 07 de julho de 2021.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5º ed. Saraiva, 2005.
- FOLHAZ. Conheça o slackline, esporte radical que invadiu Aparecida e Goiânia. **Folhaz**. 25 de fev. 2020. Disponível em: <<https://folhaz.com.br/sem-categoria/slackline-esporte-goiania-aparecida/>> acesso em: 10 de agosto de 2021.
- GIL, A, C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º edição, ed. Atlas, 2002.
- Gil, A, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GOIÂNIA. **Conheça os 42 parques de Goiânia que são opções de lazer nas férias**. Disponível em: < <https://www.goiania.go.gov.br/conheca-os-42-parques-de-goiania-que-saoopcoes-de-lazer-nas-ferias/>>. Acessado em: 29 de abril de 2021.
- GOMES, L, C. **Dicionário crítico do lazer**. Editora autêntica Belo horizonte, 2004.
- LAZZAROTTI, A.; et. al. O termo práticas corporais na literatura científica Brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 11-29, jan/mar, 2010.
- INÁCIO, H, L, D.; et al. Bastidores das práticas de aventura na natureza: (in) SILVA, A, M. DAMIANI, I, R (Org). **Práticas Corporais: Experiência em Educação Física para uma formação humana**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 3v. 35-61. 2005.
- _____. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando G.; Fensterseifer, Paulo E. **Dicionário Crítico da Educação Física**. São Paulo. Editora Unijuí, 2014.
- _____. Proposta de classificação das práticas corporais de Aventura para o Ensino na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, 2021.

_____.; FERREIRA, V. D. Práticas corporais de aventura em Pirenópolis (GO): uma análise sobre o perfil de consciência ambiental e comportamento responsável. rev. **Licere**, 2017, p. 67-98.

KROISS, A. **Der Trendsport Slacklinen und seine Anwendbarkeit im Schulsport**. Munique: Alemanha. Universidade Técnica de Munique, 2007.

LAVOURA, T, N. SCHWARTZ, G, M. MACHADO, A, A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Rev. bras. Educação Física. Esp.** v. 22, n.2, p. 119-127, abr./jun.2008. São Paulo.

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Autores Associados, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, 5º edição, ed. Atlas, 2003.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2º edição Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1996.

MARINHO, A.; BRUHNS, H. **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

_____. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência**, n. 22, p. 47-70, 2004.

_____.; INÁCIO, H, L, D. **Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

_____. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: **Viagens, Lazer e Esporte: O Espaço da Natureza**. (orgs): _____.; BRUHNS, H. T. Barueri, Manole 2006, p. 1-26.

_____. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza.

Movimento, Porto Alegre, v.14, n.02, 2008, p. 181-206.

_____.; BRUHNS, H. T. Escalada urbana - faces de uma identidade cultural contemporânea.

Movimento, vol. 7, núm. 14, julho, 2001, p. 37-48.

MARCELLINO, N, C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1992.

MARCELLINO, N, C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: autores associados. 2012.

MARCASSA, L.; MASCARENHAS, F. Lazer. In: GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P.E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 255-259.

MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio: Teses Acerca da Anatomia do Lazer.**

Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

2005a.

MASCARENHAS, F. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Movimento**,

v. 11, n. 3, p. 155-182, 2005b.

MINAYO, M, C, S.; DESLANDES, S, F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORAES, G, G.; INÁCIO, H, L, D. O ensino das práticas corporais de aventura na educação física escolar: **revista do programa de pós-graduação em ensino universitário estadual do norte do paraná.** Cornélio Procópio (PR), v.6, n.2, p. 61-84, 2022.

MELO, V, A.; ALVES JUNIOR, E, D. **Introdução ao lazer.** Barueri, SP, 2003.

PAULA, Sávia Marcella Ribeiro Rocha de et al. **PARQUES EM ANÁPOLIS-GOIÁS O CONTATO COM A NATUREZA E A SAÚDE.** [dissertação de mestrado], 2009.

PEREIRA, L, F. **Motivação para a permanência na prática de slackline.** Monografia apresentada no Centro de Educação Física e Desporto (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). 2017.

PEREIRA, L, F. **O Trickline e os Seus Protagonistas: A Motivação dos Slackers para o Ingresso e a Permanência nessa Prática Esportiva.** Dissertação (mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos. 2020.

PEREIRA, D, W. ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura: Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola.** 2º ed. atualizada, Jundiaí, SP. Fontoura, 2017.

PEREIRA, D, W. **Slackline: Vivências acadêmicas na Educação Física.** **Motrivivência**, n.41, p.223-233. Dez/2013.

PIMENTEL, G, G, A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, p. 687-700, 2013.

_____. Risco e sociabilidade no voo livre. In: **Em busca de aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza.** (org): DIAS, C, A, G, D.; ALVES JUNIOR, E, D. Niterói, 2009, p. 82-96.

_____. Aventuras de Lazer na natureza: o que buscar nelas? In: **Viagens, Lazer e Esporte: O Espaço da Natureza.** (orgs): MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. Barueri, Manole 2006, p. 43-73.

_____. Aspectos socioculturais na percepção da qualidade de vida entre praticantes de esportes de aventura. **Revista de Salud Pública**, v. 10, p. 561-570, 2008.

PLAICKNER, T. **Slackline: eine sportwissenschaftlich philosophische Argumentation für eine ganzheitliche Didaktik**. Tese de Doutorado. Karl-Franzens-Universität Graz. Set/2018.

RICHARDSON, R, J.; Colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ªed. São Paulo, 2012.

RIBEIRO, G. A. **Descrição da Movimentação corporal Durante o Apoio Unipodal no slackline: Estudo Comparativo entre Praticante e Iniciante**. [Monografia] Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2014.

RODRIGUES, C.; JUNIOR, L, G. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 987-995, 2009.

SILVA, A, M. Entre o Corpo e as Práticas Corporais. **Rev. Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v. 10, n 1, p. 5-20, jan/jun, 2014.

SILVA, M. A.; colaboradores. “Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais” In: orgs. FALCÃO, JLC; SARAIVA, M, C “Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: (In) Tensas Experiências”. **Copiart, Florianópolis**, 2009.

SILVA, A, M.; DAMIANI, I, R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In. _____ **Práticas corporais:gênese de um movimento investigativo na educação física**, volume 1. Florianopolis: Nauembru, Ciência & Arte, 2005.

SILVA, A, F.; colaboradores. Web 2.0 e pesquisa: um estudo do Google Docs em métodos quantitativos. **RENOTE**, v. 9, n. 2, 2011.

SOUZA, J. PIMENTEL, G, G, A. Práticas corporais de aventura e biográficas de movimento na educação física escolar. **Humanidades e Inovação**. Palmas, v. 7, n.10 Abr 2020.

SANTOS, P, M.; MARINHO, A. SLACKLINE E EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO DE EXTENSÃO “LAZER E RECREAÇÃO”. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014, p. 306-328.

SODRÉ, J, G, H, H. **Caracterizando o perfil dos praticantes de slackline no Brasil segundo as redes sociais**. [Monografia] Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências aplicadas 2015.

SODRÉ, J, G, H, H.; colaboradores Caracterização do perfil dos praticantes de Slackline no Brasil. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 1, p. 4-12, 2017.

SLACK, N.; STUART, C.; ROBERT, J.; **Administração da produção**. 2ª edição, Atlas, São Paulo 2002.

THOMANN, A. Learning concepts in slacklining: outdoor activities in educational and recreational programs. In BALÁŠ, J.; NOVÁKOVÁ, L. Outdoor activities in educational and recreational programmes. **5th International mountain and outdoor sports conference**, 2010. Svatý Jan pod Skalou: FALON, 2012.

The Blondin Memorial Trust Funambulus – **Funambulus – A Potted History**. Disponível em <: <https://www.blondinmemorialtrust.com/funambulus:>> acessado em 23 de novembro de 2021.

TRIVIÑOS, A, N, S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UVINHA, R, R. **Lazer na adolescência: uma análise sobre os skatistas do ABC paulista**. Dissertação de mestrado em Educação Física. Faculdade de Educação Física, **Campinas–SP**, 1997.

UBALDO, J, V. **Estilo de vida e perfil dos praticantes de *highline* da cidade de Florianópolis-SC**. Repositório Universitário da ânima. Trabalho de Conclusão de Curso, 2018.

VALLERY, H.; NEUMANN, J. **Balancing on slacklines: Modeling and empirical evaluation**. 2013. Disponível em:< http://www.cmu.edu/dynamicwalking/files/abstracts/vallery_2013DW.pdf>. acessado em: 15 de abril de 2021.

XAVIER, G, C. **Slackline em Porto Alegre – Configurações da Prática**. [Monografia] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

Referências do slackline presentes no site da ISA:

BUCKINGHAM, T.; SPÖTTL, T. **Longlines – recomendações para praticantes de longline**. Associação Internacional de Slackline, jun/2016. Disponível em <: <https://docs.google.com/file/d/1By0IBoKGiKAztLg38dq5QQjITTNZxIyE/view>> acessado em 22 de outubro de 2022.

BUCKINGHAM, T.; GESING, P. **Midlines – Highlines baixos**. Associação internacional de Slackline. Out/2015. Disponível em:< https://docs.google.com/file/d/13sf1R9_osRTFVPKgvTX80_eJu4c49UtN/view> acessado em 22 de outubro de 2022.

GMEINER, S.; GESING, P. A “socio-scientific” view on the slackline Community.

Associação Internacional de Slackline. 2018. Disponível em :<

<https://docs.google.com/file/d/1RrBXEVsXsYZ6Dgn7ogWfHHLk6qMIHvAL/view>>:

acessado em 22 de outubro de 2022.

JÖRREN, D.; colaboradores. **Forças em *highline***. Associação Internacional de Slackline.

Dez/2015. Disponível em :< [https://docs.google.com/file/d/1NWZeicx-](https://docs.google.com/file/d/1NWZeicx-JUbQKQc09f43rwPNeBY42e8B/view)

[JUbQKQc09f43rwPNeBY42e8B/view](https://docs.google.com/file/d/1NWZeicx-JUbQKQc09f43rwPNeBY42e8B/view)> acessado em 22 de outubro de 2022.

WITZ, B.; BUCKINGHAM, T. **Highlining - Os 10 pontos mais importantes**. Swiss

slackline, fédération Suisse de slackline. Fevereiro de 2014, Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/1iHj5Q_HqP_BeOvYmr6gagVbUZ6DSael6/view>

acessado em 22 de outubro de 2022.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr.(a) foi convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**A PRÁTICA DO SLACKLINE: UM DIAGNÓSTICO DE SUA INCIDÊNCIA NO ESTADO DE GOIÁS**”. Meu nome é **Diogo Geraldo da Silva Guedes**, sou o pesquisador responsável, sob a orientação do Professor Doutor **Humberto Luís de Deus Inácio**.

Essa pesquisa tem como objetivo apresentar um levantamento diagnóstico sobre a prática do slackline no Estado de Goiás, além de compreender quem são os sujeitos que buscam essa prática, e quais suas finalidades com essa prática corporal. A sua participação no estudo consistirá no preenchimento de um questionário informativo enviado pela plataforma *Google Forms*. O(A) Sr.(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o(a) Sr.(a) não será contatado(a) pelos pesquisadores.

Informamos que o risco, durante e após a realização da pesquisa, é mínimo. Devido ao fato de se tratar de um estudo diagnóstico do slackline no Estado de Goiás, ou seja, a sua participação se restringirá a fornecer informações por meio do questionário não havendo qualquer risco a sua integridade física. Você poderá consultar os dados e as informações relacionadas aos procedimentos da pesquisa durante todas as etapas dos estudos. Caso tenha alguma dúvida estamos a sua disposição para os esclarecimentos. Para evitar riscos/constrangimentos utilizaremos pseudônimos com o objetivo de manter a sua confidencialidade, sigilo e privacidade inclusive após a publicação. Por fim, ressaltamos que a sua participação não terá nenhum custo e você não receberá qualquer vantagem financeira. Os benefícios desse estudo se restringem aos seus resultados que serão compartilhados por meio de publicações que possibilitarão um maior conhecimento acerca do slackline.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o(a) Sr.(a) pode contatar o pesquisador responsável via e-mail: diogo0424@gmail.com, ou por ligação no seguinte canal: (62)99333-3533. Caso haja considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG), campus Samambaia. Av. Esperança, s/n. Chácara de Recreio, Samambaia, Goiânia/GO, telefone: (62) 3521-1215/ 3521-2045. CEP: 74690-900.

Declaro que fui informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinado pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricado digitalmente em todas as páginas.

LOCAL, DATA.

Participante da Pesquisa/Responsável Legal

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “**A PRÁTICA DO SLACKLINE: UM DIAGNÓSTICO DE SUA INCIDÊNCIA NO ESTADO DE GOIÁS**”, eu Humberto Luis de Deus Inácio, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV,3 e IV,4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Pesquisador

ANEXO 2**A PRÁTICA DO SLACKLINE: UM DIAGNÓSTICO DE SUA INCIDÊNCIA NO ESTADO DE GOIÁS**

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física e Dança

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO**(1) PERFIL SÓCIOECONÔMICO:**

*Obrigatório

Cidade e estado em que reside? *

Ex: Pirenópolis, Goiás.

Identidade de gênero*

Masculino ()

Feminino ()

Outros:

Idade*

0-15 anos

16-20 anos

21-25 anos

26-30 anos

31-40 anos

Acima de 41 anos

Nível de formação escolar*

- Sem escolaridade

- Ensino fundamental

- Ensino médio

- Ensino técnico

- Ensino Superior

- Pós-graduação (Mestrado/Doutorado)

Atuação Profissional*

- Trabalho fixo (CLT, concursado)

- Trabalho autônomo

- Desempregado

- Estudante

- Aposentado

- Outro

Faixa Salarial*

- Inferior a 1 salário-mínimo (1.212,00)
- Entre 1 e 2 salários-mínimos (1.212,00 e 2.424,00)
- Entre 2 e 4 salários-mínimos (2.424,00 e 4.848,00)
- Entre 4 e 6 salários-mínimos (4.848,00 e 7.272,00)
- Acima de 6 salários-mínimos (7.272,00)

(2) QUESTÕES SOBRE O *SLACKLINE*

Como conheceu o slackline? *

- Redes sociais e internet
- Nas praças e bosques da cidade
- Por meio de um amigo
- Na escola
- Outros:

Como foi sua introdução no slackline? *

- Sozinho
- Com professor
- Em grupo de amigos
- Outros:

Frequentemente, você pratica slackline? *

- Em grupo
- Sozinho
- Na escola
- Com um amigo
- Outro:

Caso você pratique em grupo, qual o nome dele e onde ele se reúne?
(dissertativo)

A quanto tempo você pratica slackline? *

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 2 anos
- Entre 2 e 3 anos
- Entre 3 e 4 anos
- Entre 4 e 5 anos
- Entre 5 e 6 anos
- Mais de 6 anos

Quantas vezes você pratica slackline?

- 1 a 2 vezes por semana
- 3 a 4 vezes por semana

- 5 a 6 vezes por semana
- Todos os dias da semana
- 1 a 2 vezes por mês
- Apenas nos finais de semana
- Outro:

Quais variações de slackline você mais pratica? Marque até 3 opções se necessário*

- Iniciante
- *Trickline*
- *Highline*
- *Longline*
- *Waterline*
- *Yogaline*
- Outros:

Quais os locais que você geralmente pratica slackline? Marque até 3 opções se necessárias*

- Praças e bosques
- Clube
- Escola
- Faculdade
- Terrenos abandonados
- Cachoeiras
- Montanhas
- Rios
- Lago/lagoa
- Outro

O que te motiva a praticar o slackline? Marque até 3 opções se necessário *

- Melhorar a saúde
- Condicionamento físico
- Melhorar a concentração
- Para relacionar com os amigos/ ou fazer novos
- Aliviar o stress
- Apenas por lazer
- Profissional (vivo profissionalmente do slackline)
- Outros:

Você faz outras práticas corporais no seu momento de lazer? * Marque quantas opções necessárias

- Futebol
- Escalada/Rapel
- Vôlei
- Skate
- Basquete
- Patins
- Handebol
- Corrida

- Bicicleta
- Corrida
- Outro

Qual sua opinião sobre a segurança dos equipamentos, dos locais e da comunidade do slackline?

(dissertativa)

Em relação aos seus gastos com equipamentos de slackline, quanto você já investiu em equipamento? *

- Inferior a 100 reais
- Entre 100 e 300 reais
- Entre 300 e 600 reais
- Entre 600 a 1000 reais
- Entre 1000 e 2000 reais
- Entre 2000 e 3000 mil reais
- Acima de 3000 mil reais.

Você acredita que o slackline é uma prática corporal de fácil acesso? *

- Sim, é possível adquirir equipamentos mais em conta no início
- Não, os equipamentos profissionais têm altos custos.
- Sim, é possível adquirir equipamentos em grupo, pois pratico com várias pessoas.
- Não, pois essa modalidade é uma prática que exige equipamentos especializados de slackline.
- Outro

(3) MAPEAMENTO DOS LOCAIS ONDE PRATICAM O SLACKLINE

Descreva as variações que você pratica e os locais e cidades onde elas se localizam, (qual o nome do local praticado e cidade? (caso tenha mais de 1 local, descrevam-nos seguindo o exemplo)

EX: Parque macambira, Goiânia/Goiás.

Você se desloca entre municípios para praticar slackline no Estado de Goiás? *

Sim ()
Não ()

Quais cidades você geralmente busca para a prática do slackline? *
(marque quantas forem necessárias)

(Dissertativa)

Existem associações que representam os slackliners no Estado de Goiás?

Existem eventos que reúnem praticantes de slackline no Estado de Goiás?
(Caso conheça, cite-os)

EX: evento goiano de *trickline* “*trick-GO*”

ANEXO 3**Roteiro de Campo****Anotações de campo de natureza descritiva**

Nome da instituição que patrocina a pesquisa:

Nome da pesquisa:

Nome do coordenador da pesquisa:

Telefone:

Nome do observador:

Tipo de observação (livre ou estruturada):

Assunto observado:

N.º da observação:

Local: Dia: Mês: Ano: Hora: Duração:

Data da realização do comentário crítico:

Nome do investigador que realizou o comentário crítico:

Roteiro Campo

1. Descrição do tipo de prática de slackline que está ocorrendo
2. Descrição da quantidade de slackliners
3. Descrição do local
4. Descrição de comportamentos, ações, atitudes...
5. Descrição dos diálogos.
6. Anotações de campo de natureza reflexiva